

ANSELMO RIBAS  
(COELHO NETTO)

ESTADO DO MARANHÃO  
BIBLIOTECA PÚBLICA

869.3 B  
C. 672

Por montes

E

Valles

REGISTRO SETORIAL
Secção Obras Raras
Nº. 1635
Data 04 / 04 / 74

(OURO PRETO E VASSOURAS)

DRMP  
869.3  
C. 672



*A Biblioteca Pública do Maranhão  
oferece o Maranhão  
Dr. Domingos de Magalhães*

20/1/74

RIO DE JANEIRO

Officinas da Livraria Moderna

DOMINGOS DE MAGALHÃES — EDITOR-PROPRIETÁRIO

126 Rua do Lavradio 126

J. G. DE AZEVEDO & C. — EDITORES

33, Rua da Uruguayana, 33

I .

**OURO PRETO**

1893

BIBLIOTHECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO

# POR MONTES E VALLES

BIBLIOTHECA PUBLICA

I do

ESTADO DO MARANHÃO

Aurelio, tu que foste olhando essa paizagem tão cheia de imprevistas nuanças : ora de um verde fino, tirando levemente á côr das aguas marinhas, ora de um verde quente, flavo e rútilo, polvilhado de ouro, sob a radiação caustica do sol ; Aurelio, tu que ficaste embevecido diante das altivas montanhas, de esmeralda as mais proximas, as longinquas da côr do lazulite ; tu, que não mediste o teu enthusiasmo diante das aguas encachoeiradas do lutulento Parahyba múrmuro, aguas que se espraiam preguiçosamente, franzidas pela brisa perenne dos campos, afloradas pela ramaria das arvores que se debruçam sobre a sua superficie escura — verdura amphibia : das ilhas pelas raizes ; das aguas pelas franças virides ; aguas que subitamente passam da tranquillidade á furia e fervem em cachões e espirram como geysers, elevando columnas alvas de

espuma e rolam, colleiam, saltam, de penhasco em penhasco, precipites, troantes, curveteando pelas gargantas para de novo abrirem-se em serenos e placidos estuarios, sobre os quaes, além das ilhas, pequenas como camalotes, parece que se vê fugir um rebanho de crocodilos negros, vendo-se as pedras em fila ao longo do rio, disseminadamente, estiradas, com o dorso ao sol, como os saurios quando, adormecidos, se deixam levar ao sabor das correntes; tu que viste esse meigo azul, mais limpido do que o dos olhos das virgens do Tadema, dize com o teu estylo colorido, exprime com os teus pinccis tudo quanto sentiste, tudo quanto sentimos em todo esse meio dia de extase entre o diluir da nevoa da manhã e o saudoso baixar da nevoa do crepusculo atravez das veigas que fomos contemplando com os olhos extasiados e cheio de poeira.

Dize tu a paizagem — exprime-a mas com cuidado, que não succeda esqueceres os ligeiros accesorios simples e encantadores que nos foram surgindo ao longo do caminho, ora á beira da estrada ora á sombra vetusta das mattas: «Certa casinha rustica, protegida pela selva intensa de um monte: á frente o terreiro e uma figura de mulher agachada debaixo d'uma vacca, a mugir, lombras-te? Ao fundo da casa, do alto de uma pedra immensa, cheia de uma guedelha glauca de fetos e de musgos, aguas de prata despenhavam-se e, no valle, uma cabrinha attonita e pasmada debatia-se, saltava, procurando rebentar a corda que a prendia a



um tronco, berrando de pavor á passagem rapida do expresso.

Mais longe, n'um canto aspero, outra palhoça, em ruinas—o bosque magestoso em torno e solitariamente um negro, um grande negro, de catadura selvagem, sentado sobre um tronco, o cachimbo nos beiços, olhando distrahido tendo aos pés um cão. E os rebanhos espalhados pelos campos, sem pastor, na grande e serena liberdade das terras floridas; e os corregos serpentinicos, d'aguas cantantes; e os cerros de fórmãs várias. Subito uma casa de muros de taipa, outra, ao fundo de uma horta viçosa—horta e jardim ao mesmo tempo: legumes e flores; uma criança á porta, em fraldas de camizá, rindo; cães que investiam com o trem, a correr e a ladrar, outras casas, muros emmaranhados de herva, açucenas florindo sobre as aguas dos banhados e, imprevista, em surpresa, uma cidade que apparecia — o casario entre arvores, densas verduras e o destaque de um muro alvadio, culturas, choças e, no cimo de um colle, dominando pastoralmente o rebanho, a igreja parochial, com a sua torre aguda, tropas sertanejas, atravessando as ruas, carros, ruaes cruzando os carreirinhos e um rostinho surprehido, junto a uma cerca, timido e formoso, com dois olhos negros, cheios de curiosidade, mirando travesadamente os que das janellas dos wagons olhavam.

Fidelidade sobre tudo, artista amigo.

Os cabellos que viste, negros e luzidios, com uma flôr

entre as ondas de azeviche, deixa-os na desordem em que os suprendeste ; deixa nús os pés da caipirinha arisca, nús como os vimos pisando alegres a poeira dos caminhos e, se tiveres tempo, pinta-me esse estupendo e formidavel macho sertanejo, o homem mais homem que jamais hei visto, que tomou logar á cabeceira da mesa em que jantámos ; pinta-m'o para que fique perpetuado esse modelo magnifico do animal humano e, deixa que eu diga em auxilio do retrato, para que o leitor possa fazer idéa do que era esse magestoso gigante : Vi perderem-se por tras da floresta negra das suas barbas, que faziam sombra como as copas das arvores, dois pratos de sopa e oito de diversas iguarias, inclusive um frango, um alentado frango, que ornava a mesá e que desapareceu tambem no vortice faminto que a brenha capillar perfidamente occultava. Quando esse soberbo colosso deixou a mesa os pratos reluziam e Riancho, desolado e com fome, bradou desesperadamente que lhe trouxessem de comer, porque nada mais havia sobre a toalha—apenas um calice atochado de palitos e olhares enternecidos e cheios de gula dos commensaes viajeiros. Pantagruel sertanejo, farto, empanturrado, era o unico que sorria embrulhando, para o resto da viagem, alguns pães e lascas de fiambre.

Se queres ir mais longe, Aurelio, dá-nos em um *fusain*, á maneira de Lhermite, esse pateo que atravessámos entre o hotel e a estação—especie de *cour de ferme*, com a carreta rustica a um canto, os bácoros gru-

nhindo por entre os grandes bois que ruminavam deitados, com a canga no toutiço nedio, enquanto o carreiro, com o largo chapeirão sobre o rosto, ao lado, em cima da palha esparsa, a vara de carrear, dormia sob um telheiro coalhado de pombos.

Não esqueças a velhita encarquilhada e trefega, velhita de lenda—bruxa na figura ésguia e esqualida, de rijos angulos d'ossos, fada na expressão dulcissima dos olhos bons e cheios de meiguice, olhos enternecidos de ayósinha, olhos lavados em muitas lagrimas, enxugados em muitas alegrias, olhinhos vivos e travessos apezar de esmaecidos pelos annos. Não esqueças a velhita a espalhar o grão: mancheias para a direita, mancheias para a esquerda, caearejando ás gallinhas que acudiam aos vãos, mais os pombos que baixavam dos telheiros visinhos com crebos ruffos d'azas trepidas. Vai bem na singeleza desse quadro a figura ancestral da caseira velhinha—a cabecinha branca, a saiazinha escura, girogirando entre as aves, á proporção que a tarde envolve-se na bruma e no céu as estrellas despontam e scintillam.

Mas, deixemos esse canto, que outro comboio silva: é o trem do ramal que nos vai levar serra acima, ao longo de abysmos profundissimos, por entre desfiladeiros asperos, talhados nas rochas millenares. Vamos! As malas, já os petizes accomodaram nos wagons. Trilam apitos, bradam. «Quem embarca?» Nós, não havemos de ficar aqui. Adeus, linda velhita de-lenda... adeus!

Quem me dera ser poeta...!-Ah! se as musas me ti-



vessem favorecido, que lindos versos meigos eu deixaria no teu regaço, para que te lembrasses de mim nas tuas orações. Ah! se eu fosse como os que cultivam rimas! Mas, vamos... são hora! Adeus, velhinha, adeus! Depressa... e não é sem tempo. Ah! vamos.

Oh! grande noite serena, mãe dos lirios, dá-nos a luz da tua lampada suave para que ainda possamos ver esses caminhos por onde vamos, que dizem ser de lindo aspecto: boeiros de mármore e todo o leito da estrada de cascalhos de gandarella. Vem ao céu, plenilunio argentino desalrocha e aclara o nosso itinerário.

Sobre o cimo de um monte um reverbero diaphano apparece: é o luar; emerge uma aresta aguda e vagaroso o crescente rutila recortando o azul como a lamina de uma foice.

Linda noite! murmuram. Debruço-me á janella do wagon olhando a paizagem banhada no alvo e transparente luar... Abrupto densas trevas cegam-me de chofre, range o trem, solavanca, trepida, estronda atravez da espessidão tenebrosa de um tunnel... O luar de novo montes como grandes accumulolos de sombra e fagulhas que passam no ar frio da noite socegada. Ao longe, raro om raro, luzes—choças; de certo cantam la dentro modas sertanejas. Que saudades me trazem essas cabanas pobres...

Minha terra! Minha terra! nas campinas do teu sertão é assim que a gente mora—uma cabana de palha e o yasto campo em torno; emtanto... que de amores;



Deus meu! e a Felicidade parece que prefere as choças — raro é o pranto e o sorriso é o penate rustico. Novó tunnel. Recolho-me.

Riancho dorme, as mãos cruzadas sobre o ventre, as pernas estiradas, a bocca aberta, resomnando como um abbado depois da refeição beata. Pobre amigo! o somno é o alimento, não só dos pobres como dos que costumam jantar em Laffayette onde se não janta. Dorme sobre o teu apetite e deixa-me a tortura da vigilia com a fome bravia que me trucidada o estomago. Volvo os olhos febris... physionomias tragicas, faces cavadas, olhos fundos— a jangada da *Medusa* não arrastou pelos mares mais avides do que transporta esse wagon de primeira que nos leva pela serras brumosas do paiz mineiro.

Riancho mastiga em secco... Sonha, talvez, o pobre e faminto amigo, sonha talvez com as iguarias dos balcões de gare—kilometros de linguiças e queijos, do tamanho das rodas syrias das carretas, pães de lot e brôas phenomenaes. O sonho illude-o. Reccio perdel-o em caminho. Que dôr para minh'alma sé esse leal e affectuoso amigo extingue-se inanido nos meus braços. Mastiga o teu sonho enquanto andamos. Noite amiga, vela pelo somno d'essa resignada victima do hotel.

Uma estação. Devasso a gare—nada. Um homem apenas, empregado dos trens, surge apressado bradando o meu nome: «Está ahi o Sr. F.? Quem é?» «Sou eu!» declaro com a voz quasi sumida e o homem explica-me, mostrando-me um telegramma, «que um amigo espe-

ra-me na estação de Ouro Preto para hospedar-me.»  
Agradeço e Riancho, abrindo os pequeninos olhos, indaga :

— Chegamos?

— Ainda não, murmuro exausto.

— Ah! então morro! e cae sobre o banco «como um corpo morto cae.»

Oh! leguas crueis, piedade! Mais rapido, machinista, minha unica esperança. «Que horas são?» pergunto «Nove!» responde-me um solícito velhote. E, uma moçinha, de gorro de velludo, levanta para o meu rosto os grandes olhos tristes e nelles leio, atravez da humidade e da resplandescencia—que ella jantou tambem em Lafayette. Ah! mas para as formosas mulheres delicadas bastam um pouco de sonho e duas gottas de orvalho; posso servir-lhe um pouco do sonho do meu amigo mas...

— Ouro Preto! grita o chefe do trem recebendo os bilhetes.

— Riancho! de pé! Eis-nos chegados!

Gargantas entre montes, desfiladeiros negros... sombras, sombras, sombras, o rebôo do comboio atravessando valles pedregosos, um silvo agudissimo, fino, voltas aos trancos com um estrepito de ferragens, mais serras, uma luz vermelha... Passageiros sacodem-se desempoeirando-se, ferverem os freios, a marcha vai-se tornando lenta, subito uma multidão... olho pela janellinha, miram-me muitos olhos, muitos, alguém accena-me... Riancho in-

clina-se sobre o meu hombro e ouço-lhe a voz :—Até que  
enfim: vamos comer... e dormir...

— Até que enfim ! Estrugem vivas, acclamações...  
Desço, abrem-se braços. Vivas ! Vivas ! Eu agradeço  
e... a commoção obriga-me a rematar o capitulo.

BIBLIOTHECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO

II

Hercules recebido em Corunna e encantado com a hospitalidade da gente, então chamada brigantina, deixou em uma torre da cidade, rememorando a sua gratidão, uma lembrança carissima aos olhos e aos corações dos que o haviam recebido. Eu, infelizmente, sem dotes divinos, que podia deixar como recordação do meu commovido e eterno reconhecimento a esse bom povo do valle e da montanha, que abriu diante de mim as portas dos seus lares para que eu entrasse, acolhendome com a bondade e a franqueza com que os patriarchas primitivos acolhiam, sob o estendal de folhas, á porta da çabana, o peregrino exausto dando-lhe a beber pela amphora que a filha mais moça ds casal descia a encher na fonte proxima?

Que podia eu dizer a essa boa gente tão affectuosa e tão simples? Que me releve o silencio, porque, em verdade, devo confessar—fallecem-me os termos e não acho



— Evohê! E os deuses repelliam dos seus banquetes olympicos esta magnifica bebida...

— Que bebida? indago.

— Agua, homem. Que vide ha no mundo que estille tão prodigioso licor...? E Riancho olha atravez do copo defrontando-o com a luz.— Linda agua! e yira.— Então? pergunto. O critico, pondo os olhos em alvo, estala a lingua voluptuosamente:

— Admiravel!

— Melhor que o vinho?

— Melhor que o vinho. Mas, alguém do grupo, adianta um conselho: que essa agua clarissima tem qualidades therapeuticas—tem virtudes da lei famosa de setembro, de sorte que eu, que tambem empunho um copo d'agua ouro-pretana, receioso e já prevendo uma noite de arrelia e de marchas pelo escuro em corredores desconhecidos, rejeito a lympha e opto pela cerveja:

— E' ferruginosa... avisam-me.

— Ferruginosa!? hesito, mas, lembrando-me de que estou em terras de minerio, emborco resignado, emquanto o meu incomparavel amigo rola os olhos afflictos, derreado num pliant de linho, afagando o ventre.

— Sentes alguma coisa?

— A agua, filho... suspira.

O quarto em que nos recolhemos, um aposento simples: duas camas.

Atiro-me á primeira que encontro e rólo bocejando:

uma expressão que signifique, tanto quanto desejo, o meu agradecimento.

O' arabes! tereis, por accaso, trazido para essas montanhas a vossa doutrina humana da hospitalidade?

O lar, em Minas, é como os templos na Hellenia—acolhei-vos junto da familia, sentai-vos á mesa, partilhai do pão e do vinho do banquete e sereis considerados inviolaveis como os supplicantes que iam buscar refugio junto do altar dos deuses.

Mas... o meu logar de pousada? o leitor deve estar cansado e eu, eu principalmente, que venho de uma viagem de 17 horas em comboio.

Penetremos: é aqui: Um corredor, uma sala com feição burocratica: mesa de trabalho ao centro, ampla e carregada de papeis, estantes immensas, cheias: leis, e, como violetas entre espinheiros bravos, um ou outro poeta—ao lado da Consolidação, Musset e Byron acotovelando o codigo civil. Recebe-nos um distincto moço de austero traje, alto, cabello rente, barba loira a Francisco I. Apresentam-nos.

— Dr. Affonso A... Um outro, moreno, de bigodes negros: Carlos de C..., o Dr. Cesario A... Sentamos-nos. Tinem crystaes e logo apparece um rapazinho com uma grande bandeja carregada de copos. Circulam bebidas, mas Riancho sedento, repelle as garrafas e pede agua: agua pura, da fonte. O mesmo escanção apressa-se em verter em um copo de crystal as preciosas gottas crystalinas e frescas.

— Evohé! E os deuses repelliam dos seus banquetes olympicos esta magnifica bebida...

— Que bebida? indago.

— Agua, homem. Que vide ha no mundo que estille tão prodigioso licor...? E Riancho olha atravez do copo defrontando-o com a luz.— Linda agua! e vira.— Então? pergunto. O critico, pondo os olhos em alvo, estala a lingua voluptuosamente:

— Admiravel!

— Melhor que o vinho?

— Melhor que o vinho. Mas, alguém do grupo, adianta um conselho: que essa agua clarissima tem qualidades therapeuticas—tem virtudes da lei famosa de setembro, de sorte que eu, que tambem empunho um copo d'agua ouro-pretana, receioso e já prevendo uma noite de arrelia e de marchas pelo escuro em corredores desconhecidos, rejeito a lympha e opto pela cerveja:

— E' ferruginosa... avisam-me.

— Ferruginosa!? hesito, mas, lembrando-me de que estou em terras de minerio, emborco resignado, emquanto o meu incomparavel amigo rola os olhos afflictos, derreado num pliant de linho, afagando o ventre.

— Sentes alguma coisa?

— A agua, filho... suspira.

O quarto em que nos recolhemos, um aposento simples: duas camas.

Atiro-me á primeira que encontro e rólo bocejando:



Riancho, o aquático, descalça os pés doridos commentando a viagem. Fóra, na sala contigua, o Carlos, baixo profundo, canta com sentimento o romance de Wolfram. Oh! tu; bell' astro incantator...

O nosso hospede generoso apparece de vez em quando á porta do quarto : primeiro de sobrecasaca, consulta : se estamos bem ? que desculpemos ; depois em mangas de camisa : se queremos alguma cousa ? leite, café... ?

— Leite, diz Riancho soffrego e eu, estirado :

— Café, doutor... Instantes depois, Patrocínio, o escanção, reaparece distribuindo a ceia — um copazio de leite, meio litro talvez, e o café mineiro. A' vista de algumas fatias de pão barradas de manteiga, Riancho cantarola commovido. Ceia-se e o nosso generoso hospede vem de novo á porta, em menores, já intimo e deseja-nos uma boa noite.

— A que horas costumam a cordar em Minas? indago.

— Eu, ás onze ! — brada o Carlos enrolando-se nos lençoes.

— Eu, ás dez, diz o doutor cofiando a barba loura.

— Eu, desde as tres da madrugada, em qualquer parte do mundo, ameaça Riancho.

— Então até amanhã, ás onze.

— Até amanhã.

Extinguem se as luzes e os sonhos baixam sobre nós. Sobre mim que lindo sonho baixa ! Sonho com um vasto salão romano, de porphyro resplandescente. Lautá mesa



servida copiosamente: javalis inteiros, caças da Asia com as plumagens intactas, fructas sobre crystaes de neve, vinhos raros em amphoras e eu devorando gulosamente a ouvir uma escrava gauleza... Subito accordo sobresaltado, com uma dor agudissima no polegar: trincava o dedo. Mas alguém stertora, anceia, é o meu companheiro. Salto do leito precipitadamente e disper-to-o. Accordam todos attonitos, com luzes— Que é?

— Riancho! — brado.

— Hein?! senta-se estremunhado e esfregando os olhos murmura:

— Ora!... para que me accordaste.

— Estavas mordendo o travesseiro e com tal gana que...

— Pudera...! e pausadamente, sentando-se na cama á maneira japoneza, começa a contar o seu sonho:

Imaginem vocês— Era uma sala de jantar immensa...

BIBLIOTHECA PUBLICA  
III  
ESTADO DO MARANHÃO

Cantam pelos quintaes os gallos e a estrella da manhã scintilla, astro meigo que meus olhos, affeitos á claridade do meio-dia de ouro, raras vezes tem logrado ver quando Riancho, mais esperto que a sentinella da torre de Argos, encarregada de annunciar a vinda de Agamenão, dá o signal de alerta, bradando: — Que nos levantemos para surprender a cidade na singeleza do despertar — os montes safando-se dos lençoes de bruma, os valles bocejando o balsamico halito da brisa perfumada pela flor das silvas, essa mesma bonina que suaviza e aroma a estrophe de Gonzaga e orna, no idylio, os cabellos negros de Marilia.

Faz frio ás 4 da manhã nessa altitude mineira ; os vidros cobrem-se de uma musselina de orvalho, o nariz enrubece e é tão feio sahir a gente para a rua de uma cidade estranha de nariz purpureo quando se tem certeza de que milhares d'olhos lindos espreitam curiosamente por trás das persianas seculares.

Recolho-me. — Não, Riancho! Não me julgues capaz de incorrer no crime desses velhos azevieiros de que falla a Biblia, que, afastando os juncos, foram expiar a nudez de Suzanna. Deixa-me na cama com os meus escrupulos. A Natureza ainda não sahio do seu banho de orvalho; é muito cedo. Deixa que ella se vista, que se enfeite e chama-me então para que eu lhe apresente os meus profundos respeitos, mas, por emquanto, deixa-me dormir. E' muito cedo. Os homens entendem-se melhor com os homens; a Aurora que passe, chama-me quando estiver o sol de fóra: ás dez; e cubro a cabeça. Carlos applaude o meu discurso e ronca e o nobre Dr. Affonso, estremunhado, agitando no ar o braço nu-resmunga, sem levantar a cabeça da almofada:

— «Que é assim mesmo, ás quatro da manhã a natureza é uma estopada!»

Riancho olha-nos com enternecida piedade e deplora a indolencia «mãe de todos os vicios.» E insiste, sacode-me, procurando abalar-me:

— Vem dahi, homem! Pois é crível que alguém deixe de ver a roxa madrugada? Que diabo! Tu vieste a Ouro Preto para ver as maravilhas da terra. Salto indignado;

— Perdão, seja como quizeres, mas eu não vim a Ouro Preto para accordar de vespera... ainda estou na fronteira de hontem. Se tens paixão pela roxa madrugada abre a porta e vae extasiar-te. Eu não, deixa-me aqui. Confesso-te que não tenho curiosidade de



saber a côr da manhã — é alva, dizem, achas que é roxa, melhor.

— Eu e Camões.

— Pois seja, nada tenho com isso. Deixa-me. Só começo a existir das 11 em diaute. Novos olhares piedosos do Riancho.

— Então, adeus!

— Adeus! murmuro; e outras vozes abafadas repetem unisonas: adeus! Ouço os passos do madrugador que se distancia; respiro, mas, quasi ao mesmo tempo a sua voz:

— Não ha por ahi uma planta da cidade?

— Não, resmungam.

— E café?

— E' cedo, senhor; os cozinheiros dormem.

— Mas as vaccas devem estar accordadas; onde poderei achar um estabulo...? Ah! o leite, o succulento leite de Minas! No rio é o meu lunch—um litroziinho ás 2... Vocês aqui bebem pouco leite... Tossem e ouço de novo a voz de Riancho dulçurosa e lenta:

— Eu sou um fantasioso... Tenhe ás vezes idéas extravagantes, extravagantissimas. Não sei porque parecia-me que em Minas devia haver grandes rios de leite e arvores de queijos, de queijos hein? que dizem vocês? Era só a gente descer com um pedaço de pão e appetite e sentado debaixo da queijeira — um copazio de leite e um queijo p'r'o buxo... Entretanto, suspira, parece-me que não ha leite em Minas...



— Pelo amor de Deus ! brada o Carlos, ha leite, leite e queijos, a questão é procural-os. Porque não vai dar uma volta pela cidade...? As manhãs em Ouro Preto são incomparaveis.

— Perdão, ha de permittir que lhe observe que incomparavel é o somno nesta casa. Parece incrível — até eu bocejo, eu que, ás 3 horas na manhã, costume estrair de pé.

— A's 3 da manhã! exclama apavorado o Dr. Affonso e o Carlos, esguedelhado, com os olhos immensos, a phisionomia transtornada como a de Macbeth no festim, tartamudeia tremulo: As 3 da manhã...!!?

— A's 3 da manhã... e isso quando accordo tarde.

— Quer dizer — quando accorda cedo é ás oito da noite...

Presumo um gesto atterrador do Riancho por que... nem me atrevo a descrever o horror contido nesta exclação das vitimas: Virgem Santa, que ha de ser de nós!

— Eu que nunca disse até amanhã porque me deito sempre no dia seguinte, como hei de resistir a este despertador humano—brada o Carlos.

— Eu que...

— E' exacto. A's tres da manhã estou de pé, lavado e prompto, diz.com serenidade Riancho.

— Acreditas na metempsychose, Riancho? indago.

— Por que ?

— Porque. . . está me parecendo que antes de seres homem foste gallo.

— E tu ?

— Eu? uma papoula rubra. . .

Tintinabulos tinem ; ouve-se o tropel precipite de tropas que trotam pela ladeira, vozes de homens, estalos de chicotes ; rodam carros morosos e a luz baça da manhã cõa-se atravez dos vidros das janellas aclarando o interior revolucionado pelo insomne. Em cima, no sobrado, rumor de moveis arrastados, prelúdios de piano. A agua de um chuveiro jorra perto do meu leito e sinto uma impressão de frio como se effectivamente estivesse debaixo d'agua — encolho-me, quem será que se arroja ao *tub* a taes horas matinaes e com tantos grãos abaixo de zero ? (calculo que os grãos do thermometro devem estar transidos como eu. . . ) Brrr ! Subito uma exclamação — a voz é a do Riancho :

— Ora graças a Deus! . . . Tinem louças e crepita alguma cousa que eu imagino ser um pão que alguem trincã. . . e Patrocínio apparece junto do meu leito com uma bandeja e logo em seguida atracado a um pão, grande como uma maça gauleza, o homem, o incomparavel amigo das tres horas.

— Bém gostoso o pão de Ouro Preto ; e rilha.

— Que hei de fazer ? atiro-me ao pão e, cochilando, devoro ; na sala proxima sorvem com voracidade. Ao menos come-se.

— E não dormimos mais! exclama o Carlos com a bocca cheia.

E eu, com desconsolo, voltando á bandeja, tacteando em busca das fatias, repito: E não dormimos... Felizmente, reconfortado com a collação matutina, Riancho resolve ir surprender a cidade e nós então... O' delicia do somno socegado.

A's onze e meia accordámos definitivamente e saímos para o borrifo hygienico. Que brabalho para conseguir molhar a pelle; a agua pinga em gotteira escassa, não é um banho, é o supplicio chinez da gotta d'agua. Esse chuveiro vetusto lavou, de certo, o corpo dos emboabas e dos paulistas de Antonio Dias — é um monumento historico, documento de zinco que attesta o gráo de civilização e de limpeza, nesse tempo voraz de garimpo nas serras da Villa Rica. Em fim... a intenção é que salva. Saio do *tub* como Israel saio do mar Vermelho — enxuto. O Dr. Affonso, depois de algumas palavras de piedade para o banheiro centenario, baixa a cabeça e asperge-se, e com alguns pingos sobre os hombros atira-se ás argolas e desloca, para enrijar a musculatura, ergue o corpo em flexões, recurva-se em sereias; o Carlos esmurra o vacuo em attitude de *boxeur*; eu tiritto a um canto. Acode-nos, de novo, o providente Patrocínio, trazendo-nos novas-chicaras de café — sorvemos gulosamente e, já famintos, recolhemo-nos aos quartos para a toilette do almoço. O Carlos,



em cinco minutos, revela-se um homem do seculo, vestido e perfumado; eu, dentro do meu veston de elasticotine, sacudo-me em violentos impetos energicos para avivar o sangue mas, o Dr. Affonso, em adamita, ensabôa-se, perfuma-se, escolhe a roupa branca, resolve sobre calças, discute a combinação das cores, estuda o effeito de uma gravata, medita sobre a conveniencia de um alfinete no angulo do plastron—uma turmalina, um *clair de lune*, uma moeda grega ou um simples bloco de ouro bruto, e depois do meia hora de paciente trabalho, enfileira a toilette sobre a cama e começa a vestir-se. Enquanto se alinda, rebusco na sua estante, admiro as suas armas e ouço o Carlos :

«Ninon, Ninon.., que fais tu de la vie?»

Eis-nos, emfim, no limiar da porta da casa que nos hospeda. A rua é uma ingreme ladeira, flanqueada de velhas casas contemporaneas desses bravos mineiros que sonharam a liberdade—baixas, atarracadas, saccadas de grossos varões já roídos pela ferrugem, janellas estreitas, de grades, como as do Oriente, por onde apenas podem passar olhares, mas nunca o rosto da formosura encarcerada. Ha uma estranha perspectiva antiga que se não pode definir—as cores de hoje servem mal para as télas desse tempo extincto, que os poetas saudosos tanto choram. Olho em frente—é um hotel: o Martinelli. Pela rua desfilam as tropas de muares carregando lenha»

a terrível candeia que satura a cidade de um cheiro especial, carácterisco, que enfada e acaba por impregnar-se nas roupas, nos livros, nos moveis, em tudo (porque enquanto andei em Ouro Preto, apesar da abundancia de aroma de que fizemos gaeto, o cheiro não nos deixava). Meu olfacto não admite outro cheiro—lavo as mãos em Fougère, continuam a tresandar: candeia; derramo no lenço meio vidro de Cherry Blossom, pois, senhores—candeia. Riancho diz do tal aroma «que o põe de candeias ás avessas!»

Uma bestinha pachorrenta, com duas barricas, á guiza de cangalhas, leva o pão de casa em casa; carros sobem—os animaes atrelados em tandem; outros descem com um rumor forte, como o dos armões de guerra. Atravessamos a rua.

O hotel... (Bem merece que eu lhe pague a fineza com que me recebeu, registrando aqui os meus agradecimentos, que, espero, sejam igualmente transmittidos ao famoso chefe da cosinha), é um magnifico estabelecimento no genero. O que lhe falta em fausto sobra em conforto, asseio e... authenticidade. (O' divina adega italiana! nunca mais seus labios provarão esse vinho louro: «Vesuvio»—generosas lavas... Ah! quem as dera ao moço Plinio em vez das outras do monte, que reduziram o pobre sabio curioso a cinzas. Ah! «Vesuvio» amavel...) Mas passemos adiante.

Almoçámos regaladamente, com appetite e sem brindes.

Empanturrados sahimos. O dia nevoento, pluvioso, dá á cidade um tom baço de inverno.

Pouca gente nas ruas. Vamos de vagar, ladeira acima, curvados. Riancho vem arfando e protesta contra a ausenciado alpenstock, ao menos um vara-pao ferrado, qual-querarrimo, tosco que fosse, para servir de cyreneu por esse Calvario abrupto. Arqueja-se. Como é difficil subir quando se leva o buxo atochado de carnes! Antes tivessemos sahido á hora da manhã, com uma leve chicara de café no estomago. Custa muito subir! Paro e bebo uma grande golphada de ar... Os outros, habituados á ascenção das ruas, olham-me com piedade e o Carlos observa que começo a empallidecer; sustêm-me. Riancho sorri e vaidoso, lança-me affagando o ventre, em tom irónico:

— Pois, meu amigo, já conheço todas as subidas da terra. Esta ladeira é uma delicia comparada a muitas outras que por ahi ha. Vai, eu fico.

E, sem mais dizer, volta os passos e desce, ou antes deixa-se escorregar, ladeira abaixo, e eu, de cima, offegante, sinto um profundo pezar em não poder acompanhá-lo.

— Vai dormir á sesta com certeza; penso, varado de inveja. E de novo, suspirando, curvo-me... ahi vamos: Grande Deus, dai-me folego... e pernas. Ah! quem me dera uma boa dóse de arsenico, que é um magnifico eupneico, usado pelos alpinistas! Ai! quem me dera o arsenico, porque estou vendo que, sem os meios



artificiaes, não consigo vencer estas altitudes. Christo, foste grande no amor, na simplicidade, na paciencia e na doutrina, a tua vida é um exemplo, a tua morte é a apotheoza da creança e da resignação... mas, deixa-me fallar á verdade das verdades: Não te admiro nas palhas do presepe, nem nas margens do Tiberiade, nem sobre as aguas, nem entre as oliveiras de Gethsemani, nem no Golgotha, nem na ressurreição—acho-te grande quarenta dias depois, ah! então sim, Deus vivo, Deus eterno, acho te incomparavel—na Ascensão. Como custa subir! nascer, morrer, resuscitar, que valem? ascender, é que é... subir é tudo e Ouro Preto... misericordia...! Emfim, subamos!

#### IV

A praça Tiradentes. Estaco assombrado, volvendo a cabeça de um para outro lado: do palacio, uma alcova medieval, para a casa das quatro figuras, nome sob o qual costumam designar a cadeia. O palacio demora sobre uma elevação, dominando a praça como os antigos castellos suzeranos. Guaritas, golpeadas de setteiras, guardam os flancos do solar. Ganha-se a entrada por dois lados—pela frente, subindo uma ladeira ingreme murada, em curva, por onde a tropa d'El-Rei desfilava outr'ora em companhias, ou pelo flanco direito, galgando degrãos de pedra, entrada reservada á nobreza e aos previligados das antigas côrtes dos governadores da capitania do ouro.

A origem desta famosa construcção militar, mais forteza do que, em verdade, paço de conselhos, attribue-se ao receio, que havia entre os governadores, de revoltas de mineiros. Nas ruas de Villa Rica os paulistas

de Antonio Dias, rixosos e destemidos e os emboabas aventureiros, pela noite alfa, á luz tibia e rara das candeias haças, trocavam golpes e, não raro, amanhecia, regelado e hirto, sobre poças de sangue, o corpo de um homem, crivado de golpes. O ouro era a causa das lutas; que nem de amor se cuidava nesse tempo de ganancia insaciavel. A esses homens sedentos pouco importavam as chamas cupidas dos olhos negros e a polpa carmesi dos labios frescos. Entre o amor e o ouro... o ouro era preferivel e lançavam-se á terra esquecendo as formosuras languidas, que feneciam virgens, sem jámais terem sentido na bocca cubiçosa o contacto amoroso de outra bocca.

Os dois partidos, que viviam em bairros arredados, guardavam preceituosamente o mais sedento rancor, e evitam-so. Este, paulista, descia com a sua bateia á margem da agua e, se topava um emboaba, ou retrocedia ou fazia que o rival retrocedesse. Trabalhavam longe, cada qual na sua mina, brocando, e a terra prodiga saciava a todos — o ouro existia a fartar, podiam affluir legiões e ainda o veio satisfaria a todas as bateias dos adventicios. Entretanto a avidéz creava e disseminava a discordia, de sorte que, se um bando, ao voltar uma rua, dava de frente com outro, adverso, rodavam no ar os páos immensos dos peninsulares e fuzilavam laminas no punho dos paulistas e o encontro terminava sempre, quando, ao habarizo da luta, acudia a patrullia real, de mosquete em riste, assanhada



e precipite, com as bandólas cheias, bradando pelas ruas caladas e adormecidas: «á justiça d'El Rei! a justiça d'El-Rei!» Mas; não apparecia tão rapida, não levava tão depressa os passos que pudesse evitar servir, não de conciliadora, mas de companhia ao moribundo que ficara estatelado, sangrando e pedindo religiosamente a presença de Deus para a sua ultima hora.

O governador timido, receiando maiores tumultos, mandou fazer, para seu descanso, essa terrivel molle e cercou-se de obuzes hiantes e de sentinellas que se revessavam noite e dia, bradando no silencio, de tempo em tempo, como para aviso aos bulhentos e para prova de que a força do rei estava alerta e armada, prompta para a primeira sortida.

Não sei se fez bem ou se fez mal esse governador medroso que mandou erigir para seu refugio o alcaçar que tanto me deleita os olhos e a imaginação. Os olhos, devo dizer, porque nunca julgaram os pobrezinhos ter a ventura imprevista de contemplar um baluarte como este, feito pelo talhe dos castellos medieyos, em fins do século vulgar e comesinho dos chalets rendados de lambrequins e dos palacios afunilados, e a imaginação, devo tambem dizer porque: Gozou! e se me não sobrassem motivos de agradecimento a essa terra de Minas boa, hospitaleira e franca, esse só bastava para que, em toda a minha vida, até o momento final do sonho de minh'alma, eu abençoasse a hora da manhã

em que parti para os seus montos escalvados e para os seus vergeis em flor.

Aquí, defronte destes muros archaicos, deste reducto de capitão medroso, divago e extasio-me.

Velho castello antigo, setteiras, barbacans, ameias e balcões olhando para a paizagem verde, o vasto terraplano fronteiro... ah! quem te dera, antigualha suggestiva, uma ponte levadiça! ah! quem te dera o troar de um oliphante em vez do insipido e monotono bater das horas n'um ronzeiro relogio suisso que não sei se tens, mas debes ter, por certo, ahi além em alguma das salas vastas do teu bojo, salas amplas e arejadas, cobertas de tapetes caros, de seculos, guardando veneravelmente o pó dos sapatos fortes dos guerreiros do tempo em que a bravura fazia o garbo e o orgulho dos homens e o encanto e a seducção para as mulheres.

Bens tempos passados! idade de sonhadores e de bravos. Nos caminhos, por entre as moutas de rosas sylvestres, as pegadas dos cothurnos da Musa eram vistas, todas as manhãs, indício de que a inspiradora errava durante a noite afinando as lyras e os alaúdes.

Boa éra de valentia e de lealdade, éra de amor e de inspiração — um tinir de armas sobresaltava os corações das virgens, e um caminheiro que apparecesse á porta de um castello senhorial não trazendo nome nem braços, simples, modesto e pobre, dizendo á sentinella, como senha, esta palavra magica — «poeta» era logo acolhido e acatado, e queriam todos ouvir-lhe a har-

monia d'alma — os novós para anteverem as delicias do amor porvindo, os velhos para recordarem os amores passados; e quando os seus labios se entreabriam deixando cahir lentamente, docemente, os versos, lagrimas affluíam em bagas sentimentaes, inundando as pupillas azues das moças virgens e escorrendo pelas barbas veneraveis dos anciãos, e o bardo podia aquecer-se ao fogo do lar e sentar-se á mesa da familia — era respeitado e querido, porque só elle sabia dizer as maguas d'alma e exprimir em estrophes as agonias inexprimiveis.

Aqui parado, no meio desta praça, a principal da cidade-reliquia, foge-me a idéa exacta do tempo e a mim mesmo pergunto se não estou sonhando ou se não fui, durante muito tempo, victima de um sonho? Quem sabe se, sómente agora, começo a despertar, em meados -seculo XVII, sendo governador da capitania das minas D. Bernardo de Lorena, o capitão galante e namorado, Almagiva atrevido, espectro de todos os caes honestos. . . ?

Quem sabe se essa faustosa terra fluminense, donde chego, é um sonho ?

Creio que sim — agora começo a comprehender que sou ainda subdito de Sua Magestade El-Rei, meu Senhor.

D'alli, d'aquella rua, sobe um tinido de armas : deve ser algum arcabuzeiro, penso, que volta ao seu posto, no solar severo. Aquelle que lá vem, lento e cabisbaixo,



é algum burguez, de certo, enriquecido no garimpo clandestino dos montes — traz os calções do tempo e pende-lhe á cinta um boldrié bordado. A sentinella da alcaçova alça a alabarda ao sol; alabarda... será? e os que andam alli, sobre os cerros, sondando os veios — são emboabas talvez, talvez paulistas... Antonio Dias deve ser aquelle que alem vai, a cavallo, um largo chapéo sobre a cabeça altiva, capa ao vento... Mas não, não, é um ar cabuzeiro que vem: é um policial da ronda... Oh! que desgraciosa farda! e que boné! nem sabe andar sequer, o scelerado! deve ser um galucho. E o burguez? Deus meu! vem de sobrecasaca e côco, um côco marron; nem calções, nem boldriés... Oh! no seculo destas casas ninguem, certamente, ousaria sahir á rua com tão ridiculo capello. E Antonio Dias... será? não, olhos meus, não é Antonio Dias, é um padre, a capa, o largo chapéo... tudo illusão! chapéo ecclesiastico e a classica batina, eis tudo. Um clerigo, vem de Mariana, a cidade dos pispos. Foi, sem duvida, consultar o grande pastor de almas sobre algum ponto de fé, obscuro e intrincado, ou, quem sabe se não vem sem dogmas resolvidos, mas digerindo um magnifico almoço como os sabem fazer esses beatos cozinheiros episcopaes...? Tudo por terra! e ainda por cima, para maior desillusão, uma voz cantarola, acompanhando a trepidação de uma machina de costura.

Andei por Sorocaba...

Isto conheço eu, é de uma paródia do Arthur, e no tempo da colonia (ao menos não consta das chronicas contemporaneas) os povos desta parte, e meſmo de outras, desconheciam Lecocq e os librettistas. As heroínas das xacaras e dos villancicos chamavam-se então D. Briolanja, D. Branca, D. Mafalda e quejandos nomes obsoletos e pretencioſos... mas Maria Angú, isso nunca! E'esses que andavam pelos montes?... São elles, não me engano, são elles que vêm subindo a rua — trazem fardos nos hombros: latas de [kerosene, caixotes, cercam-nos soldados armados. Serão mineiros que voltam carregados de ouro? São mineiros? pergunto.

— São galés condemnados a trabalhos forçados, explica-me o Dr. Affonso.

E' uma turma de homens, quasi todos em mangas de camisa, dois a dois, entre soldados. Moços e velhos, negros, mulatos e brancos. Uns trazem á cabeça latas de kerozene; outros, curvados, carregam sobre a nuca pesadas caixas. Um negro colossal, já grisalho, de olhos miudos, nariz achatado como por um murro, beiços grossos, de um roxo negro, e uma terrivel expressão de ferocidade na physionomia barbara, que conserva ainda, indelevelmente, traços do hamadryas pelludo, germen da humanidade, conforme a sabia affirmação de Darwin, arqueja, grugrulha, não de cansaço, mas pelo habito do canto banzeiro e surdo da roça, no tempo da escravidão; trota como uma alimaria, trazendo um cesto sobre a cabeça obtusa. Deve ser pesada a carga, pre-

sumo, porque os rijoõs hiceps dos seus braços accusam esforço e os musculos do pescoço, retesam-se como cordalhas. Olha de esguelha; o suor inunda-lhe a fronte reentrante e curta e escorre-lhe pelas pomas salientes. Um mocinho— cabeleos louros, olhos azues, descalço, caminha vagaroso e pensativo. A physionomia é de criança, talvez não tenha vinte annos... Vai entre soldados Que injustiça o terá levado áquella vida sem esperança? Indago.

— E' um assassino, dizem.

— Assassino!? Pasma de ouvir e volto-me para examinar-lhe novamente o rosto; mas vai longe, sempre submisso, a cabeça baixa, braços cruzados. Não leva fardo algum, basta-lhe o remorso. Explicam-me que: em caminho da Ponte Nova matou um homem para roubar.

Por ultimo, um mulato esqueletico, aleijado e tropego. Vai cambando e com o rosto franzido n'um rictus idiota, caminha voltando a cabeça de um lado para outro. Parece assustado e sorri entretanto, mostrando as gengivas nuas. Estaca de improviso, agita-se, olha em torno, pasmado e medroso, escancella a bocca como para soltar um grito, mas os soldados empurram-no e eil-o a correr saltando sobre a perna torta, sempre a olhar para um lado e para outro, n'um movimento incessante e precipite da cabeça hirsuta. Ainda mais? serão tambem galés esses quatro? Vão de mãos abanando...

— São galés. E' que não houve carga para elles.



Um vem com a cabeça embrulhada n'um chale vermelho e olha-nos rancoroso.

— Trabalham para a Cadeia?

— Para a Cadeia e para outras obras publicas, explica-me o Dr. Affonso. A turma 'desapparecê.

— Agora podemos ir a Cadeia, diz o Dr. Alvim.

— Certamente, doutor. Ia justamente pedir-lhe.

c

A' esquerda da formidavel prisão de pedra, atropellam-se muares de tropeiros — uns que partem, outros que chegam, sacolejando ceirões. Chalram, bradam, acuando os animaes; guizalham chocalhos e constantemente estralam as pedras escorregadias com o trotezinho das bestas que vão e ve.n. Aspecto de feira sorocabana.

Dentre os homens destacam-se alguns que guardam ainda o typo dos primitivos mineiros sertanistas: morenos, olhos ardegos, cabellos lisos, compridos, á cabeça o classico chapéu de couro. Fumam os compridos e grossos cigarrós de palha loura, cortada e alisada á faca. Alguns junto ás paredes, nas pontas dos pés nus, sentados sobre os calcanhares, picam o fumo na palma da mão calosa e cantarolam. Olham-nos sem curiosidade como se fossemos da terra, levam a mão á aba do chapéu. Correspondemos e passamos.

A Cadeia é um immenso quadrilatero de granito, alto e selido, ensimado por quatro figuras allegoricas que dominam os angulos. Uma, ao que me dizem, representa a

Justiça: com effeito lá está a balança consagrada pel<sup>a</sup> iconographia, porém, confesso que eu não seria capaz de interpretar aquelle symbolo, palavra d'honra...

Aquillo, de certo, é algum repudio do Oriente pantafacudo—idolo outr'ora ou coisa equivalente; d'um velho pagode indiano: despojado da sua divindade, envieza os olhos truculentos o pobre deus companheiro de Siva ou de outro antropophago qualquer, exercendo, a contra-gosto, funcções de representante da Themis, encarapitado nostalgicamente no angulo da casa dos condemnados.

Falta-lhe um pouco mais de ferocidade, mas, que parece um manipanço como os que vem nos kakimomos da Asia, entre gryphos e aves do paraiso, brandindo espadas justiceiras é a limpida verdade. Corre ao alto, abaixo da torre central do edificio, uma s. cada de pedra e janellas gradeadas, abertas na muralha rijã, aréjam salas onde o sol a custo penetra.

Encosta-se á frente da Cadeia, na face da muralha da escadaria e do pateo exterior um chafariz, de construcção mais recente, creio, porquanto ha na pedra uma legenda gravada, que diz ter sido levantado em começo do reinado do ultimo imperador. A agua jorra para um tanque, onde as tropas se desalteram.

Sobe-se para a famosa Cadeia por uma escada suave, á direita e á esquerda e ganha-se o pateo, onde a soldadesca formiga. Ha uma guarita para a sentinella. Do pateo olha-se a praça e contempla-se a alcaçova des

governadores com o seu aspecto feudal, dominadora e severa, e mais embaixo a columna que demarca o sitio em que esteve exposta, mirrando ao sol, n'um patibulo; a cabeça do Tiradentes, emquanto, por outras cidades, os seus membros esbórcinados mostravam ás gentes o poder e a misericordia da justiça d'El-Rei.

Entramos. Soldados sempre; armados como se houvesse necessidade de vigilância com aquelles blocos de pedra e com aquellas gradarias formidaveis —vão e vêm. Um cabo perfila-se, fazendo a continencia ao Dr. Alvim.

Ouçõ martelladas. Enquanto os meus hospitaleiros amigos indagam pelo carcereiro, aproveito para examinar o corpo da guarda—um pateo humido e frio, abobadadas immensas. De um lado e de outro, fronteiras, duas janellas altas, de grossos varões cruzados, grossos como um braço de homem. Espio.

Além das grades a sala de prisão transformada em officina. Galés, vinte ou mais, trabalham sentados diante de tripeças: são sapateiros. Com o tira-pé repuxado, as botas sobre as coxas, cozem gaspeas, remontam, brunem, pintam, puxam linhas jogando os cotovelos; outros batem o couro. Ha pilhas de calçado pelos cantos das prateleiras pendem, pelas alças, centenas de pares: borzeguins minuscuros e sapaterras ferradas. O mais habil é o chefe—elle é quem accêita as encommendas, é quem distribue o serviço, é quem apreça o trabalho, é quem recebe, é quem paga; galé como os mais, tem um certo prestigio sobre os outros.



Trabalham curvados e em silencio; alguns fumam. Ninguem dirá, olhando esse lote de homens, que a maioria delles vem do sangue de um crime ou da infamia de um estupro como um magrinho, engelhado, já velho, que vai passando pelo salto de uma bonita o pincel molhado em tinta preta. Parece um modelo de virtude; os olhos apenas, avermelhados, irrequietos accusam a agudeza do instincto lascivo. Em frente outra officina: sapataria tambem. Sapateiros são todos quantos na Cadeia trabalham. Em todas as officinas grandes meios de sola ainda enrolados, tripeças em filla e todos os galés empenhados em martelar, em coser, em dar lustre e polimento ao calçado. Dizem-me que mantêm um grande commercio, fornecem para todo o Estado. Alguns ha ricos, relativamente ricos, com avultados depositos na caixa economica — cinco, seis ecntos e mais.

Esses, de certo, e outros que trabalham, no dia em que o chaveiro, tambem galé, tomar da chave gasta de tantas voltas na pesada fechadura da prisão, para lhes dar saida, não mais se deixarão levar pela besta do crime, terão forças para domal-a indo pacatamente recoller a economia do tempo nefando quando nem lhes era permittido olhar o sol e olhas as aguas.

Dormem na mesma sala em que trabalham sobre tarimbas: um longo taboado corrido, alto como uma mesa; comem do rancho; alguns, porém, fornecem-se de mantimentos e, conquistada a confiança dos chefes, permit-

tem-lhes fazer a sua cozinha a um canto—é o *pot au feu* da enxovia.

Noto uma tranquillidade perfeita—é um recanto de paz e de trabalho essa prisão... Surprende-me porque eu julgava encontrar uma casa de feras e encontro homens, operarios, boa gente, emfim. O interesse, a preocupação da labuta fazem desaparecer das physionomias os traços maus e antipathicos, é, talvez, por isso que não consigo descobrir em um só rosto as characteristics determinativas de que falla Lombroso.

Olhando-os, tive impetos de bradar contra a justiça dos homens.

Que diabo! alli não havia criminosos, mas operarios innocentes, mansos cordeiros apanhados pela fauce da loba Themis para sapateiros.

Recrutamento de S. Chrispim—nada mais.

— Podemos ir—podemos ir... vem dizer-me o Dr. Alvim e caminhamos precedidos pelo carcereiro e por um galé que leva a cambada de chaves das prisões.

A passagem que vamos atravessando, sinistra e lobrega, saturada de humidade, exhalando um cheiro de caverna, é um corredor de cafúas. Nos muros veem-se ainda as portas que muitas vezes se fecharam sobre victimas do poderio absoluto dos capitães generaes e dos intendentes das minas no tempo da publicações dos *bandos* opprêssivos e dos quintos e capitações impostos aos minerantes. Chegamos ao grande pateo central. Ao meio, sobre altissimas columnas de ferro, a caixa d'agua,

e, por todos os lados, ao rez-do-chão e ao alto, em um andar superior, cercado de uma varanda estreita, salas de prisões. Os presos, sentindo os nossos passos que reboam sonoramente nas lages, acodem em tumulto ás grades, olhando-nos. Chamam pelo Dr. Alvim :

— Senhor doutor...! Senhor doutor...! e accenam afflictos. Aproximamo-nos de uma das grades e a primeira figura que se nos depara, esbelta e airoza, é a de um rapaz louro, de olhos azues. Veste com asseio: uma camisa de malha azul e vermelha, calça de brim, sapatos amarellos e á cinta a corrente do relógio. Em torno delle outros pullulam anciosos, querendo olhar; espiçam-se nas pontas dos pés, murmuram, empurrando-se. O Dr. Alvim, attrahindo-me, previne-me :

— Este rapaz, um typo magnifico de homem, como vê, é um assassino. Jogava : matou para roubar...

— E' o que dizem, resmungando amuado o prisioneiro, que ouvira as palavras do meu interlocutor.

— Então negas, Americo? negas quando já está provado que foste tu...

— Não está provado, senhor doutor. Não appareceu uma só prova que demonstrasse a minha cumplicidade. V. S. sabe muito bem que um pobre rapaz como eu, sem protecção, sem dinheiro, nada pôde esperar da justiça.

— Isso não é verdade. Se fosses innocente...

— Sou! affirma com energia. Sou! Porque era jogador na Ponte Nova (jogava, tinha esse triste vicio, diz



com lastima, mas nunca roubei para satisfazel-o), assim que se soube da morte do francez entenderam logo que era eu o assassino... por que? Injustiça, Sr. doutor.

— Mas, na noite do crime tu foste visto com o francez.

— Andei com elle, não nego; era meu conhecido—mas isso nada prova. Os que o mataram estão lá em cima; e olha com ira a prisão superior—esses, sim!

— Teus companheiros.

— Meus companheiros, não! meus conhecidos. O Sr. doutor sabe que, em terra pequena, conhecem-se todos.

— Está bem... Franz Rudol Demel, um homem louro, calvo, physionomia intelligente e sympathica, atravessa a multidão. Traz á cabeça um lenço, cujas pontas lhe caem pelas faces, esvoaçando. Saúda-nos.

— Adeus! Como vai? corresponde o Dr. Alvim.

— Bom, Sr. doutor.

— Este allemão é um dos preses mais intelligentes da Cadeia, observa-me o Dr. Affonso. Quando para aqui entrou não sabia uma só palavra do portuguez e hoje falla e escreve correctamente. E' o assassino da familia Hermann, de Barbacena. Dizem que viajou muito procurando as suas victimas até que as encontrou. Empre-gou-se na casa com criado e uma noite poz em pratica o seu plano terrivel. E' corrente que elle foi pago para realizar essa vingança, que outra coisa não foi o crime em questão.

— Foi pago, . . . ?

Ao ouvir a minha pergunta, nega violentamente :

— Não, senhor!

— Então que motivos te levaram a commetter tamanha crueldade?

Sorri, encolhe os hombros :

— Não sei, senhor.

— A senhora maltratava-te ?

— Não, senhor.

— E as crianças, que te fizeram ?

— Nada, não, senhor.

— Então porque as mataste ?

— Não sei.

— Uma allucinação, acode o Dr. Alvim.

— E' . . . affirma Demel, risonho.

— E com que arma ? interrogo.

— Faca, diz elle seccamente.

— Tambem as crianças ?

— As crianças tambem.

— E o homem ? o Hermann ?

— Lutou com elle e foi ferido na frente, diz alguem.

— Não, senhor ; não ferio . . . e passa a mão pelas temporas.

— Mas lutou contigo . . . ?

— Sim, senhor.

— E . . . mataste-o ?

Sorri.

— Não, adianta o Dr. Affonso, elle conseguiu escapar.

E o director das prisões avança para dizer-me:— Entretanto é um dos presos mais socegados dos que tenho aqui: comportamento exemplar, actividade, intelligencia. Não ha contra elle uma queixa.

— Não tens remorso ?

Olha-me, pestaneja, limpa a calva com o lenço e bruscamente :

— Não, senhor,

— E' estranho.

— Estranho, realmente ; concordam. Um negro avança, esfregando as mãos ; é idiota, dizem-me. Falla com a voz chorosa, lembrando ao Dr. Alvim os longos annos de prisão que tem soffrido. Pede que interceda por elle, não quer morrer alli ; e passando o braço através das grades agita-o : lá fóra !... lá fóra, doutor !

— Pois sim... Pois sim...

— Mas, seu doutor não pede, chbraminga de mãos postas, os olhos ternos e humidos.

— Hei de pedir. Hei de pedir.

— Estou velho... quero morrer lá fóra... lá fóra... e sacode o braço ; lá fóra, seu doutor ! e encosta o rosto ás grades humildemente, olhando-nos. E, quando partimos, implora de novo :



— Seu doutor pede por mim... Não esquece, seu doutor.

— Pois sim.

Adiante; em uma sala escura, um preso arrasta os pés inchados. A' cabeça um lenço á guisa de turbante, os braços cruzados apertadamente; tiritá.

Sentindo os nossos passos volta o rosto e fita-nos. Transido, parece que chuchurreia o ar. Senta-se na tarimba, muito encolhido e sussurra :

— Que frio ! Mãe de Deus... Que frio ! Fica com o olhar parado e em silencio; de repente, encolhe-se mais, inclina a cabeça sobre o peito, corcova-se e de novo murmura : Que frio !... Como faz frio,.. e os seus dentes batem trepidos e precipitados.

Incommodado com a nossa presença, levanta-se, sempre encolhido e tiritante e desaparece aos nossos olhos. Posto que o não veja, ouço-lhe ainda a voz tremula e surda : Ui ! ui ! que frio !

— Vamos subir... Vamos subir... diz o Dr. Alvim, e guia-nos para uma escada de pedra que leva ás prisões superiores. Em cima, atravessando uma sala que rescende a tintas, porque andam pintores retocando as paredes, chega-se á enfermaria. Vasto salão sombrio. De um e de outro lado filas de camas e, ao fundo, em uma pequena camara, um leito isolado, onde se vê a fórma cadaverica de um homem, immovel, estendido ao comprido, rijo e esguio. Nas outras camas os galés, deitados, com as cobertas até o queixo; outros sen-

tados, as pernas pendentes: physionomias tábidas, olhos febris, enormes, em grandes circulos de olheiras, denegridas e fundas.

Ha um cheiro acre e mórno de prisão e de *morgue*, o ar está saturado de halitos de enfermos, sente-se o o hausto morbido dos pulmões minados, as emanações das febres, o fartum dos corpos abafados e dos escarros dos tuberculosos que se accumulam no soalho e seccam impregnando de miasmas o ar encerrado. Um enfermo passeia o arcabouço embrulhado em um cobertor vermelho—os cabellos crescidos, erriçados, a longa barba espessa e negra, dão-lhe um aspecto macabro de morto errante, e a pelle, de um tom amarellado e baço, parece guardar ainda o reflexo dos cirios que alumiam o seu corpo emquanto não o levavam, em andar, para o exodo final da terra promettida.

Tosse convulsiva, cavernosamente, curvado, apertando o peito. Mas entre todos attrahe a minha sympathy e a minha piedade o rosto moço e pallido de um rapazito que aspira com agonia entreabrindo os labios descorados, agitando a cabeça para um lado e para outro procurando alguem: o vulto veneravel da velha mãe, talvez, que, de certo, ignora o seu destino e longe, além dos mares, julgando-o feliz no trabalho, ajoelha-se diante do oratorio domestico para pedir á Virgem Mãe que lhe siga os passos e o guie a caminho de casa para os seus braços que começam a enfraquecer alquebrados pela velhice.

— Vamos... vamos... isto aqui faz mal, dizem... Sahimos, e logo o negro chaveiro nos vêm perguntar se vamos tambem á prisão das mulheres.

— Certamente, adianto curioso. E caminhámos pela estreita varanda e em poucos passos alcançámos a porta do terrivel gyneceu. A chave range na fechadura e o negro impelle a porta solida.

As mulheres...

Filhas de Eva, vós que sois o encanto e a delicia da natureza, fontes de todo o amor, é crível que tendes descido á abjecção-do crime? Vossas mãos: santas, quando abençoam, meigas quando acariciam, beneficentes quando curam chagas, terão maculas de sangue? Labios, corolas que trescalam beijos, olhos, lampadas do coração, é possível que tendes imprecado, é possível que tendes olhado cicatrizes? Sois, por, accaso, do sexo de Maria, a misericordiosa? Não, não creio, as mulheres que eu vou ver vêm desse ramo funesto que produziu Medéa e Clytemnestra...

Pobres mulheres! nunca, de certo, ouvistes balbuciar um filho, jamás o vosso coração pulsou de amor... Eit-as, as criminosas. Acho-me no seralho do crime. Quasi todas enbiocadas em chales, mal deixando ver os olhos, como as fellahs, emcostam-se ás paredes e fitam-nos espantadas. Uma crioula, alta e esbelta, baixa os olhos.

— Esta matou o amante a golpes de machado, ex-



plica-me o Dr. Alvim, e voltando-se para a criminosa: — Por que foi rapariga?

— Elle me batia! murmura, torcendo as franjas do chale. A meus pés um bolo humano; é uma negra robusta, mal coberta de andrajos — immobilizada, extática, encolhida, com o queixo enterrado nos joelhos, jáz alli assim, ha tres annos, disem-me, nessa posição.

Não falla, não levanta os olhos, apenas, de vez em vez, passa o index pelo nariz limpando alguma coisa imaginaria.

Arrasta-se de gatinhas quando, forçada por alguma necessidade, tem de deixar a sua attitude, mas volta precipitadamente e fica encolhida e calada; os braços cruzados, o queixo enterrado entre os joelhos juntos.

Ahi dorme. Derreia o corpo e estira-se no soalho e, mal a madrugada entra pelas lucarnas da prisão, ergue o busto, senta-se e fica até a noite macambuzia e inerte, comendo se lhe dão; não se queixa, nem pede. E' idiota. Outra tambem encolhida, toda dentro de um chale, acoorada a um canto, espreita medrosamente.

Fallo-lhe; regouga alguma coisa que não consigo adivinhar; é idiota tambem. Vivem ambas ahi, entre as criminosas, sem ar, sem luz, expiando o grande crime de terem perdido a razão. As *senhoras* da sala fallam dellas com desprezo, com repugnancia, dovò dizer; sentem-se humilhadas com a companhia das desgraçadas que não vem manchadas de sangue, sem fastos tragicos, simples almas desgarradas na eterna noite da Loucura

que a Caridade recolheu piedosamente nesse gynecceu sinistro.

— Sempre assim, acode a dizer-me uma cabocla fornida, indicando-me a negra immovel: não se mexe dahi, não se levanta. Parece que está grudada no chão.

As outras riem á socapa e a negra, impertubavel, indifferente a tudo e a todos, raspa o nariz, escarfuncha-o, sacode o dedo e encolhe-se de nevo. Ninguem sabe o seu nome: Idiota é como lhe chamam. A outra mira-nos, mas, sentindo que nos encaminhamos para interrogal-a, baixa os olhos e não ha possibilidade de lhe arrancar uma palavra; emmudece obstinadamente, encrava a cabeça até que nos vê partir em direcção á porta, então levanta os olhos e espia-nos atravez das franjas do chale. Quanto á «Idiota» lá vai com o index para o nariz, raspa, escarfuncha, esfrega... e volta á attitude extatica, immobilisada como, segundo a lenda mosaica e conforme a Poesia dos gregos, ficaram outr'ora a mulher de Loth, pela curiosidade e Niobe pela angustia.

Passamos á sala fronteira, ao fundo. Sapataria, como as de baixo. Os presos, quasi todos negros, deixam rapidamente o trabalho e formam. Destaca-se dentre elles um latagão, corado e forte, de cabellos louros e olhos garsos, «filho dos amores clandestinos de um principe conquistador, não de territorios, mas do corações como Tenorio, o crapula.»

E' da Bavaria e dá pelo nome de Fischer, creio eu. Preso, por complicados estellionatos, disfarça o tédio da prisão escrevendo petições de *habeas-corpus* em favor dos companheiros, memoriaes commoventes nos quaes discute, com rara argucia de rábula experimentado, pontos da legislação criminal refutando, com argumentos, as decisões dos tribunaes da terra. Falla com vivacidade e clareza, rebuscando vocabulos. Deixo-o, porém, para demorar a minha attenção sobre os outros galés, negros e mulatos. São quasi todos antigos escravos.

Para dar uma idéa do crime que os mantem no carcere transcrevo litteralmente as notas de um registro, afim de que o leitor, por si mesmo, julgue das nefandas atrocidades, partindo da causa que as originaram :

ANTONIO LUIZ (negro)

«Casou-se em 1881. Poucos dias depois assaltou-lhe o espirito a suspeita da infidelidade da sua mulher, que o tratava com o maior desprezo, e não tardou em convencer-se da realidade; ella mesma lh'o lançou em rosto mais de uma vez. Acabrunhado, perdida, a esperança de uma vida de paz e tranquillidade, de gozes que proporciona a familia, na primeira occasião em que sua mulher repetio-lhe a injuria grosseira: «—Tens o resto dos outros» fez lhe com o cabo de um chicote diversos ferimentos que lhe produziram a morte. Preso no mesmo



diã do crime, em 3 de abril de 1881, e processado, confessou o crime, sendo pronunciado e julgado incurso no grão medio do art. 192 do código criminal e condemnado a galés, em sessão do jury do termo do Serro, de 20 de Setembro de 1892 (3º julgamento).»

### CAETANO (negro)

« Em 1867, capinando 16 escravos um eito em terras da fazenda de Antonio Severiano Dias de Gouvêa, no municipio de Lavras, feitorizados por José dos Santos, e descobrindo uma grande casa de maribondos tratavam de contornal-a cuidadosamente quando o feitor insistio em que mettessem alli as enxádas. Recusando-se os escravos e acompanhando o feitor um delles, com o relho, o de nome Caetano segurou-o e os outros atiraram-se sobre elle matando-o a golpes de enxáda. Foram presos, processados, sendo tres julgados e condemnados á morte em sessão do jury de 12 de outubro do mesmo anno, pena que foi commutada na de galés perpetuas. Caetano esteve preso durante 22 annos na cadeia desta capital, onde foi, por muito tempo, chaveiro de algumas prisões. Obteve perdão por decreto de 12 de abril de 1889. Diz elle que um dos co-réos falleceu e que o outro ainda está preso no presidio de Fernando de Noronha; que o feitor era um homem máo que não relevava dos escravos a falta mais insignificante.»

BENEDICTO (negro)

« Está preso desde 15 de dezembro de 1876. E' natural da Bahia, logar denominado Brejo de Sant'Anna, solteiro, de 35 annos de idade. Foi escravo de Juvelino Alves Pereira, que o vendeu ao tanganhão Anthero Lopes de Almeida, residente no Curvello. Sahio da Bahia com muitos outros escravos. Foi logo preso em corrente com mais seis e era assim levado para a provincia de S. Paulo. Em caminho, na fazenda da Boa Esperança, termo da Formiga, na noite de 15 de dezembro de 1876, seus companheiros de corrente—José, Manoel e outros, conseguindo quebral a, accometteram e mataram os infelizes Joaquim José Fulgencio, Francisco Antonio de Oliveira Parada, Pedro e Victor, que os escoltavam, a golpes de foicó, enxada, e fugiram. Na mesma occasião o escravo Gabriel, de 12 annos de idade, mas involuntariamente — porque dormindo elle entre as victimas — recebeu algumas pancadas, que lhe produziram a morte alguns dias depois. Não tardou o tanganhão em dar providencias para a captura dos criminosos, não para os entregar á justiça, mas para occultal-os, evitando assim o prejuizo, a perda dos capitães que representavam tanto que, sendo alguns presos, mandou-os incontinenti para o termo de sua residencia e levou o seu empenho pela prisão ao ponto de offerecer cem mil réis pela de cada um, «ou pelas orelhas» quando resistissem. Benedicto, que fugira com os criminosos,

foi preso no mesmo dia do crime, processado e, em sessão do jury de 24 de novembro de 1877, condemnado á morte, pena que foi commutada na de galés perpetuas.

« No processo não ha provas contra Benedicto ; as testemunhas dizem que foram autores dos crimes os escravos que viajavam presos em corrente e, como Benedicto fosse um desses, conjecturaram que tambem fosse culpado.»

#### COSME (mulato)

« A's 3 horas da tarde de 24 de abril de 1884, na fazenda da Boa Vista, pertencente a João Duarte Pacheco, no termo do Rio Preto, estava em serviço de lavoura quando o feitor Francisco Pereira começou a castigar uma criança de nome José porque se demorara ausente do serviço e, intervindo Cosme a favor de José; o feitor, sem outro motivo, começou a castigal-o tambem com o chicote.

« Desvairando-se, segurando a ponta do chicote enlaccou-o no pescoço do seu aggressor e apertou até que felo cahir morto. Foi condemnado a galés perpetuas em sessão de 15 de julho do mesmo anno como incurso no art. 1 da leg. de 10 de junho de 1835. Perdoadado pelo governo provisório em 1890.»

Pelos quatro criminosos, tomados a esmo, no registro de que disponho, podem os leitores formular um juizo imparcial e seguro. Este quadro synoptico attesta inil-



Indivélmente que a nossa estatística criminal devia muito á oppressão do captivo — entre 98 galés, que são os que vem citados no documento que possuo, 59 vêm da escravidão. A maioria dos delictos nesse tempo teria uma attenuante incondicional se a justiça de então não se deixasse levar, submettida e humilhada pelo prestigio da olygarchia rural. O escravo, coisa, segundo expressão egualitaria na lei, devia obediência absoluta e irrecursiva ao senhor. As mães eram apenas consideradas «productoras» como a terra — o homem negro era um sementeiro.

O noivado era a festa do outono humano. Dava-se a mulher ao escravo com o mesmo interesse avaro com que se lhe entregava uma leira, para que della arran-case o producto. Um ventre fecundo era considerado como uma arvore em flor. Alma, sentimentos, affectos, dedicações, não eram compatives com a mercadoria d'Africa. Os escravos era considerados infimos, dahi o desprezo com que eram recebidos e, não poucas vezes, gentes de pelle branca pasmavam vendo negro beijar a mão materna ou elevar os olhos ao céu em offertorio de uma prece. Pois que! essa brutalidade era gerada num seiô de mulher e orava ao mesmo Deus que os brancos invocavam!

Dessa oppressão, desse desespero, resultou o odio de raça — a alma barbara, flagellada e afficta, explodia terrível, em horrorosas vindictas ao sol dos campos que he consumia as carnes. A Liberdade, restituindo essa

população de desclassificados ao recenceiamento social? fez mais pela baixa dos crimes do que fizeram os patibulos, os troncos, as gargalheiras, os grilhões, as manilhas e todas as decisões da Justiça integerrima. Foi necessaria essa aurora de Clemencia e de Paz para que os barbaros reconhecessem a verdade do Evangelho, que aconselha o amor entre os homens. Esses, porém, que definham nos carceres, olham, espiam debalde, porque setas olhos, empanados pelas trevas de dezenas de annos de emparedamento, não conseguem sequer descobrir um raio do sol que alumiou a raça negra, domesticando-a com a catechese meiga do corinho e da fraternidade.

A historia da construcção deste formidavel presidio é curiosissima. Conto-a rapidamente, repetindo o que me contaram emquanto subiamos as ruas escalavradas para ir admirar, n'um recanto da cidade a famosa ponte do Xavier, sobre um abysmo cavado na rocha pela broca dos mineirantes.

Os capitães das Minas, despotas como o famoso Pardinho, o mais integro dos intendentés, o mais implacavel dos conselheiros, ou gamenhos e mulherengos como esse memoravel D. Bernardo cuja tradicção em Minas não é, em nada, inferior á de D. Juan, faziam intimar pelos seus esbirros todos os vassallos e solarengos a concorrerem com o que lhes fosse dado para que se levantasse na praça do palacio o edificio que devia

representar a segurança e a ordem da capitania. Os que possuíam pedreiras brocavam-nas e faziam transportar blocos enormes, em carros tirados por dez e doze juntas de bois, para as muralhas inabaláveis do carcere; outros mandavam as telhas, outros a ferragem, outros, finalmente, cediam escravos como operários. E a obra mais popular que conheço no Brasil, diz quem me vai contando. Mas não sei por que associação de idéas lembro-me da construcção das pyramides quando olho para este edificio.

Parece-me que vejo toda uma população de opprimidos formigando em andaimes, gente a subir, gente a a descer; uns com os braços carregados de ferros, outros mal podendo arrastar os pés com o peso dos grilhões indo das enxovias para a cumieira, sahindo das casúas para as escadas. E' uma obra de oppressão. Justamente como a que Israel deixou na terra dos Pharaões. Mas não fica nisto a curiosidade do monumento.

Outros homens concorreram, bem a contra-gosto, para que o meu amigo tenha hoje o regalo de contemplar esse vetusto legado dos séculos. Conta-se que, dentre as muitas victimas que trabalharam na construcção, foi visto um homem de boa apparencia e nobre porte, caalejando as mãos finas em transportar cestos de barro de um lado para outro, arrastando aos pés a grilheta infamante.

Quem era? um proprietario abastado. Que crime commettera? tinha uma mulher formosa,



A procissão de Corpus-Christi era a festa official do tempo. De ordem do capitão general todos os homens validos da cidade eram obrigados a acompanhar o pres-tito sagrado, levando cirios e ás senhoras incubia a ornamentação das casas, devendo todas comparecer ás janellas, para maior luzimento, durante a passagem da procissão. Ora, esse pobre homem, ciumento e avaro da formosura da esposa, não a deixava apparecer em publico para que não succedese alguém surprender-lhe o fulgor dos olhos negros... mas, nesse dia, a lei impunha e a linda encarcerada teve de debruçar-se ao baleão, em obediencia á ordem superior. O marido, de opa e cirio, acompanha a procissão.

Passa o capitão general e, levantando, por accaso, os olhos cupidos fica deslumbrando diante da formosura. Esquece que vai debaixo do santissimo pallio, esquece os padres, esquece a religião e, emquanto os córos re-boam pela montanha, indaga, inquerê, quer saber quem é a beldade que se debruça ao balcão, tão pallida, tão meiga e tão modesta. Dizem-lhe que é casada e virtu-osa. Mais se lhe accende o apetite lascivo e, mal se recolhe ao palácio, manda o seu ajudante de ordens convidar o marido da formosa creatura para ceiar em sua companhia.

O homem, presago, mal recebe o convite, estremece prevendo uma alicatina... mas que fazer? Previne a esposa, enverga o melhor fato e com o coração opprimido segue o emissario até à porta da alcaçova terri-

vêl. Vem recebê-los o proprio capitão e abre-lhes as portas da sala mais nobre do castello. Fulgem os lindos olhos da mulher formosa, Othello, raivoso, espuma, mas vai fingindo satisfação e calma.

A' luz de grandes candelabros de ouro serve-se faustosamente a ceia, a mesa tem incrustações de prata e rescende, é de sandalo; a baixella riquissima, burilada pelos artista admiraveis do Porto. Criados passam de leve servindo as peças delicadas e os vinhos raros. Bebem, conversam, riem, o capitão ante-goçando, a posse daquelle corpo alvissimo e o sabor dos beijos daquelle labios de nacar, ella timida, medrosa; o marido desconfiado, pisando-lhe o pé por baixo da mesa como para significar que não seria máo tratarem de ir andando. Por fim levanta-se, espicha os calções, sacode os braços e pede desculpas. Vai retirar-se, é muito tarde e S. Ex. tem tanto que fazer...

— Sim, sim... quando quizer... O homem agradece commovido e offerece o braço á esposa, que se engalfinha dando graças ao Senhor.

— Perdão, intervem o capitão affastando os conjuges: você póde ir, mas... sua mulher fica...

— Como! fica? Perdão... minha mulher...

— Já disse!...

— Sim, V. Ex. disse mas ha de permittir que eu não esteja pelo dito, Então despede-me e fica-me com a mulher...

Com um gesto soleme o capitão mostra ao desgraçado marido a porta da rua.

O homem, porém, perde as estribeiras e atira-se-lhe á garganta para esganal-o, mas os archeiros surgem e, em poucos minutos, Othelo é manietado e deixa a sala e a esposa, seguindo para o presidio como galé de... crime político. A esposa...

Não sei como acabou esse pobre homem: a mulher contam-me que, expulsa do palacio, percorria as ruas da cidade desgrenhada e rota. Enlouquecera nessa noite de amor infame.»

Eis, rapidamente como me contaram a história de um dos operarios da famosa Cadeia.

BIBLIOTECA PÚBLICA  
MARANHÃO



BIBLIOTHECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO

V

Estamos á beira de um abysmo, diz o Dr. Alvim. Esta ameaça, pelo grande uso que della têm feito tribunos e jornalistas, já não causa impressão a quem a ouve. Quem acredita hoje nos dragões alados que atravessavam os ares rugindo e bufando labaredas, levando, ás vezes, ás costas, entre as azas, genios truculentos e liadissimas princezas encantadas? As crianças apenas acreditam; essas mesmas, porém, pelo facto de nunca os verem no ar, apezar das affirmações constantes das avós, acabam convencendo-se de que não existem senão em fabulas e em xacaras. Essa ameaça é uma balela como os dragões medievos, que moravam em cavernas assolando aldeias com o bafio pestilento das grandes fauces, como as bruxas do sabbath, como Melusina, como as nixes aquaticas e os pequeninos velhos das selvas da Allemanha. Não ha abysmos como não ha genios... historias e nada mais.

Ouço todos os dias uma voz prophetica clamando:— Estamos á beira de um abyamo, senhores! e todavia ainda não rolámos. Ou dá-se um milagre quotidiano como o que vem contado nos fastos da Senhora da Penha ou o tal abysmo não passa de recurso estafado de opposicionistas.

Mas, em Minas, o caso muda de figura. Aqui, quando se diz:—Estamos á beira de um abysmo, cuida-lo! porque em Minas ha abysmos de primeira ordem.

O que tenho debaixo dos olhos e dos pés é uma profunda crevasse, terreno aurifero cavado em tempos pelos mineirantes—por cima atravessa a ponte do Xavier. Debruçamo-nos e eu, sempre ávido de impressões novas, baixo os olhos para experimentar essa terrivel vertigem chamada do abysmo. Infelizmente, porém, a vertigem não apparece—nada sinto: nem os olhos turbados, nem os suores frios... nada, nem ao menos rolo de cabeça para baixo sobre esse *cul de sac* saxeo, por onde flue uma aguadilha por cima de folhas de malacacheta rutila.

A cidade apparece-nos num vasto panorama vivo— parte enterrada n'um valle profundo, parte a trepar pelas montanhas, sobre rochas; casas fincadas em vigas como os palaffites lacustres, outras á bórda d'agua. Ao alto, no lombo hispido de um monte, ruinas ennegrecidas das antigas vivendas dos que primeiro andaram por esta terra revolvendo a lama famosa

com que o ingenuo Candido e o polygeotta Cacambo carregaram os carneiros vermelhos do Eldorado.

O sol tira scintillações vivissimas dos vidros: ha fulgores de raios, e os telhados reverberam; as aguas que passam sussurrando fulgem como prata liquida, e, avultando sobre o casario, as torres das Igrejas vetustas e lendarias, cheias de tradições de milagres e de bruxarias. Mostram-me a *Casa dos contos*, -onde, segundo uma versão, o conjurado Claudio Manoel da Costa poz termo aos dias. Além, a casa de amor em que viveu Marilia e apressam-se a indicar-me em janella do onde Gonzaga lhe mandava beijos.

A casa de tão poeticos idyllos é hoje a policia. Onde Dirceu compunha outr'ora, hoje amanuenses cópiam circulars e escrevinham o expediente. Além, n'um campo verde, a casa da Varginha, cenaculo onde se reunia o famoso grupo dos Inconfidentes.

— Alli é o caminho de Mariana.

— Olhe o Itacolomy. Volvo os olhos, ando com a cabeça de um lado para outro. A famosa pedra está toucada de nuvens e o caminho de Mariana...

— E aquella igreja, alli em baixo... é Santa Ephi-  
genia.

E o Dr. Affonso, á proporção que vamos caminhando, conta-me a tradição da igreja.

« A' vida concentrada e monotona dos velhos tempos coloniaes deve-se a pompa com que eram celebradas as festas religiosas em Minas. A mulher, encerrada no



lar, sem distrações, sem outro enlevo senão o amor da familia e os tratos da casa, emmudecida e triste refugiava-se no mysticismo. Deus era não sómente o Supremo Bem como o recurso contra a hypocondria—pensando no céu esqueciam a aridez da terra, sonhando com a Bemaventurança livravam-se das preoccupações da casa.

Os homens, empanturrados de ouro, trabalhando sempre, careciam de alguma cousa que lhes distrahisse o espirito, e um, cujo nome a historia não registra, teve a lembrança de mandar vir, para uma santa qualquer, um resplendor de prata. Quando chegou do Porto o precioso mimo propiciatorio, fallou-se muito na cidade e todos acudiram á igreja para admirar a joia que ornava a fronte sacratissima da Virgem. Outro, porém, enciumado, mandou vir para outro santo um resplendor de ouro. E então é que foi rumor!

Vieram cavalgadas de longe, ranchos de povo e a cabeça do santo esteve quasi exposta á adoração dos fieis durante muitos dias; e começou a vaidade. Vieram alfaias, linhos, grandes altares e até santos de ouro massiço, pesando arrobas, que reluziam nos nichos como idolos dos pagodes indianos. E as festas tornaram-se famosas—duravam dias, e, para as igrejas, chegavam de todos os pontos presentes preciosos de ouro e de pedraria.

Não havia politica, os homens preocupavam-se com a religião: Santo Antonio era sempre o mais votado,

Santa Ephigenia, porém, não podia competir com as outras igrejas da cidade—era mantida pelos negros, escravos e libertos.

Dias antes da festa reuniam-se na igreja centenas de negras—traziam todas a carapinha empoada de ouro—e cantando lavavam as taboas do templo, floriam os altares, vestiam as imagens, tapeçavam o adro de folhas aromaticas. No dia da festa familias negras arranchavam-se nas immediações da igreja e os tambores d'Africa estrugiam, vinham os descantes crioulos e a mulata, airosa e trefega, sahia pela areia semeada de rosas balançando lascivamente os quadris redondos nos passos languidos do samba; mas, quando os córos sagrados começavam, acudiam todas, as mulheres descobriam as cabeças e o ouro reluzia ao sol maravilhoso.

Ao fim da cerimonia irrompia o canto feminino e as negras, uma á uma, cantando, baixavam as cabeças na pia e levavam a carapinha, o ouro depositava-se no fundo do lavabo santo—era a offerenda dos captivos á santa misericordiosa. E fóra, á luz viva, os negros baticavam nos atabaques, saudando com alarido as mulheres que voltavam gottejantes e louvando o Deus do céu e a santa da devoção.»

Não é pois de espantar que se tornasse das mais ricas a pobre Sta. Ephigenia.

VI  
BIBLIOTHECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO

As ruas caem em silencio mas, de quando em quando, um brado rebôa ao longe e da janella vejo ainda flambeaux desgarrados balançando se nas trevas como estrellas errantes. Repouso da grande caminhada diurna e da marcha á noite seguindo a passeiata triumphal dos moços. Corri com elles grande partê da via sacra, ora na tuba, ora affastado andando prudentemente, á distancia, porque, por minha' infelicidade, um solido pé, rijo e pesado descansou sobre o meu e um bom tempo fui gemendo o apuro, cheio de convicção e de dores, por essas ladeiras acima e abaixo porque, emfim, sou republicano (ai! Deus para que nos deste pés) e vim a Minas... (oh! devia ser bem duro o supplicio dos Borzeguias!) para ver e (que coisa horrivel um calo no dedo minimo!) Não resisti! quando os pés soffrem não ha possibilidade de ir-se além. Pedi licença, confessei a minha fraqueza e derreei sobre o batente de uma porta e logo, com um safanão, alliviei os pés. Que regalo! Decididamente Deus



quando nos deu os calos ainda foi para nosso beneficio. Sem elles poderiamos, por ventura, conhecer essa delicia dos pés alliviados? Descalçar uma bota que nos tortura, em certas occasiões, é bem melhor do que colher um beijo nos labios de uma mulher... porque não comprehendendo idyllo com sapatos apertados, com um calo a doer não ha ternura possivel.

Braz Cubas, o finado, tambem teceu encomios a esse novo e infimo prazer dos pés descalços... Chinellas, sois repudiadas, ninguem ousará trazer-vos para o lagedo das ruas, ah! mas quando appareceis modestamente surgindo do canto em que vos escondem, que é geralmente debaixo da cama, os pés apertados suspiram de gozo, se é que um pé suspira, creio que sim, suspiram, espreguiçam-se, bocejam — já houve quem dissesse que devia começar a adormecer pelos pés.

Chinellas eu vos detesto em publico, sou capaz de apedrejar-vos... isso não, quem se julgar illeso desse crime das chinellas, que vos atire a primeira pedra... mas em particular, e com calos... Fico sentado na soleira da porta—é de pedra e gelida, mas que commo-didade, que conforto. Cravo os cotovelhos nos joelhos e extasio-me a olhar a marcha aux flambeaux que vae descendo em direcção á casa de Marilia — essa incomparavel beldade que foi, por assim dizer, a alma lirica da Inconfidencia.

Se não houvesse vivido além, nessa retirada mansão, a decantada formosura, que seria feito de todo o estro

de Gonzaga? teria conspirado na Varginha sem deixar á patria a immorredoura e suave auletica do amor. Lá iam elles e eu satisfeito e sem dores, dava graças a Deus... Mas a soleira já não parecia tão comoda e esfriava. Se fossemos caminhando! propuzeram.

— Podemos ir, disse eu ancho, calçando o sapato. E seguimos. Pouco andamos porque, á volta de uma rua chegaram-me aos ouvidos os sons de um dobrado alegre e os vivas esthusiasticos dos moços que festejavam gloriosamente a data do holocausto do homem. Tive medo e encravei-me n'um vão de porta. Devia vir alli na multidão o dono do pé que me torturara, obrigando-me a fazer estações pelos caminhos. Emparedei-me e deixei passar a procissão civica, mas um orador assomou a uma sacada e logo as palavras borbulharam nos seus labios fecundos. Ouvi bem o que disse até o momento em que lembrando o tempo opprimido de colonia, chamou a attenção dos ouvintes para a éra de paz e de amor que vamos atravessando... Nesse momento, porém, um latagão, ávido de imagens e de tropos, trepou para o logar em que eu me achava e, como era muito mais alto roubou-me a vista e a attenção, porque não cuidei senão em salvar os pés, novamente ameaçados de tortura... Perdi a peroração, mas lucrei porque sahi do meu canto sem gemidos. Esse e outros sustos fizeram com que eu propuzesse a volta ao lar — meus companheiros acolheram a idéa com satisfação. Voltamos.

.....

Em casa, a sala accessa e deserta.

Sobre a secretaria do nosso hospede, em largas folhas de papel diplomata, algumas linhas escriptas — um começo de chronica... Corremos os olhos pela sala : ninguem, mas alguma coisa vem surgindo do escuro — é redonda e reluz...

Que será? Parece uma grande bolla de bilhar... uma fronte... cabellos poucos, mas, enfim, cabellos... e uma vozinha, um fio de voz quasi imperceptivel :

— São vocês? Reconhecemos o Riancho, o alegre Riancho, despertader da tribu. Está pallido, tem os olhos fundos, treme e olha esgazeado e attonito para os lados. O Patrocínio solícito acode com um copo d'agua que immediatamente levamos aos labios esmaecidos do pobre amigo. Reconhece-me, atira-me os braços ao pescoço, falla-me enternecido e accena para que os outros se approximem, sorri.

— Ah! meus amigos! suspira.

— Mas que tens? Que te aconteceu? dize...

Agita a cabeça afflicta, rola os olhos e cruza, com mansidão, as mãos no ventre, parece um santo em extase. Por fim, sorvendo o ar que lhe falta nos pulmões, toma um gole d'agua e commovido narra : Imaginem vocês eu estava aqui escrevendo as minhas impressões para a *Gazeta*, uma chronica... Aspira anciado : descrevendo a linda manhã de hoje e todos es encantos desta terra, que se não foi o meu berço ha de ser o meu tumulto, se Deus quizer... quando, de repente, ouço ins-



tramentos. Vocês sabem o que eu sou por musica... dou a vida e dou lições, quando é preciso. Pois... chego a janella e... oh ! meus amigos : eram os rapazes, eram os academicos que vinham... Senti faltarem-me as pernas e não sei mesmo como conseguí chegar até o quarto...

— Fugiste?

— Fugi... ! Fugi sim! exclama e cahe de novo em abatimento.

— Fugiste diante da mocidade..?

— Sim... Sou doido pelos moços, adoro os mineiros, sou capaz de hypothecar-lhes a minha vida... Se me pedirem o coração não hesitarei um segundo, mas eu ouvi dizer que elles vinham saudar os representantes da imprensa fluminense.

— E então...?

Suspira, eleva os olhos ao céu e tremulo murmura,

— Tive medo de que me pedissem para fazer um discurso...

BIBLIOTECA

ESTADO DO PARANÁ

BIBLIOTHECA PUBLICA

do

ESTADO DO MARANHÃO

BIBLIOTHECA PUBLICA  
VII do  
ESTADO DO MARANHÃO

Cinco horas da manhã ; neblina. Os vidros de uma janella, por onde entra a luz em meu quarto, estão cobertos de bruma... e faz frio. Riancho, entretanto, sem somno como sempre, salta da cama trefego e caminha a largos pasos tragicos atirando punhadas e roncando a «benção dos punhaes.» Carlos, apezar de baixo insigne, não concorda com o côro a uma voz e tão cedo, desespera e brada ; eu protesto e o Dr. Affonso supplica ; mas o inexoravel Riancho já tem saltado para a «ronda» e depois o «rataplan» e a canção huguenotte... toda opera antes do café. O' Meyerbeer, para que reuniste tantos compassos magistraes, para que perdeste tantas e tão longas noites ? Anua, levanta-te do sepulchro em que dormes, e vem ouvir a tua opera através do *gueloir* destê harytono ou baixo, que nem sei mesmo em que tom canta Riancho, o insomne. Os sete dormentes não resistiriam, de certo, a este homem «que passou pela vida e não dormiu» como mais tarde hão de escre-



ver os seus biographos. Emfim, como não se cala, deixamos, com saudades, as camas e vamos, um a um, borrar a pelle no chuveiro dos pingos.

Apezar de tudo só ganhamos a rua ás 10 da manhã.

Saio á cata de mastre Figaro e, escanhado, procuro o hotel do famoso vinho. Sentamo-nos junto a uma janella. A' mesa, coberta de flores e alvejada por uma toalha impolluta, começam a chegar os pratos fumegantes; e devoramos. Riancho gaba, sem reservas, a cozinha do hotel e, a proposito de manjares, deplora não ter vivido no tempo dos acepipes quando os imperadores convocavam o senado para discutir a maneira de temperar um rodovalho. E demonstra que a Patria lucraria mais se os legisladores, em vez de cuidarem de coisas improficuas como as constituições e os codigos, dictassem receitas para a composição das massas e dos assados, e sacode a cabeça calva e limpa, como a consciencia de um santo, dizendo desanimado: Pois como se ha de tratar de comidas se ha um paiz que tem um corpo legislativo que se chama Dieta...?!

Engole páre applacar a gana. Ao servirem o café, annunciam-nos dois poetas—Raymundo Correia e Augusto de Lima, Levantamo-nos precipitadamente para receber a embaixada do Parnaso. Depois de effusivos abraços voltamos aos nossos logares e ficamos a discutir o movimento artistico do Brasil. Raymundo, sempre apaixonado pela Fórma, a divina Fórma, exalta o rumo seguido pelo parnasianos.

— Perdemos o segredo plastico de animar os marmores. Hoje, de certo, ninguem ousaria tentar a execução de um busto como o de Antinous, como o de Apollo; esse segredo desapareceu com os mestres gregos. A Poesia póde fazer o que á esculptura não é dado tentar —reconstituamos com as lyras esse momento excellente e magnifico da historia da Arte, façamos a estrophe com o requinte com que os trabalhadores do marmore de Paros, essa pedra olympica de onde sahiram todos os deuses dos parthenons hellenios, talhavam os seus immortaes. Façamos do rythmo uma religião e dediquemos a alma ao culto harmonioso. Em vez de um *métier* creemos um rito. O sentimento poetico é espontaneo, o verso não: o rouxinol empluma-se, a noite estrella-se.

A fórma culta é uma necessidade: o ouro nasce, mas a joia é uma composição do buril. Não posso comprehender um verso ouriçado de arestas. A poesia comesinha é o canto do tico-tico, que não é canto, é chalreio. Philomela emigra como os deuses. A poesia, como a pintura, começa a soffrer a influencia do artesão —sobram-nos tantos os máos versos como nos sobram as oleographias. Temos entre nós uma camoneana, os Lusíadas em redondilhas—oleographia de poema.

E' necessário que uma turma de homens tome o compromisso de salvar a Arte pura diante da invasão da fancaria que nos ameaça. Tomemos sobre os hombros a arca auletica e vamos fugindo que os barbaros não tardam. Ha poetas que fazem versos para

balas de estalos como ha homens que fazem o busto de Pallas de gesso pôdre. A musica tem o realejo, emfim é a fatalidade—toda luz tem a sua sombra. Aqui, neste recanto montanhoso, trabalha-se culturalmente. Não ha a facilidade do attrito intellectual—o diamante pule-se com o diamante é verdade, em compensação o desperdicio é nullo—a solidão força á concentração, a concêntração germina.

Temos falta de livros, porque, infelizmente em Ouro Preto, uma cidadé universitaria, ainda não ha um livreiro, mas pensa-se calma e tranquillamente aqui neste canto de montes e de vallados como a Thessalia. Temos um grupo limitado, mas um grupo fiel, sem dissidencias, sem schismas. Reunimo-nos todas as noites sem ponto determinado, ora em casa de um, ora em casa de outro, lê-se, commenta-se, discute-se e essa companhia é bastante, somos o nossa publico e o nosso critico. E perorando: Vivo admiravelmente bem aqui e tenho trabalhado.»

O autor dos *Symbolos* teve algumas expressões amargas contra a critica.

— A verdadeira critica que educa, a critica serena e digna não temos—Araripe e Sylvio Romero desertaram o campo. A analyse litteraria, com algumas excepções, é feita por uma cotterie de insignificantes; varios rapazolas que chegam da provincia, ávidos de nomeada e desprovidos de imaginação, sem leitura, affectando sabedoria e criterio, aboletam-se nos jornaes e vão dis-



tribuindo a torto e a direito, não porque reconheçam defeitos na obra que lhes cahe debaixo da cacheira, mas, simplesmente, unicamente para que delles se diga que atacaram fulano e beltrano já consagrados. E' o criticismo impotente.

Não tratam de indagar as causas que influenciaram na execução de uma obra de Arte, não inquirem do objectivo, da feição do poeta, não entendem e isso lhes basta; sem mais vão derreando autor e escripto sob o peso de um kirie de periodos mal amanhados. Não chegam a fazer mal, não ferem—fazem rir, os coitados. A mim pouco importa o juizo dessa legião. Hoje o que devemos fazer, imitando os antigos, é deixar no frontispicio dos livros a legenda de aviso: «Cave canem» e não dar ouvidos ao rumor. Quem encontra uma sargeta no caminho galga-a.

— Mas o teu livro é magnifico, adianto.

— Pois, meu caro, houve um critico que pediu para elle um fumeiro.

— Não era um critico, com certeza. Quem foi?

— Não sei. Tenho indagado e só te posso dizer que é um desconhecido.

Espocam foguetes ao longe.

— Vamos ao *Te Deum*, diz o Dr. Affonso. E levantamo-nos.

No sobrado uma voz feminina gargantea volatas; outra, de homem, atrôa stentoricamente.

POR MONTES—6

— E este homem a insistir no *si*, diz o Riancho aborrecido, quando elle não póde ir até lá.

Debandamos horrorizados -e ganhamos o sol. Onde vou eu, Divina Providencia! só me falta pedir que tenhais dó de mim. Não decididamente, o melhor é andar. Andemos.

Quando chegamos á praça onde se celebra o *Te-Deum* campal que nos fez deixar em meio a admiravel palestra e os calices de cognac, é tão violenta a impressão de meus olhos, que estaco basbaque a olhar extasiado e commovido para um e para outro lado.

Plena idade média. O scenario, medievo; os grupes, a ornamentação, os accessorios, tudo medieval. O mesmo dia sombrio, o céu côr de carnaúba, sem sol, parece antiquado, trazido expressamente da velha idade do *Dies irae* para maior fidelidade e mais expressão da festa.

Diante do chafariz, que se encosta á frente da cadeia, está armada a capella; a um lado o palanque para os grandes da terra, do outro lado o estrado da orchestra. Plena theoria de virgens, todas de branco, as cabeças guarnecidas de flores, cerca o altar. A tropa, em grande uniforme, o povo endomingado, toda gente descoberta, mesmo os que vêm de longe, passando ao lado da alcaçova senhorial, mal avistam a capella tiram os chapéos respeitosaente. Todas as casas, as velhas casas acaçapadas e ennegrecidas, ornadas, e ás

janelas lindas moças debruçadas. De quando em quando uma tropa subindo com a guizalhada das campainhas—o tropeiro demora os passos, tira o chapéo, e curvando ligeiramente o joelho persigna-se e segue. Na grande sacada da cadeia quasi todos os galés amontoados, e, ao fundo, altivo e severo, o castello-palacio: scenario wagneriano. Quando começou a cerimonia, firrompendo o choral, pareceu-me estar ouvindo a monodia dos peregrinos, em cuja companhia dizem que foi, piedoso e arrependido, o nobre senhor suabió Tannhäuser, deixando Danhusen para ir a Roma implorar a misericordia pontificia pelo grande peccado de se ter deixado seduzir pela deusa Venus, que habitava a montanha nefanda. Cantam os sacerdotes e os violinos afinam com a preghiera, e doco e meiga a voz das virgens vai a pouco e pouco apparecendo, cresce, e mais vozes, de homens e de mulheres e toda a praça rebôa com o choral mystico, enquanto ao longe, em concertante bucolico, tinem guizos de novas tropas que vêm chegando pelo caminho do Taquaral.

Riancho não se contém, e delira:—Queria, diz esfregando as mãos, que lhe dessem aquillo no theatro—que harmonia de tons e de instrumentos! E insiste para que ouça o contrabaixo e o trombone, que um crioulo bochechudo assopra com mais força do que Eolo soprava os ventos tormentosos; e descobre vozes admiraveis no conjuncto—uma contralto igual á Stehle, um De Anna, e indica uma bojúda sobrecasaca, toda enc



lhida em mysticos ardores que barytóna a valer e um baixo, toda a gamma lyrica. E, em verdade, Riancho não exagera—cantam bem esses mineiros, quasi todos musicos. O mesmo conego officiante é uma excellente voz e os acolytos, vozes excellentes. Sinto que os do palanque não cantem, para que eu possa julgar das vozes do high-life—não cantam. Teria ficado até o ultimo momento diante da religião se dois motivos fortes me não tivessem forçado a partida—o ar está cheio de foguetes, as flechas caem em chuva sobrè a multidão, como se por aqui perto ande uma tribu perversa a perseguir-nos. Observam com felicidade :

— Parece que estamos assistindo á primeira missa no Brasil, faltam-nos os indios, em compensação temos as flexas. São as flexas o primeiro motivo da nossa arribada. O segundo e mais interessante, a promessa do Dr. João Pinheiro.

O illustre representante de Minas, além de muitas outras qualidades que o distinguem, é um apaixonado colleccionador de documentos historicos. Sabemos que elle possui, religiosamente conservados, varios autographos dos terriveis conspiradores da Varginha, e, desde logo, fazemos tão apertado sitio á sua pessoa, que o unico meio que descobre para libertar-se dos nossos galanteios é convidar-nos para ir á sua casa... Deixamos o *Te-Deum* e as lindas vozes ; Riancho, melomaniaco, fica sosinho, pasmado da afinação de toda aquella gente, marcando o compasso machinalmente.

Nós outros seguimos a caminho do Taquaral. Passando diante da columna que demarca o sitio do postê infame em que esteve exposta a cabeça do Tiradentes, vemos um lindo quadro, simples, contrastando graciosamente com o facto tremendo alli rememorado—uma negra, formosa e nova, sentada na herva com o seio nú, amamenta o pequerrucho, e junto della um velho negro cégo, acorado, com o chapéo aos pés, implora.

E' o primeiro pedinte que vejo nesta terra feliz. Sentindo os nossos passos pede baixinho pelo «amor de Deus!» Agradece commovido; a crioula agradece, o pequerrucho deixa o peito materno e volta para o nosso lado os olhinhos brilbantes e, surgindo não sei de onde, um molecote de tres a quatro annos, em fraldas de camisa, apparece-nos com a mão estendida pedindo a benção. Dão-lhe dinheiro, elle beija as moedas e vai deposital-as no chapéo do velho, que, de novo, se põe a resmungar louvores, pedindo paz e felicidade para os seus devotos.

O choral rebôa ao longe, mas os foguêtes estrondam e chovem flechas. Tremo pela calva do Riancho. Ah! que se uma daquellas tabocas lhe apanha a reluzente calva... adeus idéa sobre harmonia, adeus amenos commentarios, adeus conceitos! Mas não, Riancho recúa... lá vai, encosta-se a uma porta, sobe para a soleira, acautele-se... Podemos ir, não ha perigo; Riancho está salvo. E aqui vamos em comitiva explorar velhas letras.

O caminho vai beirando precipícios—montes e lombadas de collinas de um lado, cheias de furnas que me dizem ser boccas de antigas minas, de outro lado ravinhas, despenhadeiros e parte da cidade em baixo. Mas como cheira a candeia !... Como cheira, não...

O autographo é uma preciosidade diversamente apreciada. Conheço tres especies de colleccionadores de autographos : o maniaço, o erudito e o evocador.

O primeiro só tem uma preocupação—accumular, é uma especie de trapeiro das letras veteranas ; carta que tenha mais de um seculo, seja assignada por uma notoriedade ou por um taverneiro anonymo, vai logo para a caixa dos amigos, entre veneraveis reliquias.

O segundo escolhe, rebusca e, derreado, passa compridas noites em claro recompondo factos, reconstituindo a verdade historica, fazendo com os periodos archaicos um verdadeiro jogo de paciencia—esse acata o documentario, venera as epistolas, mas, depois de extrair-lhes a essencia, passa a considerar os papeluchos como *bric-d-brac*, sem enthusiasmos. O ultimo, finalmente, é o que mais goza.

Diante de um escripto secular remonta-se ao tempo da sua composição. Se são versos dirigidos a uma mulher, fantasia a belleza incomparavel dessa feliz creatura que soube inspirar tão lindas imagens e lastima não ter vivido no tempo em que ella viveu para disputal-a aos carmes desse escriptor que a immortalizou em paginas sentimentaes. Se trata de assumpto guerreiro,



então são outros pensamentos—sonha com os heróes, inveja-lhes a bravura e renega da existencia nos dias modernos, tranquillos e pacatos, sem a graça, sem a valentia, sem o cavalheirismo desses velhos tempos.

Sou dos ultimos. Confesso que, em questão de anti-gualha, prefiro uma boa lamina de Toledo ou de Damasco, um tacape indigena, uma porcelana da China, um brocado indio, uma faiança hollandeza ou um tapete persa a qualquer epistola, as de S. Paulo inclusive. Adoro o tintamarresco, o bariolado, e exotico; gosto dos paineis em seda feitos nos teares da Asia, sem preocupação de perspectiva, de planos e de nuanças: quatro ou cinco mandarins, um corvo marinho pousado sobre a larga folha de um nelumbo e o céu quasi todo tomado pela plumagem dourada de uma ave do paraíso; a fantasia abracadabrante dos kakimomos, encanta-me muito mais do que a calligraphia dos antepassados: Sellos, autographos, não me seduzem, confesso... deem-me um bom quadro e deixem os autographos para os apreciadores. Entretanto, com estas idéas, vou caminhando ancioso por essa exhibição de cartas vetustas e aborrecido, egoistamente, de que venha em minha companhia tanta gente; porque o Senna, este mais do que qualquer outro, parece disposto a carregar toda a collecção. Por que esse sentimento? não sei dizer, palavra!—Não sei dizer... A casa... penetramos.

E aqui estou eu, grande Providencia equitativa, com os joelhos carregados do resmas de papel amarellado:

cartas regias, officios, mappas, jornaes manuscriptos, bilhesinhos, etc., etc... Toda essa papelada tem cabellos brancos, os punhos que traçaram as linhas que eu vou correndo... em que nuvem de pocira andarão desfeitos e os espiritos que as concebêram no alto paraíso orpheonico, onde ha diariamente, segundo os livros, concertos de harpas e choraes seraphicos ou nas ferventes caldeiras infernaes, pagando crimes contra a sociedade e contra a syntaxe? Vou lendo: longas e estiradas argumentações, em papel de linho, aspero e duro, e uma assignatura. Procuro interpretar, mas decididamente não vai, e é o illustre Dr. João Pinheiro quem me acode solícito:

— Olhe a rubrica de Thomaz Gonzaga. Antes nunca meus olhos tivessem visto taes arabescos. Thomaz Gonzaga, o poeta, rabiscando o «visto». E eu, que o julgava um apartado do mundo, sempre longe das coisas da terra, no refugio de amor, a cabeça repousada sobre o collo de Marilia, a bella... oh! desembargador dos feitos, Thomaz Gonzaga...

— A firma de Claudio Manoel da Costa. Uma carta de Joaquim Silverio dos Reis... Recuamos, como diante de um panno pustuloso. Fóra com isto, doutor! bradámos repellindo a folha maculada. Mas o doutor resiste e explica-nos, com a sua palavra lenta, que aquillo é um libelló contra o denunciante. Infe-re-se das linhas presentes que Joaquim Silverio era, além do mais, um famoso caloteiro, e a denuncia foi um meio de conjúis-

tar as boas graças da corôa. Vamos a outros papeis— a assignatura do marquez de Pombal, cartas de Alvarenga Peixoto e de sua filha, «a princezinha», e por fim dois mappas escriptos pelo alferes José Joaquim da Silva Xavier. Avançam todas as mãos ambiciosas; o Senna entorna louvores e decifra e commenta perorando o seu pasmo com palavras de sentimento pelo martyr.

O Dr. João Pinheiro, que, em segredo, me havia promettido um dos taes mappas, faz um signal e eu logo, agil e prompto, mergulho no bolso mais profundo do *croisé* um dos papeluchos, e de tão ufano, encho-me, fico tufado de modo tal que torturo os dedos para conseguir abotoar o casaco. Os olhos de Senna fulminam-me e o Aurelio offerece-me um logar no seu quarto para passar a noite, conversando. Agradeço e acaricio o autographo... E eu que não gostava de taes coisas! O Senna consegue um numero de um dos jornaes manuscriptos (oh! que inveja!) e o Aurelio um documento celebre... (oh! que raiva!)

Feita a distribuição agradecemos seu côro. E levantámo-nos para sair. Acompanhados até a porta trocámos aa despedidas e agradecemos de novo. Caminhamos apartados— com a mão sobre o peito para resguardar os autographos.

Que olhos que o Senna me vem deitando! E a minha ambição vergonhosa...! Não ha que ver—acabo de adquirir um vicio: sou colleccionador de autographos, colleccionador terrivel. Sou até capaz de colle-



ccionar cartas de... jogo. E' uma mania—não penso em outra coisa senão em autographos e approximando-me do Dr. Affonso, segredo enternecimento:

— Doutor, arranje me mais alguns autographosinhos.

E' decididamente uma nova mania... E que mania!

O futuro dará, de certo, algum exemplar de investigador excentrico que se dedique á interpretação de «enseignes». Champollion, Ebers, Young e Mariette bey debruçaram-se pacientemente sobre as tampas dos sarcophagos pharaonicos e interpretaram a hieroglyphica do tempo de Osires ou traduziram os papyrus veneraveis que os escribas enchiam de versos e de revelações sobre o Amenti das almas. Esses charadistas notaveis tiveram o premio da posteridade; outras ha, entretanto, modestos e ignorados, que atravessam a vida embuçados em um incognito discreto, decifrando logogriphos e enigmas pittorescos, muitos delles mais complicados do que a symbolica mysteriosa dos hierogrammatas egypcios. O homem é fatalmente indagador; o «porque?» está em todos os labios, no fundo da pupilla opaca de um cretino existe, por certo, um plasma do ponto de interrogação. E a sciencia progride. No grande seculo venturo os homens terão estabelecido redes de communição entre a terra e o céu, e o velho Uranus, tão fechado sempre, será forçado a palestrar com a boa e vetusta Rhéa, pelo telegrapho e pelo telephone, e os felizes posterors saberão detalhadamente as boas novas de

Sirius—quantos casamentos em Venus, quantos meetings em Saturno, as revoluções de Marte e os escandalos amorosos commettidos impudentemente na Via Lactea.

Outros sabios forçarão as muralhas oceanicas e farão das vagas insubmissas mansos rebanhos de ovelhas, obedièntes aos observatorios, exactas em tempestades, com horas marcadas para procellas e para os fluxos. Tudo estará desvendado, mas, como a curiosidade não morre, o sabio, depois de ter perscrutado transcendencias, baixará os olhos eruditos sobre os nadas comesinhos. E então o mestre, arrancando a pupilla ás lentes do telescópio, irá com ellas pelo relvedo dos campos estudar a politica das formigas, a religião dos coleopteros e o systema de moral das minhocas ou, elevando as vistas para as teias rutilas e para as colmeias sápidas, trará profundas verdades ignoradas sobre a arte da tecelagem em que foi perita Ariadne e sobre o segredo maravilhoso, desconhecido do mesmo Aristêo, que possuem as abelhas para adoçar o mel e compor a cera. Finalmente, quando não houver mysterios a desvendar, a sabedoria arremetterá terrivel contra a sandice humana e nesse dia os mortaes saberão os motivos porque fulano, que dava um admirave! sapateiro, arroja a sua imaginação, que não devia ir além das chinellas, para os romances e outras composições que exigem, quando mais não seja, um pouco de bom senso... Então (ó tempos magnificos! como eu lastimo não poder gozar os dias claros e desvendados que passarão pelos mundos), algum

philosopho, menos occupado, fará um grave compendio, de milhares de paginas, commentadas, analysadas, sobre as diversas taboletas, sobre os differentes disticos que a gente encontra, ao accaso dos passos, pelo caminho sem termo deste mundo.

Quantas taboletas dignas de analyse tenho eu visto, aqui e alli ! mas dentre todas nenhuma como essa que descobri, de volta da minha expedição aos antographos. Era sobre uma velha folha de papelão, pregada acima da padieira da porta de uma casa de pasto. Grandes letras diziam :

« A, Qui nesta casa  
 Vende se Comida Feita y Tambem  
 Vende-se Café., á 100 réis uma  
 Chicrá,... Comida um Prato 500...  
 Chama-se Freje mosca,

A' Senami, Benedicto José dos Santos, . Basta »

Alguma coisa de nephelibata. Benedicto dos Santos, hospedeiro, é um dos fanaticos da maiuscula, que tanto predomina nas composições em prosa e verso dos maiores innovadores do seculo. Comida assim com O dá idéa de fartura. Gargantua, de certo, nos seus menus famosos, escrevia assim. Tem-se uma impressão de abundancia lendo-se em letras gordas, de talhe forte. «Comida». A' mesa desta casa que contemplo, arrependido de ter almoçado, devem apparecer grandes peças de vianda, peixes colossaes, tanques de sopa. O vinho deve jorrar de toneis grandes como os de Heidelberg



e hão de convir que um quarto de vacca por 500 réis é de graça. E Comida não pode ser um bife civilizado, pequeno como a palma da mão e fino como uma folha de papel, não, Cavida é muito, E a Chicrá? um balde, com certeza, um grande, um immenso balde transbordando de Café...

Se um sabio quizesse estudar o temperamento, o genio do homem que traçou largamente as letras no papelão acharia forçosamente: impetuoso e franco. Quer as coisas ás porções, nada de ninharias, tudo a rodo. Comida, Café, Chicra, Prato, maiusculas para tudo, fartura abundancia; devia chamar-se o Frege das «vaccas gordas» esta casa.

Esta a mulher á porta—macillenta e magra, a desgraçada, mal coberta de andrajos, os cabellos em desalinho. Aproximo-me e dirijo-lhe a palavra. Responde-me tristemente, voz fraca e rouca. Trocamos phrases banaes até que abordo corajosamente o assumpto que me detem:

— Come-se bem nesta casa?

Encolhe os hombros e responde-me com um muchucho. Outra mulher apparece, encosta-se mollemente ao umbral fumando o seu cachimbo. Ouviu a minha pergunta e responde-me:

— Um nadinha. Mal chega para o buraco de um dente.

Muito deve ter gasto essa mulher, penso, para encher

todos os buracos dos dentes que lhe desornam a bocca flacida.

E as maiusculas? Querem ver que essas letras na taboleta valem tanto como as que vem nos versos abstrusos dos abracadabrantés? Comida com C e... um nadinha. Arte carregada de tantas maiusculas e tão pobre...

Decididamente Benedicto dos Santos é da escola ou então outro que venha dar a razão de tantas letras taludas espalhadas desordenadamente pelo papelão do annuncio. Se estivessemos no século XX era só pedir ao primeiro sabio a interpretação e elle nol-a daria de certo—é uma... Mas não adiantemos opiniões do século futuro.

BIBLIOTECA P. B. B.  
do  
MUSEU DO DOMINIANO

Baile o concerto á noite. Riancho, allegando a sua avançada idade e o peso do seu corpo rotundo, que o impossibilita de fazer voltas de valsas com a graça recommendada por Byron, deixa-se ficar preguiçosamente estirado, recapitulando factos para a sua proxima chronica; mas no momento em que sahimos o Carlos, gorgendo, porque tem de cantar um duetto dos *Puritãos*; o Dr. Affonso, preocupado com a flor de sua «boutonnière», eu indignado a espravejar contra o luveiro do Rio, que me vendeu um par de luvas para manoplas, não resiste e acompanha-nos. Vem ouvir o concerto *à la belle étoile*.

A muzica á distancia torna-se mais suave, diz elle. E caminhamos.

A garôa polvilha a noite fria; um carro sobe e desce transportando familias; ha uma romaria para a praça Tiradentes. O baile é no edificio do Assembléa, amplo salão profusamente illuminado. Cantam uma aria do «Barbeiro de Sevilha»; atravessamos lentamente nos



bicos dos pés para não distrahir a attenção do auditorio. Não ha uma só cadeira vasia. Os leques agitam-se mollemente. Subito irrompem as saudações... O Carlos desapparece, vae de esguelha, esfregando as mãos:

— Com licença... com licença...

E toda a gente sorri á sua passagem, abrem-lhe caminho.

Fico sósinho a um canto—diante de mim o Senna, em grande uniforme, fulge a terrivel espada e as dragonas scintillam. Está lindo o Senna! E, palavra de honra, sinto uma pontinha de inveja por não ter tambem a minha farda... Ah! si eu a tivesse, estaria muito mais em evidencia do que estou nesta reles casaca funebre, que me dá o ar de um louva-Deus. Por que não hei de ser coronel como elle?... penso enquanto o maestro preludia para o Carlos e mais um lagtagão soberbo, ar mephistophelico, orgulhoso... e o duetto começa.

Para que se não diga que sou da *cotterie* do elegio mutuo, deixo de externar o meu entusiasmo pela voz do Carlos... Que vozeirão de rapaz! que... mas o dito, dito; o barytono, nem por isso; Mas ao, fim do concerto... socega, coração ousado! O' terra das preciosidades! é possível que haja nos teus rios pedras que brilhem mais do que os olhos incomparaveis que me atordoam, se por accaso se voltam para o meu lado e ouro mais raro do que o que vejo desprendido das cabeças classicas e altivas que giram

nas valsas, tão temidas pelo Riancho? Uma, de formosura antiga, typo de expressão rara, como ainda hoje se vê nos medalhões, passa pelo braço de um cavalleiro, que vai orgulhoso da companhia. Falla, e a sua voz é uma suave harmonia; e baixa de vez em quando as palpebras, cansadas, talvez, do peso dos grandes cilios, que formam uma especie de toldo para as pupilas entontecedoras. Caminha com a magestade régia de uma deusa, mas os seus passos quasi que não fazem rumor... e que rumor podem fazer tão pequeninos pés...? Outra, morena, typo de israelita—sorri deixando vêr os dentes brancos, miudos; um poeta dá-lhe a graciosa alcunha de Sulamita. Cravam-se todos os olhos no seu rosto lindo, de uma côr ardente, e sempre enfeitado pór um sorriso. E uma loura, destacando-se docemente, como uma visão romantica—deslisa, paira, parece que não pousa os pés sobre o soalho, tão de manso vai, tão de manso foge. Ah! é bem a sua dansa— a valsa; as willis á flor dos lagos, ao luar tristonho, é o que dansam, contam as lendas.

O Dr. Affonso convida-me para uma valsa, tem um excellente par. Peço-lhe mil desculpas e lembro-lhe o famoso pé da vespera que me deixou inutilizado para os volteios.

— Não posso; se ousar aventurar-me, póde succeder-me perder o equilíbrio... vão, doutor. Fico admirando.

E encolho-me ainda mais. Felizmente ouço que alguera me chama, volto-me e vejo o Magalhães de Azeredo com um rapaz magro, pallido.

— O Affonso Guimarães, apresenta-me. Abro os braços effusivamente e, enquanto a Sulamita desaparece no turbilhão, fallamos intimamente e por muito tempo conseguimos viver longe do tumulto alegre, discorrendo sobre assumptos litterarios ao lado de um velho gordo e calvo, que discute acaloradamente a mudança da capital, optando pela varzea do Marçal, linda e de aguas abundantes. Mas as dansas não cessam e nós «estamos a perder a graça suprema», vem nos dizer o Carlos e cita-nos pares admiraves. Atravessamos para outro lado de onde se vê melhor e paramos mudos diante da formosura antiga que repousa, abandonadamente, os labios entreabertos sorvendo soffregos o ar morno e impregnado de essencias, mas... ó fatalidade! procura-me um homenzinho moreno, muito fino na sua casaca, irrequieto, a bater com o claque na palma da mão, e falla-me... de que? da carestia? do Rio Grande? da falta de braços? das deposições? não, falla-me «dos ominosos tempos da monarchia» e enquanto os pares passam maciamente ao som de uma habanera, ouço resignadamente os horrores desse periodo negro «quando a patria vivia acorrentado ao throno» e depois a glorificação de 15 de novembro e a opposição formidavel ao marechal Floriano. E' federalista... e que federalista o homenzinho! que federalista!



Acodem-me : é o Magalhães de Azeredo que me vem convidar para ir ao buffet, despeço-me mas, o homenzinho acompanha-me até a porta, perguntando, impetuoso e indignado, se não é uma crueldade sem nome essa guerrá de irmãos mantida pelo governo. Vou a protestar, mas uma voz sollicita segreda-me: se dizes alguma cousa estás perdido. Calo-me e fujo, suando copiosamente, não de calor, mas de agonia... Que massa de politico, Déus meu!

— Um copo de cerveja...? oferecem-me.

— Pois não, pois não... e rapido, porque estou atordado. Aparece-me e Carlos, purpureo e esbaforido : — anda dahi...

— Que ha? indago.

— Uma valsa... e com os olhos em alvo: Não imaginas como está linda!

Não ouço máis. Uma onda devorou o meu interlocutor, e vejo apenas os seus braços afflictos acenando.

BIBLIOTHECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO



## IX

Fim de almoço. Varios brindes. Durante o champagne dois calemburgos tremendos. Deseja-se um largo futuro de prosperidades ao Estado de Minas, depois de varios cumprimentos mutuos. Festa intima—adeuses da commissão organizadora dos festejos á imprensa do Rio.

A' porta espera-nos um phaeton tirado por um percheron valente : vamos correr a cidade. O Dr. Affonso, mais habil do que Automedonte, mais destro do que o famoso companheiro de armas de Duchanta, o rei de Hastinapura, no drama de Calidasa, trava das redeas a sacode-as e tanto basta para que o brioso animal parta, n'um trote largo e folgado, levando-nos pelas ingremes ladeiras da gloriosa cidade.

Vamos correr os sitios memoraveis. Pouco temos caminhado e já o Dr. Affonso reclama a attenção dos meus olhos para o baixo relevo da frontaria de um templo, obra do famoso aleijadinho, esse esculptor mysterioso que trabalhava como as abelhas, em mysterio, e mal



terminava a composição desaparecia sem que se pudesse achar vestigio dos seus passos.

Diz a lenda que esse homem prodigio nada sabia da arte difficil de animar as pedras; eu, éntretanto, confio mais em meus olhos e nas palavras do Aurelio. Tinha talento incontestavelmente, mas não era de todo uma espontaneidade; percebe-se o character indelevel do estylo e isso apenas se adquire no convivio dos mestres cuvindo e praticando. Lá o desaparecimento do esculptor não discuto; mas a ignorancia... Que me perdoe a lenda do paiz das minas, não, ignorante não era o aleijadinho.

— A escola normal... Immenso edificio quasi todo occupado por essa instituição, que é um modelo no genero. Concorrem ás aulas não sómente as crianças e as moças da capital, mas senhoras; mães de familia, acompanham as filhas e vão com ellas para o mesmo banco ouvir as lições dos professores. E deve ser encantadora e commovente de intimidade uma scena de interior módesto, á noite: á luz da mesma lampada a cabeceira fôura da donzella ao lado da cabeça pensadora e grisalha da boa mãe, ambas curvadas sobre o livro ou compondo themas. A educação, longe de distanciar os filhos, estabelece novos elos, prende no mesmo ideal de sciencia, a velhice para julgar dos factos do passado, a mocidade para preparar-se para a vida do futuro. Em frente as obras do edificio destinado aos senadores, aos veneraveis, e no lado opposto a policia, a casa de amores d'antanho, de onde Gonzaga olhava a sua Marilia. Boa

vista de namorados, palavra de honra, porque os dois predios distam, talvez, duzentos metros um do outro, senão mais. Seguimos, ladeira acima e ganhamos a rua dos paulistas para alcançar o quarteirão de Antonio Dias.

Aurelio achou extraordinaria semelhança entre este canto da cidade e Capri. Ruas estreitas, em curvas; casas atarracadas, umas altas, com formidaveis balcões de ferro, outras agachadas ao lado, janellas de ripas cruzadas, portas solidas, mas tudo tão cheio de velhice, tão desnaturado pelo tempo que parece um trecho lançado ao abandono, o lixo das casas velhas esquecidas alli em accumulô, umas sobre as outras, á espera do tempo destruidor que as consuma. Crianças brincam ás portas das casas. Uma tem a janella aberta, a caseira velha e encarquilhada espia por cima dos oculos, mastigando qualquer coisa; consigo ver uma parede de sala, doirada pelo reflexo de uma lamparina que alumia o registro de um santô; nada mais.

Nas esquinas velhos nichos a que chamam «passos». As procissões do bom tempo demoravam-se diante dessas capellinhas significando as pausas dolorosas de Christo a caminho do Calvario. Mas, acredito piamente que o Cordeiro soffreu menos subindo a montanha cruel do que os pobres crentes que acompanhavam os prestitos sagrados, vingando estas ingremes ladeiras. Daqui devem ter sahido muitos santos, penso eu. Ha algumas habitações que lembram as luras dos esquimós—tão baixas, tão

sombrias são. Não sei como se pôde entrar em taes abrigos a não ser de gatinhas...

Seguímos... mas, diante de uma das taes casinholas, peço ao Dr. Affonso que detenha o percheron feroso. Tocam e cantam.

Para quem vai da civilização cheia de sonatas clasicas e de symphonias do futuro, um violão, a cantiga ingenua dos sertanejos, têm encantos inexprimiveis. E o que cantam è uma velha modinha saudosa e terna, cheia de queixas e de melancolia, muito minha conhecida. Foi em Pernambuco que a ouvi pela primeira vez, uma noite, na Boa Vista. Mais tarde, em S. Paulo, em serenata—quantas recordações, quantas saudades!... E o violão geme e soluça profundamente. Esse entende que a vida deve ser levada assim, mollemente, sem cuidados, sem preocupações. O trabalho, a politica, os boatos... que valem ao lado de um bordão picado? «Geme violão, sentido, geme, e o mundo que se desmanche. Em quanto geme minh'alma vai gozando e distraio a fome e as maguas não me apertam. Geme violão queixoso...» E o violão lá está gemendo para o cantor e para nós que o ouvimos, enquanto o ardego percheron bate as formidaveis patas nas grandes pedras lisas da ladeira.

— Podemos ir, doutor. E partimos, mas ainda de longe, ouço os tremulos do instrumento no fundo da casa obrega.



Chegamos á claridade e o cavallo segue a trote, a cabeça alta, sorvendo o ar fresco dos campos.

— Vê aquella casa, além da ponte...? a terceira ponte que vem citada na Lyrica?

— Sim, vejo.

— E' a casa de Marilia de Dirceu. Mas não podemos chegar lá no phaeton. Acho melhor ficarmos aqui.

E ainda pensamos quando nos apparece um caboclinho risonho:

— Quer que eu pegue o cavallo, moço?

— Sim, sim...

E seguimos a caminho de acceitoso retiro da madonná.

A casa de Marilia...

Sobre o muro da entrada alastram os ramos de uma trepadeira que, de tempos em tempos, desabotôa uma florinha roxa, *sempre lustrosa* chamada. Consterna a pobreza deste caminho que, em outros tempos, levava ao retiro em que vivia, fiando como Penelope, a musa de Gonzaga. Empurro o portão carunchoso e perro e vou, pizando o pedregulho á mansão de amor. Bem triste, em verdade.

A casa, comprida e baixa, é uma reliquia. Se alli não tivesse vivido a divina Marilia, é de crer que nem uma só das pedras que vou pisando guardasse o seu logar até hoje. Areja o ninho um renque de janellas largas, mas o tempo começa a fazer pressão sobre o telhado o as vigas... que hão de fazer as vigas históricas? cedem,

de sorte que a causa parece meio agachada e os muros classicos, confidentes discretos dos namorados ternos, estão a pedir reforma, porque, pobres muros! de que lhes servem o pasmo e a veneração dos que sobem para contemplal-os, se elles mal se podem ter em pé? creio mesmo que é um resto de vaidade que os sustenta porque tijollos e argamassa, isso... pobres muros confidentes...! os annos devastadores e, principalmente, os temporaes do inverno, pouco respeitadores das antigualhas veneraveis, levaram para fazer com elles o muito conhecido pó dos seculos. Em frente um pateo onde cacarejam gallinhas.

A' direita de quem entra, para o fundo do terreno que, certamente, foi um viçoso jardim outr'ora, um telheiro, especie do curral—allí d'antes mugia a vaquinha domestica arranjando uma bucolica para acompanhar o derriço, e logo me salta da memoria o verso:

« Eu, Marilia, não sou nenhum vaqueiro... »

Em vez da vacca um burro penseroso, de grande orelhas, sacodé as moscas com a cauda, reduzindo a estrebaria sordida o estabulo poetico, onde Marilia, fresca e risonha, descia pela manhãzinha com a agonia de carro para o leite.

E tudo isso devia ser tão lindo! Werther descreve, sentido e apaixonado, Carlota, distribuindo pão com as criancinhas.

Que ténis sima scena para os olhos enamorados de

Gonzaga :— Marília, de cocoras, mugindo a vacca leiteira.

Entro, subindo os degráo da escada tambem vetusta, e eis-me na saleta de espera. O tecto ameaça desabar, o soalho ameaça afundar, os muros ameaçam esboroar-se. Ahlo prefeito aqui...onde iria parar essa veneranda preciosidade ! Vamos adiante—dois compartimentos ligados : saleta e alcova—a camara de Marília.

Aqui a maxima descrição. Não quero nem devo entrar em segredos de intimidade, já não é pouco ter transposto o limiar da alcova de uma senhora, é verdade que hoje, essa divina senhora, está acima de qualquer suspeita, porque o Paraíso é muito alto e é lá, sem duvida, que habitam os espiritos das que em vida foram Eleonora, Laura, Beatriz, Marília e essa amorosa Catharina que tão cedo desta vida se partio.

A camara de Marília—paredes caídas, logar apenas para um leito... mas onde vou eu? camara de Marília... Da janella da saleta proxima, a musa espiava o seu poeta. Para belvedere acho insignificante, mas como ponto de observação discreto, magnifico... Os demais aposentos estão occupados pela familia que habita actualmente a reliquia. Dizem-me que ha tal respeito por esta casa que ninguem ousa propor a sua demolição : se apparece uma frincha no tecto vêm logo carpinheiros remendar a cicatriz heroica, se é um trecho de muro que abate acodem sollicitos pedreiros, de sorte que esta



·casa tem dois fins aqui neste conto de terra, n'um extremo da cidade: ser admirada e ser remendada.

Vem gente subindo a ladeira, devem ser trabalhadores—ha alli um caibro tem-te, não caias... deixemos o caminho livre aos conservadores da tradição. Saiamos.

Como eu vivia illudido! Para mim a casa de Marilia, que eu imaginava, o tinha aspecto de um antigo solar, de grandes janellas oji vaes, mirante, vasto jardim cheio de sombra e de aguas limpidas, flores perfumando o ar que se aspirasse e, em todos os ramos, em todas as moitas, um ninho papeiando e tanto merecia a casa de vivenda da amada de tão suave lyrico, entretanto... um pardieiro.

A tradição tem, ás vezes, caprichos de alcool—conserva monstruosidades.

Como eu vos lastimo, formosuras d'antanho! Ah! quem vos derá as casas de hoje, lindas e confortaveis, onde se póde amar, tendo, além dos muros fortes, o recurso dos estofos e das tapeçarias que adormecem os rumos... e o mais que a galanteria voluptuosa tem sabido inventar para requinte do amor moderno. Hoje, quem faz caso do mugido da vacca no curral contiguo? não, para embalar o idyllo ha suavissimas romanzas e bons vinhos que accendem a febre e os novos segredos do «excelso amor...» e casas sobretudo, casas que merecem o nome lisonjeiro de sanctuarios, não essas cabanas de telhas negras e de muros podres. Marilia, recebe os

pezames de quem esteve a percorrer os teus lares e que, sinceramente, não os accitaria mesmo de graça. Mas deixemos a musa; ha outros encantos que me esperam e as horas correm. Vamos.

O Dr. Affonso toma a frente e a grandes passos ganhámos o phaeton.

O solcito caboclinho acceita a gorgeta e, percebendo que andamos em excursão, forçada a pausas, pergunta-nos se queremos que acompanhe o carro.

— Não! vamos muito longe... responde o Dr. Affonso.

— Não faz mal, torna o caboclinho, a correr.

— Vamos ao Taquaral, á casa do Marcellino.

Não sei onde é mas presinto que deve ser longe, porque o andarilho estaca subitamente olhando-nos meio desapontado. E o percheron, fustigado, arroja-se por uma ladeira sacudindo-nos violentamente.

Volts e contravolts, viellas, ruas precipitadas, escuras, estreitas, de repente uma praça e novas ruas, beccos. Paramos um momento para deixar passar uma tropa. Os burros vão trotando carregados de candeia; seguimos, mas surge uma carroça... e agora? O carroceiro estaca e olha-nos espantado como para nos perguntar para onde vamos. Prevejo um conflicto; mas não, o homem é pacato o prudente, fer ra um murro valente ao focinho do quadrupede e obriga-o a recuar desviando o seu vehiculo para um becco e de longe, satisfeito com a manobra, acena e grita-nos:

— Podem passar, vosmecês.

E passamos lançando um agradecimento ao bom homem, que nos diz rindo muito :— E então? era preciso que um de nós se decidisse, senão ficavamos aqui o dia todo, olhando um para o outro.

Prudente carroceiro. Como chegassemos a uma praça, o Dr. Affonso propoz-me a visita á escola de minas. Saltamos, e não sei donde surgiu um creoulo, que mal puzemos o pé em terra logo travou do freio do cavallo dizendo-nos, convencido da sua força :

— Vosmecês podem ir que o bicho está seguro.

A vista disso — seguimos.

BIBLIOTECA  
do  
ESTADO DO PARANÁ



BIBLIOTHECA PUBLICA  
X  
do  
ESTADO DO PARANÁ  
ANHÃO

Da casa de Marilia para a escola de minas a transição é inopinada e brusca. Venho desse ambiente saturado de beijos para a atmospherá pesada de um ádyto de sciencia—o ar que se aspira parece impregnado de emanações de retorta, fluidos cruzam-se invisivelmente, ha no espaço, errantes, atomos subtis evadidos dos grandes bocaes; os volateis, como espiritos mysteriosos, fogem das prisões em espiraes que os olhos não percebem, como, segundo o conto de Scherazada, fugio da urna millenar o grande genio perversa: primeiro um novello de fumo, logo em seguida o bruto mão, membrudo e feio. Nas vitrinas, em uma sala, esqueletos e ossarias fosseis; grandes mappas pelas paredes mostrando a plastica colossal dos bichos asphyxiados pelo aguaceiro das cataratas celestiaes; em outra sala, os animaes da segunda edição da terra, correctos e diminuidos—e embrulhada em um panno a configuração de uma quintana—desvio o véu e dou com os olhos em

um esqueleto humano, pendente do tecto, balouçando-se como o despojo d'um enforcado... Graças á companhia — o erudito professor Dr. Antonio Olyntho e o meu dedicado companheiro Affonso e graças ao dia azul, as nevoas da melancolia que fizeram de Hamleto, no cemiterio de Elseneur, um philosopho osteologico, tirando syllogismos do sphenoide e graves principios de logica do buraco occipital—vejo que a nudez humana, longe de provocar a minha piedade, me faz cocegas no espirito; rio da engelhadinha carcassa que tambem ri, coitada, com um triste sarcasmo nas maxillas tabidas, talvez das predicas mundanas—haviam promettido a paz infindavel e muda da tumba e, entretanto, cá está o desgraçado arcabouço dependurado, fazendo pendant ao esqueleto retorcido de uma cascavel, tendo a um lado um armario atochado de bichos e do outro um apparelho de electricidade. O Nirvana é o amphitheatro. Mas passemos a outra sala, que esta parece me por demais sinistra.

Os minerios... lindas pedras tauxiadas de pyrites rutilas, crystaes maravilhosos, alguns encerrando gottas d'agua, turmalinas, topazios, blocos de ferro rutilos, tulhas de amiantho, todas as preciosidades da terra desde a argilla, nossa mãe commum, seguindo a Biblia, até o diamante agarrado ás pedras como a perola agarrada á ostra, o diamante, essa luz crystalizada, fagulhas que saltaram da bígorna de Hephaistos que se espalharam pelas regiões profundas quando o coração d'

Terra era uma immensa forja de onde sahiram as tripodes santas, o césto de Aphrolite, os raios do Tonante, os grilhões de Prometheu e as armas terriveis dos guerreiros privilegiados.

Tudo vejo e mais além um feito da criação do homem— a machina, mais forte do que a obra divina, porque nós outros vimos da terra vermelha e ellas vêm do ferro e do bronze ; alli o allimento dos grandes brutos— o carvão.

E caminhamos, de maravilha em maravilha. Eu, curioso, querendo saber tudo vou indagando : Que é isto? um modelo de forno, explica-me o Dr. Olyntho ; e alli —uma galeria de mina— e um martello pilão, todas as miniaturas do grandioso. Vamos adiante : aos laboratorios—uma grande sala, a maior, talvez, deste acanhado edificio onde funciona um dos mais notaveis estabelecimentos de educação da America do Sul. Correo ao centro a tavola de trabalho, ampla e larga ; embaixo, os armarios para as blusas dos estudantes que não podem lidar com os acidos e os teriveis agentes de reacção sem essa toilette barata e commoda que lhes permite inteira liberdade de movimentos e salva-lhes a integridade dos ternos caros. A sala está deserta mas, sobre a mesa, perfilam-se as diversas experiencias, as multiplas analyses em godets, em balões, em retortas, em cadinhos ; ha um estranho cheiro acre e incommodo. Mephistophetes atravessando o limiar da officina de

POR MONTES—8



Fausto, Gringoire visitando a cella de Claudio Frollo deviam ter sentido o mesmo cheiro acido, espagyrico, um cheiro de idade media.

Reclamo o ar puro e transportam-me para o gabinete sombrio das balanças de precisão—ha uma, preciosa e rara, que será capaz de pesar o sonho de uma virgem, mas os meus pulmões protestam— o cheiro e a falta de ar... Deus meu ! Fujo, subo a uma escada... (O' governò de Minas, porque não voltas as tuas vistas para esta casa que tanto merece e que tanto tem feito pela gloria do teu nome? Isto é escada que appareça em uma escola de engenheiros ?!) Subo, e entro precipitado em uma sala. Pelos muros figuras de gesso mãos, cabeças, braços, ventres e acanthos e fórmãs de cornijas e plinths : é a sala de desenho. Desço e eis-me de novo entre minérios—um schisto e a classificação, um alcaloide e o nome do estudante que lhe classificou a origem. Classificações, classificações, classificações... E ha ainda a sala dos apparatus de phisica e ha inda, fóra, no eirado, o gazometro da escola... O gazometro e aqui vos digo com espanto e terror — não é o coke a materia prima usada nesse gazometro que produz excellentemente o fluido incandescente e o alcatrão negro, não é o coke é a indefectivel e ubiqua candeia, a candeia que é páo para toda obra aqui em Ouro Preto.

Mas vejo luz, graças a Deus, vejo luz e sinto o alivio do bom ar... E agora que estou senhor de mim devo fallar com o enthusiasmo que contive a custo

visitando o notavel estabelecimento e o detestavel edificio :

Minas Geraes deve esse penhor irresgatavel de gratidão ao professor Gorceix, que foi o creador e mantenedor, durante longos annos, desta escola. Contam me que habitava uma casa proxima; habitava, digo mal, lá apenas dormia, porque o seu verdadeiro lar era a Escola de minas, para onde vinha de manhã muito cedo, vestia a sua blusa de trabalho e ficava, até a hora em que se fechava o edificio, estudando, analysando, com alguns discipulos que o adoravam com admiração. Quando deixou a cidade levava o coração partido, como se se apartasse da filha estremecida da sua alma. Ha ainda hoje, entre os sinceros mineiros, profunda gratidão pelo sabio francez que legou á patria gloriosa de Ottoni o modelo admiravel de uma academia scientifica. Cabe ao governo completar a obra collosal de Gorceix, dando á escola... um edificio digno.

BIBLIOTHECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO



Rua das Lages. Ahí vai o percheron lentamente, lentamente. O phaeton solavanca, salta sobre as pedras, ora deslisa suave mas, logo apparece uma descida abrupta; o Dr. Affonso trava as rodas e o vehiculo segue arrastado, moroso. Extralam os seixos do caminho e upa! pobres figados... Mas que esplendor de paizagem — vastissimos horizontes e, subitamente, o desfiladeiro angusto, colles de um verde macio, quasi louro. Entardece; o indigo crepuscular tinge os montes longiquos e o Itacolomy põe a cabeça de fóra para contemplar a magnifica apotheose vespéral da luz e o seu dorso negro resplandece dourado pelos ultimos raios do sol occidental.

— Onde vamos? pergunto.

— A' casa de Marcelino Fraga, diz o meu illustre companheiro e conta-me a historia desse homem que tanto lhe merece.

—E' um dos velhos remanescentes dos mineiros heróicos. Vive concentrado cuidando o seu jardim e a sua horta, como o ancestral da raça valente dos primeiros patriotas. Homem de fé e de crenças guarda veneradamente a religião dos maiores—é a lealdade, é a energia, é o trabalho, é o coração. Suspende a narrativa e sauda :

— Adeus, Messias !

Estamos diante de uma baiuca escura, com um balcão quasi á porta — uma voz corresponde de dentro:

—Como vai, senhor doutor?

E' um velho negro o dono da casa. Passamos e o Dr. Affonso continua:

— Vai achar curioso o type de Marcelino Fraga... E revela-me que esse homem abscondito «nunca viajou em estradas de ferro.» Quando tem necessidade de transportar-se a algum lugar distante aparelha a bestinha viageira e ahí vai, caminho afóra, como no bom tempo antigo, passando a noite nos ranchos e sahindo ainda com as estrellas, para o seu rumo. Não quer saber de innovações — o comboio, no seu entender, é uma *arapuca*.

E' dos que praticam o proloquio prudente: « De vagar se vae ao longe.» Se algum dia apparecer no Rio podem affirmar com asserto que leva vinte ou trinta dias de viagem na bestinha trotinante.

— E' aqui, diz o Dr. Affonso estacando o cavallo. Descemos diante de um grande portão de madeira e

penetramos n'um largo pateo de herdade — vaccas mugem pacientemente aturando as marradas soffregas dos bezerros que mamam; burros, de pé, melancolicós, parecem cochilar debaixo de uma grande arvore, porcos e bacoros grunhem entre gallinhas e um gavião domesticado passeia a grandes passos juntamente com os pintos fraternizando como, segundo a Biblia, fraternizava no Paraizo, antes do Peccado. O Dr. Affonso brada pelo dono da casa e logo apparece ao fundo um homem alto, moreno, magro e nervoso, o nariz adunco, os olhos pequeninos e scintillantes.

O' senhores...querem ver que estou em Toboso, a formosa aldeia, de onde em uma clara manhã partio para o mundo o defensor das virgens e dos fracos? Onde estará Rossinante, o ginete de tão gloriosas investidas? e a lança formidavel, devastadora de rebanhos e de moinhos, em que panoplia a terá deixado o legendario cavalleiro errante, porque é elle, sem tirar nem pôr, é elle o sonhador incorrigivel; namorado e bravo, meigo e tremebundo, prompto a sahir com o seu elmo e a sua espada terrivel para defender a princeza polar, se nos gelos houvesse uma princeza soffredora cujos gemidos pudessem chegar ao fundo da aldeia natal do amante de Dulcinéa. Apresenta-me—e elle, com as mãos negras de terra, desculpa-se dizendo-me com um sorriso que me deixa ver os seus lindos dentes brancos e fortes —que está cuidando das flores, plantando, podando e dando «graça» ao jardim; e logo, intimo, convida-me



a acompanhá-lo. Seguindo encontro a senhora que vem com uma mancheia de rosas o um petiz com um vaso de violetas—trabalham todos. O velho mostra os seus canteiros com orgulho verdadeiramente... como devo dizer? paternal, vá lá, paternal. Falla das rosas com certo carinho, indica os botões que devem amanhecer desabrochados e os arbustos que florescerão proxima-mente. De repente volta-se. Vamos á horta, e, de pas-sagem, grita : que façam café.

A horta! as couves... Palavra de honra, se me dis-sessem que as crianças sahiam de baixo desta verdura, eu, se não tivesse alguma pratica do mundo, graças a Deus, acreditava ; até homens essas largas folhas abrigariam se preciso fosse. Não são couves, são baobabs authenticos... e as alfaces e os cuentros? Uma ave caminha airosa e grave—é uma síry-emma, inimiga irre-conciliavel das cobras. Grita ferozmente e, como per-cebe pelo meu rosto que desejo ouvir a-voz do bicho, o velho ordena a um criulinho—que faça barulho ; e co-meça um tan-tan monotono. A ave precipita os passos, pescoço alto, cabeça erguida, escutando, estaca, ca-minha de novo, pára, escuta ainda e, de repente, os-cancara o bico e começa num grasnado aspero, ran-gedor, estridente, encolhendo o pescoço até ficar com a cabeça no papo tufado. Parece que vai rebentar.

Descansa, o tã-tã persiste e ella, de novo, grasna furiosa. Ouço um rumor soturno e regular — é na co-zinha, estão socando o café no pilão e é sempre assim

toda vez que se tem de beber o grão famoso. Deixamos as lindas couves e passamos á sala de visitas. Modesta, mas que asseio e que recato — ás janellas cortinas de cassa branca e pelas paredes quadros de santos, imagens. Sobre uma mesinha, florido de rosas frescas, o oratorio. Sentamo-nos e a conversa recae sobre o baile da vespera. O velho lastima não ter podido ir e gaba, por ter ouvido a descripção da festa. E raro acontecimento que aqui registro para gloria perpetua do sympathico mineiro : não tocamos em politica. Mas anoitece ; o céu azul enche-se de estrellas — é a hora triste. Debruço-me a uma das janellas e olho os valles nevotos ; já longe pouco se distingue — o horizonte está tomado pela noite.

Despedimo-nos e o velho, trazendo-nos á varanda, levanta os olhos para o céu e anima-nos :

— Vão descansados... a lua não tarda. Realmente deve ser ella que põe essa côr alvadia sobre os montes. E' ella ! Lá vem ganhando o céu, entre estrellas. Temos luar ! Boa noite !

E elle, apertando-nos as mãos :

— Lindo luar vão ter... Boa noite ! e ficamos com os chapéus na mão respeitosa, como o velho, porque os sinos das igrejas dobram *Ave-Maria*.

BIBLIOTECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO



XII  
BIBLIOTHECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO

As minas...

Deito-me com este pensamento e não consigo conciliar o somno. Riancho (caso extraordinario) dorme, é uma euphorbia. Os outros dormem, eu apenas velo, estirado de costas, os olhos fixos, parados. Medito... saudades dos meus! Vejo todo meu lar, mas os olhos ardem como se alguma coisa os opprimesse, pestanejo, uno as palpebras, debalde—não durmo. Subito uma luzinha purpurea, longe, mal diviso as vezes, outras vezes vejo-a nitidamente brilhando como um pyrilampo; aproxima-se e logo outra e outra, uma fila de pontos luminosos, tremulos, vagos, errantes, em evoluções aereas atravez da sombra da alcova silenciosa. Mais perto... e vou divi-sando figuras: bustos masculos, collos fartos de mulhe-res creadoras, cabeças louras de raparigas, são grandes levas, vem de muito longe, pela noite, cobertos de neve alvadios e cantam... Não sei que cantam... é de certo algum hymno porque agitam os braços e escancellam as boccas, delirantes e allucinados. A pouco e pouco,

porem, os sons me vem chegando, ouço o que dizem e ô que exclamam os mais assanhados — protestam e gritam contra a terra negra e vão passando.

Homens colossaes, athleticos, alumiam a tréva erguendo lampadas fumarentas; velhos tossindo, pallidos, os olhos encovados, grandes sóccos nos pés, crianças, mulheres, chalrando... passam e começam a desapparecer. Vão sumindo as luzes, restam poucas; as vozes amortecem e eu sinto uma impressão dolorosa como se me estivessem arrancando as entranhas vou caindo, caipdo e sempre, diante dos meus olhos, as luzes tremulas. Sopra um grande ventogelado e surdos rumores reboam; ouço trons constantes e chofrar d'aguas que vem em ondas de cheia alagando, devastando os caminhos por onde passam e relinchos afflictos de cavallos e ulullôs de povoações espavoridas e luzes sempre, ora cruzam-se, bailam aereamente n'uma valsa fantastica de lampyros, umas vão, outras vêm. Passa por mim, a correr, um homem negro, leva ao hombro um grande silex; brama e logo um grito de augustia e vejo, estrebuchando, todo em sangue, o corpo forte de um homem sobre montes de silex... e esgazeada, a um canto, uma mulher arquejante. Subito um grande berro lancinante e o estampido e a claridade como se um raio tivesse caído perto e operarios nus, como uma legião barbara rechassada, passam por mim, em montes; os que caem agonizam pisados pelos que vão fugindo e sinto que me falta o ar, aspiro

aspiro, um grande peso sobre o peito suffoca-me, escanca. o a bocca, agito-me e...

— Que é? Que é? Luzes, rostos amigos : o Riancho, a Carlos, o Dr. Affonso, espavoridos, os olhos empapuçados de somno, debruçam-se sobre mim : Que é? Que tens?..

— Estava sonhando com o *Germinal*... Esse passeio á mina começa a impressionar-me.

— Ah! então por causa do *Germinal* vociferas, homem?

— Uma explosão de grisou... a morte de Chaval...

— Qual, historia. Isto acontece a quem se deita immediatamente depois de jantar, diz o Riancho conceituoso. Janta como Pantagruel e bumba, cama!

— Mas eu não estava dormindo...

— Ah! não dormias... Então vê se dormes agora. E deixa Montsou em paz. Boa noite.

As luzes desaparecem. Riancho atira-se na cama e eu...

Cinco horas da manhã e recordam-me. São horas! São horas! Estão á porta os animaes. Anda dahi! Vólto-me na cama preguiçosamente. Levantar-me... aventurar-me a uma legua de viagem atraves de campos e montes com esta garôa que embranquece as arvores e molha os caminhos... é muito. Peço prorogação da hora de somno: até ás oito... E' muito cedo. Revoltam-se, protestam e ahi vem de novo Riancho com os seus argumentos hygienicos e poeticos — porque o ar da manhã



é um precioso tónico e porque a paizagem, na frescura do alvorecer, tem bellezas inenarraveis, coisas imprevistas e para persuadir-me escancara as janellas—uma lufada de ar frio agita os lençóes da minha cama : O Riancho!

Vamos, homem ! Olha que lindeza... e ouço o gottjar do chuveiro—é o Dr. Affonso que refresca a juventude.

E' polar, decididamente vem dos gelos articos 'esse valente moço—um banho frio... E eu, infelizmente; tenho de ir submetter-me á ducha, porque não ha para combater o frio como uma ablucção—é a homœopathia—similia similibus... Lá fóra, com effeito, ha um bando de quadrupedes—é a cavalhada que nos deve levar á Passagem. Vamos, não ha remedio; não hei de sahir de Minas sem ter visto as minas, isso não. Terra mãe, perdoa a minha curiosidade ! Nero tambem quiz ver as entranhas de Aggripina e eu hei de pisar o teu seio fecundo com as solas dos meus sapatos inglezes, pretendo descer ás ultimas galerias para ver, ainda na placenta, esse ferrivel revolucionario que move as guerras e deprava as virgens. E' um sacrificio, confesso, mas pelo ouro quantos sacrificios fazemos nós neste mundo de avidez e egoismo!

— Patrocínio, a minha camisa, e escolhe-me uma gravata clara. Quero descer ás profundezas das minas vestido com certo esmero. E perfuma-me o lenço, um pouco de Marechale... vamos! Aparecem-me á porta

de quarto duas botas enormes e dentro dellas Riancho, e meu incomparavel amigo.

— Todos promptos ? indaga o Dr. Affonso.

— Todos promptos.

— Então, a cavallo...!

Lanço um derradeiro olhar ao leito morno, bocejo e saio.

Os parthos, segundo Herodoto, eram os melhores cavalleiros da Asia antiga—escarranchados nos potros selvagens, esses barbaros, que devastaram cidades e civilizações, valiam mais do que os proprios centauros, que tanto trabalho deram aos lapithas apedrejadores. Para elles não havia catapultas, nem arietes, nem flechas, nem pelotas de fundibularios—a cavallo ninguem os vencia, os proprios romanos, fortes e disciplinados, soffreram atrozmente quando sahiram a terçar contra os indomados... equestres. Os parthos no tempo em que Buddha compunha nos valles frescos os divinos versos mysticos e nós agora... Oh! Herodoto admiravel! se pudesses descer da immortalidade, muito havias de crever a respeito da cavalgada que subio as ruas de Ouro Preto nessa memoravel manhã de aventura e de frio. Para que os homens do futuro possam ter uma idéa do que foi essa sortida, aqui deixo de um mappa synoptico do pelotão famoso:

O Dr. João Victor—um ponche resguardando o busto, chapéo de longas abas, botas, chilenas, o ar gaúcho, monta um cavallo pampa feroz, arisco e amo-

roso, que, de vez em quando, volta os olhos accessos para uma eguinha tenra e impure, demoiselle ainda, em que vai o meu amigo Affonso (tiro-lhe o titulo) e com tal cubiça que parece o proprio hippomanes devasso. O amigo Affonso, a principio escarranchado no lombo nêdio de um muar, mas, por conveniencias posteriores, continúa a viagem na eguinha namorada do pampa. Toilette simples de brim, uma linda gravata, chapéo de feltro marron. O coronel Domingos, um bravo! vai a cavallo n'um bicho possesso, não é um simples quadrupede, é um quadrupede energumeno: salta, colleia, investe, cabriola. O commendador Soares doma, com a graça de Alexandre, um alazão ardego e... intacto; é animal de valentia; não permite que se lhe chegue as esporas... nem de leve. O Senna e o Riancho, em lindos burricos, eu n'um pegaso philosopho, um pegaso que sabe onde põe os pés, mas que, infelizmente, não vê um palmo adiante do nariz, porque, de instante a instante catrapuz! tropeça e eu de empuxão para levantá-lo e de esporas para animal-o. Um pagem fecha o cortejo. Ouro Preto dorme ainda.

Ah! inelyta cidade, porque não vens á janella admirar a nossa graça e a maestria com que vamos levando esta bicharia? E' tal o aspecto guerreiro do grupo que um tem a lembrança de fantasiar que somos reivindicadores de liberdades e chrisma-nos: Gumersindo, o córonel Gomes; Riancho, Juca Tigre (?); o Dr. João Victor, pela attitude que sabe tomar, de chefe e de



guerreiro, Joca Tavares; o Senna, Manduca não sei que; o Dr. Affonso, Salgado e eu, pacato e modesto, sem fibra bellicosa como sou — Zeca vai tudo raso... Vamos ferozes e orgulhosos das antonomasias. O pampa, indiferente á mudança operada, vai flirtando, o nobre animal, e, sempre que póde aproximar-se da demoiselle é um perigo... torna-se insolente, relincha, salta, escouceia. Felizmente o meu quadrupede philosopho contenta-se com os tropeços, mas não tem velleidades passionaes, olha indiferente para o pomo da discordia e suspira. Explicam-me a razão da frieza do bicho... elle... mas porque expor á irrisão o animal que soube ser tão gentil commigo, livrando-me de tramboihões nesses caminhos auriferos e cheios de pedras? A manhã fulgura; o sol doura os montes e sécca o orvalho das plantas, outros cavalleiros cruzam-se commosco no caminho, vão para Marianna ou vem de Marianna — saúdam-nos, saudamol-os...

E começam as ruinas da velha cidade: ruas inteiras de velhos muros negros, cobertos de hera e de parasitas, construcções colossaes aluidas pelo tempo e brocas de minas extinctas. Sobre vetustos alicerces novas edificações; crianças vêm á porta e olham-nos espantadas. Chegamos ás aguás ferreas... e estacamos os animaes. Os que têm sêde correm a desedentar ou pedem, aos que primeiro saltaram, o favor de uma gotta d'agua, eu entro para o grupo dos Eliezeres e a Rebecca, que me

POR MONTES—9

offerece o cantaro, é o amavel coronel Domingos, sempre jucundo.

A galope! E' tarde e a fome annuncia-se. Ha quem proponha uma pequena pausa em certa locando do caminho para que se trinque uma febra de carne, mas a ancia de ver as minas vence o appetite. Não, vamos!... Temos tempo para o almoço. Vamqs! Aparecem os primeiros suspiros. Estamos perto, anima o Dr<sup>s</sup> Victor. O caminho rutila ao sol, parece polvilhado de ouro. Danae andou por aqui com certeza ou quem sabe se, em tempos remotos, não rolaram pór este terreno as aguas raras do Pactolo?

O caminho do El-Dorado, ó Candido! devia ser assim como este. Orellana, se te encontrasses nesta rutila e prefulgente estrada que não dirias, fantastico chronista! Mas o appetite, Tem razão a lenda conceituosa —de que serve o ouro quando nem ao menos vale para comprar um pão? o caminho scintilla, mas a fome aperta. Ah! mais vale um bife do que o grande diamante do rajah! mais vale um prato de cambuquira do que todos os thesouros de Aladino... e a Passagem não apparece. Consta que ha um almoço encommendado, mas... que horas são?

Dez horas, dizem. Dez horas..! Descemos uma la-deira ingreme, receio ir parar na cabeça do cavallo, seguro-me irreverentemente ao Santo Antonio, sempre milagroso e, graças a elle, resisto á descida. Tremem-me as pernas, e que caminho pedregoso! De.

vagar! Devagar, meus amigos; mas qual, o pampa dispara, o burrico em que vae descansadamente o Riancho, dispara e os outros quadrupedes ali vão, n'uma corrida terrível, agora por uma subida cheia de brocas e de vallos. O' senhores, mais devagar. Olhem que assim ficamos com appetite. Isto é um exercicio superior ás nossas forças. Devagar! Mas não ouvem: o pampa é feroz, lá vai, crinas ao vento, como o cavallo da steppe em que galopou Mazepa. Lá vai... e... Ah! comprehendo — a eguasinta vai muito à frente, distanciando os outros. Ah! o amor! Para galgar uma ladeira assim, á disparada, só mesmo a força indomavel do amor. Nobre animal o pampa, que nobres sentimentos. A Passagem, gritam! Ora louvado seja o Senhor!

Em uma larga estrada—ao longe grupos de casas e um distante horizonte de moutanhas. Acompanho de perto o intrepido Dr. Affonso e somos os primeiros a avistar a casa do engenheiro director das minas, Mr. Henry Gifford. Deixamos as cavalgadas á sombra e caminhamos para o cottage. O Dr. Affonso penetra no jardim e bate as palmas, mas, por felicidade, os nossos companheiros chegam e, justamente no momento em que apparece á porta um rapaz louro, bigode fino, maneiroso e gentleman, ouço a voz do commendador Soares: Good morning...

— Good morning, sir... how do you do? E em inglez o illustre interprete vai dizendo ao amavel dire-



ctor que somos da imprensa do Rio e tal... que desejamos visitar as minas, Mr. Gifford vem cumprimentar-nos e em duas linguas, o portuguez coado pela pronuncia ingleza, affirma que tem muito prazer com isso e pede licença para ir tomar o chapéo. E' rapido como todo inglez, time is money... Em breve apparece seguido de um patricio e precede-nos. Seguimos pelo oitão do cottage, um caminho em leve declive—em frente o portão que dá accessõ ás dependencias da famosa e riquissima jazida. Entramos. O pagem toma-nos os cavallo e... ficamos as ordens de Mr. Gifford.

Estranho rumor surprende-nos, parece que vêm muitos carros rolando por cima de pontes, em grande disparada. Indago—são os pilões que trituram as pedras, são as grandes turbinas que poem em movimento as bombas... é todo o machinismo em acção. Vamos. Riancho, confessa-se cansado—e tem razão, o pobre amigo, só as botas!!!

A primeira secção mechanica é occupada pela turbina que faz trabalhar a bomba—a agua jorra em cachoeira com um fragor indescriptivel; na linha seguinte no mesmo plano, pedras amontoadas, immensos bloeos em carros, pelo chão, sob um alpendre. Corro a admirar-as e confesso a minha decepção—julgava descobrir os filões reluzindo e entretanto vejo apenas um bloeo vulgar de granito. Alguns reluzem—é ouro? pergunto pressuroso... não, pyrite, nada vale, diz o notavel inglez e Gumercindo apparece com uma linda

pedra negra rutilante de crystaes o de ferro e a proposito, o doutor, quero dizer, Joca Tavares faz uma prelecção scientifica, que, de algum modo, illumina o meu espirito, a respeito do minerio abscondito. O cão das minas acompanha-nos e um mulato que trabalha gesticula, atira pedrinhas sobre o hombro de um pequenote e trava-se uma estranha palestra entre Mr. Gifford e os dois mineiros—palestra mimica feita de olhos arregalados, dedos abertos, gestos rapidos para direita, para esquerda. Que é isso? são surdos os dois homens?

Quando estão aqui... Com este rumor não se póde transmittir nem ouvir uma ordem — é assim que nos entendemos. Os homens, com effeito, perceberam os rapidos movimentos dos dedos de Mr. Gifford, porque lá vão de andaime em andaime, ganham uma escada ingreme, saltam e desaparecem. Seguimol-os.

A escada por onde vamos é um precipicio — um degráo perdido é uma queda fatal — toda de pedra e cimento, mas ha outras de madeira ao longo da segunda secção; pode-se subir por ellas, eu, porém, e como eu os companheiros, prefiro subir por esta que vamos pisando solidamente, cuidadosamente. Chegamos a grande sala da trituração. Grandes *canoas*: tableiros de madeira em forma triangular escoam a agua que mana constantemente, levando a areia que cae dos immensos pilões. La estão elles ao fundo, em fila, altos e pesados caibros de madeira, blindados de ferro, sustentando pesados martelos, batem, uns levantam-se, cahem outros

é um tan-tan formidavel e a agua escorre, separando as areias auríferas para o deposito e levando a argila pobre para outro lado. De vez em quando um pequeno volta as canôas para que não se accumule a terra, que evita a passagem natural e fluente das aguas e das areias. Seguimos por uma estreita ponte, surdos, mal ouvindo o rumor dos nossos passos dentro desta officina, que dá idéa da caverna de Eolo, onde os ventos rosnavam. O mulato agil, passando por entre as canôas enfileiradas, apanha uma mangueira e começa a irrigar; o Senna, como S. Thomé, quer ver para crer: lança mão do aparelho e acontece-lhe que um jorro d'agua, errando o caminho, em vez de lavar os flancos das canoas, inunda o bravo e ahi temos o valente e intemerato Manduca não sei de quê, na gyria revolucionaria, molhado como um pinto, escorrendo como uma cascata. Isso, porém, longe de lhe arrefecer o animo dá-lhe nova coragem. Agora é capricho! brada, levantando a mangueira, e irriga e inunda—a agua cahe em enxurrada, o Senna parece uma divindade fluvial enchendo o mundo — faltam-lhe as barbas ancestraes dos rios da iconologia ou o capacete dos bombeiros... que garbo! Mas vamos. E tudo em amphitheatro — da secção onde estamos podemos ver a primeira, ao alto e a muralha natural, de formidavel granito negro, e a grande rampa do rio Funil, cujas aguas rolam rumurosas e grossas pondo em movimento todas as turbinas. Descemos á terceira secção sempre as canôas, aqui, porém, os pilões são de



systema aperfeiçoado, de ferro e trabalham circulando, moendo e sempre agua — é o elemento de vida desta immensa officina, a mesma queda move tres e quatro turbinas, de sorte que, quando entram no rio essas pebres aguas trabalhadoras, vão cançadas e é suando espumas, sim, porque deixem lá dizer, as agua também suam e se não suam melhor. A um canto ensaiam uma bateia mechanica—trabalha como uma peneira — fios d'agua apartam as areias e vê-se sobre a lamina de aço a terra negra que escorre e uma poeira fina, loura, que fica—deve ser ouro; não, dizem-me—é pyrite: Que diabo, muita razão tem o povo: nem tudo que luz... Mas lá vão os outros descendo; e descem.

Vamos á ultima secção—igual ás primeiras, mas ha um balcão, donde se olha o rio apertada na garganta de pedra, o rio Funil que os inglezes emprehendedores foram buscar muito longe, a duas leguas talvez, para aproveitar as suas aguas activas. Não sei quanto ganha esse trabalhador que, dia e noite, move as immensas rodas, que lava as areias raras, que puxa do fundo das minas, os wagons carregados de pedras; não sei quanto ganha; creio, porém que se contenta com a agua que as bombas tiram ás galerias subterraneas, porque nem sequer o vi nomeado no livro dos trabalhadores. Pobre rio Funil, porque não arranjas um meetings de protesto tu é que? deves ser socialista, rio operoso e mal pago, tu, sim, podias exigir, com as armas na mão, o salario que te é devido, porque nas

minas ninguem mais trabalha do que tu. Vamos ao deposito das pedras; infelizmente, porém, o capitão das minas levou as chaves e... hoje é domingo. Mr. Gifford, cavalheiroso e solícito, indaga: se desejamos descer ás minas..?

— Pois não, pois não.

— Hoje, porém, não ha trabalhos, é domingo. Vieram em máo dia.

— E' exacto, insisti: mas temos de partir amanhã.

— Pois então subamos. Vamos tomar alguma coisa e as lanternas.

E subimos penosa e difficilmente a escadaria ingreme.

Âprestos de partida para as entranhas de Demeter. Um mineiro ateia os morrões das lampadas de azeite—pequenas caixas de ferro presas a um grosso fio de arame; e o director distribue. Diante de nós, em declive abrupto, escancara-se a bocca da mina muito negra, terrivel; vai por ella a dentro o trilho dos wagonetes. Confesso que não é sem receio que muõo os primeiros passos. Riancho deixa-se ficar, ao ar livre, contemplando o lindo céu. Não é toupeira, declara peremptoriamente. O intrepido coronel Senna tambem não é dado a aventuras, entretanto avança até a entrada da mina para logo recuar prudentemente—eu sigo em companhia de Mr. Gifford e, do amavel inglez, do Dr. Affonso valoroso e do intemerato Dr. Victor. Vamos lentamente, agachados. O terreno é escorregadio, e, de

espaço a espaço, uma roldana para os grossos cabos de arame que arrastam os wagons carregados de pedregulhos. Abaixem a cabeça! dizem de vez em quando, cuidado á direita, cuidado á esquerda. As lampadas mal alumiam os nossos pés, vamos mais pelo tacto—é tudo negro e silencioso, profundamente silencioso e negro.

Escorrego, tropeço, vou a cair, seguram-me. Um mineiro agil vai á frente abrindo a marcha, conhece esse subterraneo com um verme deve conhecer o tumulo em que vive, não perde um passo, salta, desaparece e ouço, de longe, a sua voz previdente: Cuidado! Vamos sempre em descida brusca. A agua gotteja sobre as nossas cabeças em grossos pingos frios, as paredes asperas e molhadas não permitem apoio. Estacam de repente. Um salão—erguem-se todas as lanternas e eu vejo a profundidade obscura da galeria, vasta e larga, brocada; montes de pedra scintillam e, para o fundo, ha um abysmo, o mineiro lá vai com a sua lanterna, salta, galga e desaparece.

Quoço, durante algum tempo, o rolar das pedras que se precipitam, e, por fim, a voz do homem, vindo de muito longe, de muito longe. Sinto que me vai faltando o ar e que calor! passa-me pelo espirito uma idéa sinistra:—E se estas paredes desabassem agora?

Justamente aproxima-se de mim Mr. Gifford. Isto esta seguro? indago.

— Perfeitamente seguro.



— Não ha perigo? — Não. Mas a curiosidade ou o medo... oh! a maldita curiosidade:

— Já houve algum desastre nesta mina? Mr. Gifford com frieza britanica diz naturalmente— que sim. E o Dr. Affonso lembra-se de contar-me que uma vez, nas minas do Morro velho, abateu uma grande galeria soterrando grande numero de trabalhadores. Não havia possibilidade de salvar-os e os companheiros afflictos ouviam os gemidos das victimas, os gritos dos feridos que pediam a morte, imprecações, brados além, por traz dos grandes blocos aluidos. Toda a tentativa de salvamento era inutil e houve uma idéa suprema que, exposta aos mineiros sobreviventes, arrancou de todos um grito indignado—era cruel, mas que se havia de fazer? Os gritos saham a mais e mais desesperados, afflictos, não havia recurso, e, silenciosamente, rezando pelos que iam morrer, os mineiros desviaram as aguas e inundaram a galeria. Ouvio-se, durante algum tempo, o rumor tragico do jorro que se precipitava, penetrando por varios meandros, de repente um grande grito clamoroso e desesperado, a agua chegara aos homens. A pouco e pouco, o rumor humano foi cessando até que ficou o chofrar da correnteza perenne como um grande choro que passava. Estremeci de pavor e já procurava a saida, quando Mr. Gifford, sempre gentil, tomou de um monte de pedras uma pequenina e fulgurante e offereceu-m'a:

— Leve como uma lembrança. Aceitei tremulo.

— Parece-me que as paredes estalam; disse arripiado.

— Não, absolutamente não. Estamos perfeitamente. Vamos um pouco adiante.

— Ainda? Mas nós já estamos muito longe.

— E' um pouco mais. O mineiro salta para a vanguarda e lá vamos, debaixo d'agua gottejante, pelos estreitos corredores negros de sombra, lutulentos, para admirar um outro salão donde actualmente se extrahem o precioso metal. O' ouro! muito custas, palavra de honra, e os que te vão arrancar ao fundo das minas são justamente os que menos te aproveitam. Esse pobre homem que ahí vai á frente, descalço, pobremente vestido, quantas arrobas terá trazido para as bateias? e é um pobre diabo. Tu, somente com os teus olhos, Julieta ou Bernarda, quem quer que sejas, ganhas mais do que esse desgraçado que trabalha enterrado como uma larva sujeito a morrer como esses infelizes de que me falou o Dr. Affonso. Olho, mas a treva é densa, pouco, bem pouco consigo ver e é com verdadeiro jubilo que ouço o director ordenar a retirada. Começamos a subir e confesso que me parece suave a ascensão. Nada vejo adiante dos olhos, sombra, sombra sempre. Suo e arquejo estafado. Convidam-me para descansar um momento, mas eu vou caminhando aos tropeços, resvalando sobre as roldanas, acocorado para evitar esbarros de encontro ás pedras salientes da abobada formidavel.

— Justamente aqui por cima passa um rio, diz o director, e mais além—estamos passando por baixo da minha casa. Não posso mais—suo torrencialmente, as pernas

tremem-me, tenho a bocca s.cca e as temporas em fogo. Enterrado vivo... que idéa! Enterrado vivo, porque diabo me vêm ao espirito esses pensamentos tragicos...? volto-me, os companheiros vêm ainda muito longe, vejo apenas as luzes das lanternas tremulas na sombra como fogos fatuos. Ah! mas, além nm raio de luz descendo pela rampa, um raio de luz! estamos perto—distingo a humidade, a agua que scintilla escorrendo pelos muros, as roldanas, vai-se tornando mais claro o raio propicio—ólho, e, de repente, vejo, um ponto claro, ao alto; como nm astro num horizonte ferrugineo.— A bocca da mina! exclamo.

— Sim, é a bocca da mina, dizem-me. E avançamos para o ar livre, para a grande luz, e, como Lazaro saindo do seu tumulo de pedra, circulamos olhares e sorvemos a longos haustos o ar purificador e beneficente, tonificando os pulmões cansados da asphyxiante e rara atmospherá subterranea.

Fazemos uma pausa pequena e seguimòs para examinar as dependências—os grandes fornos onde é queimado o saibro, as arrecadações e fazemos ponto no escriptorio para corresponder ao convite de Mr. Gifford que nos offerece um copo de cerveja. Mas os nossos estomagos reclamam alguma coisa mais solida — a fome é inaturavel.

Vamos! imploro e todo o grupo accede satisfeito. Despedimo-nos e ganhámos pressurosamente os quadrupedes. Agora sim é que é correr. Nada nos intimida



— não ha precipicios, não ha abyssos: ha fome. Ah! vamos em galope desabrido, subidas acima, ladeiras abaixo até a porta de um grande armazem onde o providente coronel Soares encommendara o almoço.

Atravessámos o balcão e chegámos a uma estreita sala baixa e escura. A mesa está muito longe das que se estendiam nos tablinun romanos. Marcial não acharia motivos para escrever epigrammas contra o luxo vendo este modesto movel; mas em compensações não era mais clara a toalha da mesa de Lucullo do que a que alveja, carregada de louça antiga, diante dos nossos olhos. Sentámo-nos e do que comemos nada me atrevo a dizer.

Uma hora depois arrastámo-nos pesamente para tomar os animaes — vamos ouvir musica em casa do coronel Faria, mas como nos custa montar! Os animaes terão força para carregar-nos assim empanturrados como vamos...? Porque não?

A casa do coronel Faria fica no alto de um monte; mal chegámos ao pateo, abre-se uma porta e é o coronel quem nos sauda, dando-nos as boas vindas. Entrámo-nos e logo nos apparece Mlle. Faria, a notavel pianista mineira, uma das discipulas de que mais se orgulha Arthur Napoleão. Riancho desaparece no fundo de um pliant e mademoiselle vai occupar o piano. Mendelsohn, Beethoven, Liszt... Deus meu, que sei! todos os grandes mestres da harmonia revivem sob es dedos ageis da pianista e com que sentimento executa as sonatas do

sonhador melancólico! Os applausos irrompem e Riancho, boquiaberto, garante que mademoiselle é irreprehensível... Mas anoitece e temos ainda meia legua por montes. Levantâmo-nos e saudosos deixámos a casa hospitaleira.

O luar vem nos trazer claridade, os grilos trillam na herba e «per amica silentia lunæ» entrámos a cantar trovas sertanejas, de sorte que, quem nos vê passar, julga, de certo, que vimos das mattas remotas, saudosos das choupanas que além deixamos...

Perco o pince-nez, ó desastre! Todos auxiliam-me na busca, é uma caçada estranha, batemos os mattos á luz de jornaes queimados e já com a alma desesperada e os olhos murchos vou a caminho pedindo o meu cavallo, porque mal o distingo, quando ouço um brado:

— Cá está elle!

E o coronel Domingos, a quem Deus proteja, apparece radiante, trazendo-me entre os dedos a luz de meus olhos. A caminho! O luar esplende. Entrámos na cidade em fórma e com tamanho garbo militar que, da porta do Grande Hotel, bradam ás armas. Mas que estafa!

Deito-me e durmo pesadamente até ás quatro horas da manhã. Accordam-me: é Patrocínio. E' tempo de partir. Visto-me ás pressas e com que sentimento aperto nos braços todos os amigos! Adeus, cidade veneravel, berço da liberdade, grande lar encravado na

montanha, sempre hospitaleiro, sempre franco ao caminante, lindos campos, aguas limpidas, adeus!

E ao povo, ao generoso mineiro que hêi de dizer que signifique a minha gratidão! adeus! é pouco... mas não ha outro termo de despedida e de saudade—adeus! Parto como um filho que deixa, pela vez primeira, o carinho da familia; trago grande saudades, grandes saudades. Ah! mas quando o coração soffrer torturas, que me custa vir aqui retemperal-o no amor desta gente meiga? Adeus! Vamos, Senna: são horas. E abraçamos os amigos. E' noite negra; orvalho frio. A cidade, em neblinas, dorme silenciosamente; os lampiões estão cercados de reverberos de bruma e lá embaixo aquella luz que fulge é da estação. Depressa! depressa...! E precipitamo-nos pela ladeira a grandes passos.

O trem. Estirámos as pernas e com as mãos mergulhadas debaixo dos capotes, encolhidos, tiritando, recapitulando:

— Boa gente! diz o Senna.

— Grande povo!

— Como tudo é amigo nesta terra. Parece uma grande familia, não ha intrigas, não ha odios, não ha dissensões. Povo exemplar. E suspirando: Levo saudades, francamente.

— E eu! suspiro.

— Então esta geringonça não caminha?! brada um homem formidavel na plataforma do wagon.



Volto-me e reconheço-o—é o colosso, o engole jantares, o Gargantua de Lafayette.

— Estâmos sem almoço, Senna! ahi esta a guela voraz.

Mas a locomotiva silva, o comboio estremece e partimos átravez de nevoa fria.

— Adeus, Minas! diz o Senna.

— Ouro Preto, até breve, exclamo.

E para nos consolarmós projectamos uma nova viagem a terra amavel.

— Excelente terra!

— Excelente povo!

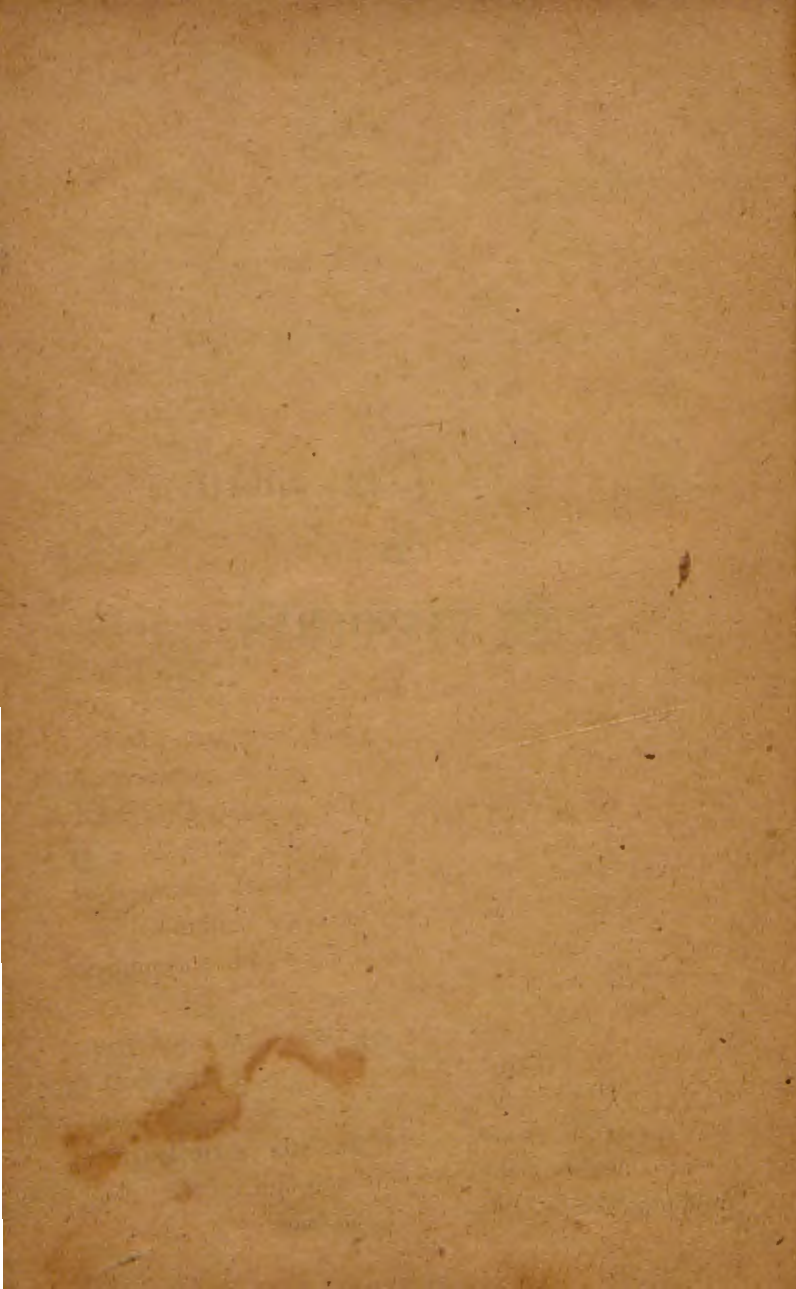
E adormecemos.

BIBLIOTHECA PUBLICA  
DO  
ESTADO DO MARANHÃO

II

**EM VASSOURAS**

1893





## O EXCELSO GRÃO

Sahimos cedo, ainda a tempo de achar no campo um resto de madrugada e nos lyrios dos caminhos viva, luminosa e tremula a gatta de orvalho que as flores recebem da noite e guardam religiosamente para offerecer ao sol. A paizagem emergia do lençol de nevoa corada de pejo por ter sido surprehendida no *deshabillé* matinal, sem toilette feita, com as corollas fechadas e os ninhos adormecidos, mas não levou muito a mostrar-se resplandecente e sonora, perfumada e cantante, vestida d'ouro e verde, com as suas faixas d'agua e as plumas balouçantes dos seus bambús altaneiros.

Foi certamente assim que o primeiro homem avistou a natureza quando se poz de pé entre os quatro rios e alongou o olhar pasmado pelos vastos extremos paradisiacos, foi certamente assim que elle a viu loura e virente, humida e rumorejante, sob um infinito azul limpido e lavado onde o sol virgem, para estrear faustosamente o dia, subiu orgulhoso, incandescente e enorme

como o vi chegar nessa manhã, de além montes, n'um vagaroso andar sereno e magestático, com a altivez real de um vencedor entrando triumphalmente nos terrenos conquistados que a noite, após o assedio claro das estrellas, abandonara a luz victoriosa.

O caminho que trilhavamos, accidentado e estreito, cortava sinuosamente a plantação de milho; passavamos, como Israel passou, atravez de um mar verde flexuoso, com um rumor mais brando e mais harmonico do que o das vagas que a vara mosaica, n'um accesso milagroso, fez que se apartassem abrindo ao meio; entre alas d'agua, o caminho de areias para Chanaan.

A vista perdia-se no ondear extenso, empendoado e trefego do milharal, de uma tonalidade unica, uniforme, entre verde e louro e, sobresahindo da massa espessa das proganas, n'um destaque melancolico, de um oizento baço, o tecto de sapé, em duas abas, cobrindo a choupana do colono.

Para a frente, fronteira á collina que desciamos, alteava-se uma outra, pardacnea e calva, que o fogo arazara e no estreito valle que as partia, dando-lhes a fórma de grandes peitos virgens, os peitos inesgotaveis de Demeter, por entre as folhas largas dos inhames, de um verde negro, quasi tirando a côr fula do bronze artistico; um correjo fugia.

Ganhamos o socalço da collina cinerea e fomos circulando a sua enorme poma adusta e arida como uma duna até ganhar as terras vicejantes de oeste, donde partia

109  
a matta virgem sombria e copada e onde começava a alterosa ondulação dos outeiros seguindo em direcção oposta á verdura altiva e selvagem da floresta com os seus cafezaes em linhas parallelas, tiradas a oito, subindo, subindo sempre, n'uma symetria monotona, ora em flor, ora ponteados de rubro no tempo em que fructifica e rama, que é de Setembro em diante.

A côr do arbusto varia entre o verde negro e o verdigai; cresce em touceiras e abre pouca folhagem em torno. Vista de longe um desses outeiros semelha uma carapinha enorme (que me seja permittida a comparação; veio-me espontaneamente ao espirito no dia em que enfrentei com o primeiro dos taes outeiros).

Hoje o cafezal não possui o encanto triste que foi, por longo tempo, o poema tragico do trabalho agricola. O cafezal emmudeceu e murcha no ermo sem o rumor nostalgico do canto do negro, sem o barulho isochrono das enxadas d'Africa, sem o choro, sem o grito que alto dia, ao pino do sol, nos cimões seccos, a negra mandava aos céus n'um monossyllabo barbaro, sem o trilar das peneiras no tempo das colheitas, sem o estalo rispido do chicote no dorso nú.

Vivia ainda no céu a estrella da manhã e o sino vibrava, lentas e sonoras, as badaladas d'alva. Lembras-te, senzala? Tua alma triste abalava. Tacita e lobrega ficavas até a hora da outra estrella: Vesper. Não oras lar, eras tumulto—servias apenas para a morte ephemera.



Formavam. As mães tomavam ás pressas os pequeninos filhos, davam-lhes uma ração de leite e uma ração de beijos e, em toda fileira, nada mais se ouvia senão o respirar da mesnada captiva por fim, dois a dois, como galés em marcha partiam, encontrando em caminho o gado, mais feliz e mais livre, que ganhava os pastos mugindo.

Lembras-te, campo verde?

Serenos, mudos, a passo pela humida relva subiam ao eito homens, mulheres e crianças, os velhos tambem, curvados ao peso dos enxadões de capina, a cabeça nua os olhos sem fulgor, banzeiros.

Sol, nunca os viste chegar; quando irrompias no elyseo como um ponto final fechando o periodo tragico da sombra já os achavas na faina fecundando a gleba e, se algum faltava iam descobril-o teus raios, descendo pelas frinchas das telhas, baixands ao sólo lugubre de um quarto onde o misero entrava em agonia arfando, de rojo, os pés no madeiro do tronco, as mãos atadas nas costas, como um martyr de bronze.

Eito, nesse tempe decrimes eras mais frondente, teus arbustos debruçavam-se ao peso dos cachos novos, tua vegetação era luxuriante e viçosa. Quantos amores sob a protecção da ramagem! Quantos threnos barbaros, mais tristes do que os do propheta, entre o verdor dos cafeeiros!

A melancolia que mata, o banzo negro que é molestia dos exilados d'Africa, saudade intensa da terra

natal, dos juncos onde o tigre corcoveia e salta, dos rios onde o crocodilo dorme, das ruínas, das áreas, quantos deixou tombados sem que se conhecesse a causa!

Collos ainda impuberes, carnes insexuaes ainda, na era transitoria da infancia para a adolescencia, crianças tendo apenas de mulher as feições e o sorriso, prostituídas pelo estupro, envilecidas pela lubricidade, num trilho de roça entre a vegetação cerrada. Mães fecundas, tomadas de subito pela dor genesica, rolavam no pó, rolavam convulsamente erguendo-se a custo, fugindo quasi de rasto, para um touceiral, abatiam como as feras, no berço floral da terra e o vagido do filho subia aos céus perdido na celeuma do canto dos capinadores.

De toda a agonia de um povo, de todo o soffrimento de uma raça antiga, contemporanea dos primeiros deuses, és tu o unico culpado, arbusto arabe ou abyssinio donde quer que sejas. Para que florescesses, para que fructificasses, foi que gemeram tres longos seculos amargos, sem Deus, sem patria, sem amor, sem lar, os epigonos de Cham.

No vosso tempo, e cravos, como no Egypto durante o primeiro septennio do sonho, as tulhas regorgitavam, a mó rolava dia e noite, os engenhos esgotavam as aguas dos veios, carros de seis juntas de bois cruzavam-se chiando, á mesa extensa e lauta da fazenda serviam-se peças inteiras em baixella e o senhor, á cabeceira, presidia indifferente e tranquillo vendo pelas janellas vir de longe o seu gado e, pela rampa dos eitos,

n'um trote de alimarias, os negros trazendo ás costas os jacás pejados das colheitas.

Bem differentes são os dias de hoje, a elegia negra teve o seu final e—a bem da verdade devo dizel-o sem rebuço—para iniciar uma éra mais triste.

«No tempo servil (e para aqui traslado textetualmente as palavras de um agricultor) havia senhores cuja vida de ferocidades, narrada sem visos de aleive nem exageros agravantes, pareceria lenda de éras tragicas.

Homens que sentiam prazer no crime e executavam-no sorrindo, com uma frieza d'animo pasmosa; homens que enfurnavam negros para queimal-os vivos, homens que deixavam para tado o sempre pressos em troncos, sem luz, sem ar, velhos valetudinarios, os invalidos da terra e um, hoje mortô, que isolou um recém-nascido, de sorte que a mãe, com os peitos pojados de leite, ouvia o choro da criança sem poder acudir até que foi escasseando, escasseando e cessou. No dia seguinte, quando se abriu a porta, o pequenino cadaver, encolhido sobre as palhas, tinha as mãosinhas enterradas na bocca e o rosto molhado de lagrimas... assim foi levado á cova.

Mas, não é justo historiar fundando-se nas excepções hediondas; a estatistica, caso fosse possivel fazel-a, seria favoravel ao proprietario agricola.

O castigo, como correctivo, era uma necessidade indeclinavel, sem a qual seria impossivel manter a ordem e a disciplina entre elles, mas o que não se via no



outro tempo, apesar dos horrores da escravidão que o sentimento talismo brasileiro avolumou, valha a verdade, era a miseria como vai grassando entre os libertos, dizimando homens válidos que fogem do trabalho e passam os dias nas vendas embriagando-se e, á noite, bambos, famintos, formam uma roda e, ao tan-tan do caxambú, dansam até o alvorecer.

( ) 13 de maio não teria consequencia desastrosa para a lavoura se o negro tivesse iniciativa, se tivesse ambições como o europeu que, n'um meio alqueire de terra, levanta uma casa, faz um curral para a vacca e um aprisco para a ovelha, tem um leitão na ceva e a horta semeada; prospéra vendo crescer o seu trabalho, acompanhando a germinação das sementes pelos canteiros além, enquanto a mulher atcia a braza do fogão domestico. O negro é flaccido e indolente, propende para o vicio. O abandono do eito é significativo e prova, á saciedade, a repulsão que elle tem pelo trabalho.

Offereceu-se-lhe salario igual ao do colono immigrante, as mesmas condições foreiras; pareceu aceitar mas, nõ dia seguinte, cedo, tinham todos emigrado. Para onde! para as estradas como pedintes, para as vendas donde sahem cambaleando e vão cair nõs matos que beiram as estradas; para as cidades, constituindo farandulas e as mulheres andam pelo vicio esperando que vaguem os leitões dos hospitaes onde possam descansar e morrer. Não ha faltas de braços;

se tivéssemos uma lei repressiva da vagabundagem, que regulasse as obrigações e zelasse pelos contratos, toda essa caravana que por ahí anda, ao Deus dará, morrendo á mingoa, teria lar e pão e a terra produziria larga e abundantemente, talvez mais do que no tempo dos escravos. Mas entregues a si mesmos, sem ideal, sem ambição, desleixam-se. Trabalham, no maximo, 10 dias durante o mez — o resto é de folga: aquecem os tambores, e o caxambú estruge e o tripudio do batuque enche os echos dos valles. Depois a fome aperta — voltam á terra por tempo igual, não apagando o fogo que ha de retezar o couro para os batupues do proximo samba. Não ha mais esperança: o negro, com pequenas excepções, é um trabalhador perdido.»

Estas palayras foram ditas com expressão de sinceridade, que não me achei com animo de refutal-as e tremi: minh'alma arrefeceu de pavor.

« Que vai ser de nós!? exclamei commigo. Que vai ser de nós, se toda essa terra esterilizada e secca não der mais fructo, se mirrar no eito o cafeeiro fecundo!?»

E, com um resto de esperança, fiz a pergunta ao agricultor, meu guia.

Olhou-me com os olhos pasmados e sorria benigno, impondo a mão sobre meu hombro:

— Não tem fundamento o seu receio. O café é o bem providencial da nossa terra. No dia em que o Brasil nasceu, os outros mundos mandaram-lhe presentes—o café veio da Asia, a fertil, não murchará jámais.

— Se murchasse, aventurei, nada nos salvaria. Seriamos um povo de menos, porque nós, para o mundo, não existimos. No Brasil não ha brasileiros, ha café; o nosso céu não tem estrellas, tem café; os nossos rios rolam café, as nossas fontes são como os botequins, a nossa Constituição foi escripta com café, tudo, tudo emfim, é café. O Imperio cercou a sua carôa com um ramo protector da rubiaceae, entretanto a Republica não a exilou... e que seria della se o fizesse!

O fazendeiro curvou a cabeça, e, num suspiro profundo, deixou fugir toda a sua convicção dolorosa:

— Assim é! Mas, de repente, num impeto, bramio: Mas quer o senhor saber a causa disto? Quer que lhe diga por que não temos outra cultura, por que não tentamos outro plantio? Quer que lhe diga? Affirmei—que queria.

— E' porque não temos ainda lavradôres, é porque não ha entre nós quem conheça a terra, quem a estime; é porque todos nós não passamos de antigos senhores de escravos. Antigamente tinhamos a terra, e o negro. Hoje, sem o trabalhador soldado á gleba, e sem conhecimentos de lavoura, temos o desanimo, nada mais! nada mais!

Mas, ainda assim, e sorrio, Deus é grande! e, muito em segredo, nadando em jubilo, disse-me familiarmente:—Coelho, este anno vinte mil arrobas...

— E se tivesse escravos?...



— Se tivesse escravos... Meditou. Por fim, n'uma expansão viva, abriu-se:—Homem, os melhores escravos tenho-os de Deus, são esses, e num gesto rapido mostrou-me o sol no alto azul e um limpido filete d'agua.

BIBLIOTHECA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO

## VILLAR DA CRUZ

Por uma manhã venusta, alegremente clara e fresca, tocada de cheiros sylvestres e sonora de aves, subimos a cavallo a larga estrada que parte de Vassouras para o Madrugá, por entre sitios e hortas cultivadas em velhas terras de fazendas onde ainda subsistem, cravados profundamente no solo, esteios de cabiúna de antigos paiões aluidos e alas podres, esboroadas, do casario negro construido em amphitheatro ao longo da vertente secca da collina.

De um lado e de outro, nas rampas, piteiras colossaes abrindo em forma de corolla largas spathas aculeas dentre as quaes sobe, violentamente lançada para o azul, hirta como uma lança verde, a haste flexivel, em cujo cimo desabrocha a flor e as filandras pendem.

Acceitoso arvoredado ensombra a extensa via outr'ora atropellada de gente e de cargueiros, acima e abaixo, sempre em rumor com o transito dos carros agricolas que iam e vinham chiando atopetados de saccas ou com

uma familia sob o tecto de esteira:—a mãe, sentada a um canto com o filho pequenino ao peito, um outro em frente agarrado á moldura sagrada da Conceição e em fulha a mudança—todos os moveis da cabana e, entre elles, um jacá bojudo de largos intersticios por onde as gallinhas passavam curiosamente a cabeça, de bico aberto, sedentas, saracoteando aos boléos violentissimos do cairo.

Por baixo a cabra leiteira, presa a uma corda, caminhava balando, enquanto o chefe da familia, de aguião lhão entre a canga dos bois, tirava dolentemente a cantiga que o *candieiro*, á frente, rematava.

Sinto não poder gravar no mesmo estylo pittoresco toda a minuciosa descripção, que me ia fazendo o companheiro, dos trechos de paisagem onde se lhe embranqueceram os fios do cabello, dos vargedos e das taperas invadidos pelo capoeirão, que o seu dedo grosso apontava mostrando pedaços de muros. Raramente a sua narrativa desfiava pelo leito murcho e natural da verdade por onde rolam copiosamente os factos de nascença historica, discorria enfeitando com uma espontanea fantasia, com um mysterioso recamo de lendas todo o seu vasto manancial de tradicionalismo.

Aqui, sobre as aguas mortas de um açude, florido de açucenas assoalhado de nelumbos, errara, uma noite, em pena de peccados, a alma criminosa de um feitor, procurando no fundo lutulento da agua o esqueleto de uma negra que lhe fugira á sanha do chicote e n'um impeto,



acossada pelo panico, subira á rampa da margem donde abrindo os braços, com um grito, rojara-se de borco dentro do pantanal. Alli, entre o sapê pardacento, tostado e peço, vira um velho carreiro um grande passaro de plumas pretas, firmado n'um pé só, com rosto humano, apenas deformado pela vermelhidão sanguinea dos olhos esbugalhados. Mais adiante, para o fundo sombrio de umas grotas onde miñava perenne um torsal d'aguas, andara perdida e chorosa uma mulher de tez branca e louros cabellos bastos, que se dizia «dona do rio» e queixava-se do sol que lhe seccara o berço e lhe bebera as aguas do seu jazigo, deixando-a entre aservas do campo abandonada e núa. E tanto lhe foram dolorosos os transes do degredo, que se fez choro a tristeza, e derivou dos seus olhos novo rio que é esse que por ahi vai serpenteando.

E mais, e mais até que nos achamos, sem que nos apercebessemos do caminho andado, n'um arremedo de villa nascente, uma carcassa de povoação toda a nú— grandes vigas desbastadas travesões enormes cruzando-se sobre enlaços de ripas, sarrafos fincados em quadrilateros aqui e alli, semeadamente, toda uma aldeia em esqueleto, um villar macabro presidido por um cruzeiro enterrado em meia obliqua no chão de barro solto, rutilo de malacacheta. Bem a beira da estrada uma capella pequena, fechada, com um cofre de esmolas á porta e uma cruz, em tinta azul, na padieira arqueada e por longe, nos altos barrancos, na planicie capinada, lá mais

em baixo entre joás e ortigas arcabouços de casas e toros de madeira, meio serrados, sobre montes de maravalhas. Paramos.

Dentre mattos de perto um assobio monotono modulava uma ária cámpesina demorada longa e repetida.

— A Estiva, elucidou-me o guia. E contou-me o que vos transmitto, infelizmente, porém, sem a graça original com que me veio ao ouvido.

«Vai para quarenta annos que piedosamente se lavra este terreno de sangue, irmão do campo Damasceno, onde caiu de bruços, entre ovelhas attonitas, Abel o primeiro pastor.

A Estiva, de extremo a extremo, sentia-se revolvida pelas enxadas dos negros, que eram muitos os que a cruzavam penosamente sob a ameaça constante do castigo. Dirigia o clán subninho um feitor branco, portuguez, de ríspido semblante e musculos potentes, tanto que as carnes que as vergastas lambiam, se as brandia o seu braço, deluidas, sangrentas, vinham salpicar-lhe o rosto endurecido. Os negros, mal o ouviam bradar, murchavam estarecidos e da longa fila de escravos não sahia rumor nem os peitos arfavam—era nma corda ta-cita de immobildade; o branco vozeirava, agitando com ancia a chicote nas unhas.

Ninguem bulia, e, quando dispersavam, iam lentos, encolhidos, n'um trotinho, como uma récua de brutos a caminho da morte.

Um negro novo, vindo do bravo sertão d'África,

cheio ainda da independencia selvagem que lhe incutira o deserto, cahio um dia, sobre o vergalho cruel do feitor branco. Os musculos lanhados gottejavam na areia o sangue ardente, tremiam-lhe os jarretes rijos, e molles, inertes, tombados ao longo do corpo flaccido, como quebrados, pousavam os braços formidaveis que envergaram o arco e brandiram a azagaia quando a maloca inteira alvoroçava-se ao silvar das flexas e ao zunir dos fimbos.

Não gemeu nem lhe ouviram as palavras de queixa enquanto lhe salgaram as carnes retalhadas — deixou-se martyrizar passivamente, estendido na terra, os pés apertados nos aneis do tronco. Os que entravam para levar-lhe a tamina achavam-no quieto, o olhar extatico, a bocca aberta, humida de baba, mas não lhe arrancavam palavra. Por fim, uma manhã, abriram-lhe a prisão. Saiu macerado, mudo, trazendo a cabeça alta n'um porte firme e soberano de chefe e nos olhos negros a emperecivel chamma fuzilando. Entrou para a fila serenamente como um touro curva o toutiço á canga; dobrou a enxada para o hombro e foi-se na turma para o eito sem voltar o rosto, sem um monosylabo. Na manhã do dia seguinte o sino do quartel manteve-se silencioso: não houve matinas. Raiou o sol. Um a um foram chegando, indecisos, cochichando, tímidos, escabriados, os escravos da Estiva; formaram sem chefe, apoiando-se aos cabos das enxadas, com

POR MONTES—11



olhares de esguelha para o senhor que passeiava ao longo da varanda, as mãos nas costas, cabisbaixo, sacudindo de quando em quando violentísimos gestos de viva colera.

Por fim chegaram novas.

Dyonísio, o feitor, fôra encontrado caído a beira da rampa, crivado de facadas, a cabeça quasi separada do tronco, o peito esburacado e com visiveis signaes profundos de dentadas; faltava-lhe a mão direita.

O assassino deixára um vestigio como se quizesse assignalar o crime—a faca. Foi immediatamente reconhecida—era do mina, o negro novo. Buscaram-no, não estava na fila; o senhor expediu uma matilha de escravos para bater a serra, mas foi tudo baldado.

O corpo do assassinado foi enterrado no proprio local do crime e mão piedosa plantou sobre o comoro de terra uma cruz singella para recordar ao caminhante o triste acontecimento. Parentes que o chorassem não appareceram; raros amigos o procuravam, porque sobre o mais era concentrado. é sobrio.

Procurava-o de longe em longe, levando-lhe corbeilhas de fructos novos, um pirralhito de oito annos que o chamava — padrinho. Foi quem floriu o tumulo obscuro,

Tomou-se de veneração pela terra funebre; visitava-a constantemente, cra compondo ramos para a cruz, ora fazendo aceiros para que o matto intenso não viesse esconder a estremecida campa. Crescendo em annos e sempre

devotado á piedade foi-se tornando avesso ao mundo para entregar-se delirantemente ao culto de gratidão e de saudade. Alçou uma cruz maior e viam-no, ás vezes, os que passavam de viagem, ajoelhado n'uma contrição de santo, as mãos postas, os olhos abaixados, rezando em face do relevo da terra, batendo grandes pancadas de misericórdia no peito escaveirado. Pouco a pouco esse delírio de fé foi-se transformando em fanatismo.

Possuido da idéa de consagrar-se ao morto entrou a mourejar em torno das olarias, davam-lhe, porque pedia, tijolos e telhas e elle ahí vinha de longe com o seu fardo, em graves passos, balbuciando, repousar em face do cruzeiro sob um tendal de palhas. Foi accumulando materias até que feita provisão bastante, amarrou o andaime e com as suas próprias mãos bateu a cumieira da capellinha veneravel. Acudiram fieies. Não se indagava o nome do santo nem as virtudes que o elegeram—sabia-se que alli havia um altar e una cruz e no porta um cofre para esmolas.

Devotas ás sextas-feiras, pela hora do crepúsculo desciam das cabanas com um rosario enfiado no punho para cantar ladainhas, velhos entorpecidos pela gotta vinham tropeçando e gemendo rojar-se na soleira, clamando; crianças boquiabertas paravam em frente e vendo o respeito dos maiores dobravam o joelho no pó da estrada e faziam côro.

Um dia annunciou-se a festa, que foi celebrada com

## A VINHA

### Vindima.

Não é sómente no campo europeu, á luz antiga das estrellas primogenitas que as vides amadurecem e os pampanos se enredam pelo estendal de varas, terras afóra, rampas acima, ao fresco rumor nostalgico dos corregos. Não é sómente a vetusta paizagem que se arreia com os purpureos cachos pyramidaes que as abelhas rondam zumbindo, trefegas, ao sol vivo, colhendo avidamente o mel côr de mosto que escorre e pinga, n'um estellicidio lento, doce e levemente aromatico como um licor de flores. Aqui tambem, no seio novo e exuberante da gleba indigena, entre o glorioso viço oriental dos bambús flexuosos e o verde gaio dos altivos milhos pennachudos víride, extensa e vasta alastra a latada pampinosa, a cuja sombra, nas velhas éras classicas, as menades bateram crotalos e cymbalos e o gerico obeso de Sileno cabriolou, aos zurros, entre egypans caidos e satyros nús, bezuntados é tropegos, que



emborcavam cantaros effervescentes affagando o lombo dos leopardos lyseos.

Aqui, deliciosamente abraçados, n'um aconchego de amor sensualissimo, como nos vinhedos roxos de Samos e de Syracuse dois amantes, esquecendo na relva o gigo das colheitas, poderiam dormir em calma confundindo os halitos e os beijos, emquanto outros vindimassem longe, cantando á luz, porque ha folhagem bastante para esconder amores e abunda a veste primitiva com que pudicamente se cobrirão Adão e Eva e que ainda hoje a Arte, querendo immortalisar a tanga paradisiaca, usa para compor as nymphas alvas de marmore e de porphyro e, por amor da decencia, lança sobre os grossos e pelludos satyros lascivos.

Olhos profanos de homens, mesmo dos mais estreitamente ligados á leira fertil, não viram ainda, que me conste, o busto soberano e casto da divindade agraria do paiz — nem nos montes, onde a floresta é vigorosa e densa, nem nos vargedos rasos de herva miuda e tenra onde o rebanho vaga, nem nas algas dos lagos, nem pelas soturnas cavas milenares humidas, reboantes e, mesmo contra a affirmação dos lyricos, nem na diaphana e subtil neblina da manhã, nem no sendal finissimo da bruma que, ás horas crepusculares, quando bruxoleia no céo esmaecido a primeira estrella branca, ganha tranquilamente o espaço, n'uma ascensão cheia de mysterio, como uma musselina solta, fluctuando ao vento.

Ninguém viu jámais a divindade rustica.

Ha, porém, em todos os espiritos uma convicção firme e intensa, uma fé inabalavel e forte na sua existencia: todos a julgam no campo, sabem que ella existe e a tarde, quando sopra a aragem e longe, nos ermos, o arvoredado geme ha quem sinta calado; n'um silencio religioso que se não póde exprimir, o vago sentimento, de não vel-a, de não poder beijar-lhe os passos e dar-lhe commovidas graças pelo florir dos ramos, pelo germinar das sementeiras, pedindo para suas roças rega de orvalhos pela manhazinha e sol todo o santo dia até que pulule o renovo e reponte o galho.

E deve existir, penso eu, occulta talvez no amago de um tronco annoso, fazendo vida de hamadryada, velando pela tribu floral, pelo amadurecimento dos pomos, pastoreando os sylphos, que á noite andam de palheta em punho colorindo as rosas ou de amphera sobraçada adoçando e perfumando a polpa loura das mangas e rubecendo os bagos das romãs maduras—e a Ella, deusa immortal e invisivel, que ninguem conhece, mas que toda gente adora, deve o campo da patria essa nova riqueza — videiras uberrimas, cujo caldo, pelo tempo que corre ferve, espumeja, em plena fermentação estonteante dentro de grandes dornas, ao fundo de um vasto salão de terra, coberto de telhas, em cujos vãos andorinhas trinçam fazendo ninho.

Foi justamente diante do alto e largo portal da antiga casa do «Gombé» sitio adstricto a «Lagôa», fazenda ca-

feira e' de prosperos dias no tempo do escravismo, que parámos deixando ao pagem as redeas dos cavallos que tão pacientemente nos levaram por escabrosos trilhos, sob um sol calcinante, ao parreiral viçoso.

Manoel Pacheco, o vinhateiro que *escolhia* mais a mulher, junto do acervo de uvas, ouvindo o rumor da cavallada saltou pressuroso e cheio de palavras affaveis para as nossas pessoas e até para os bichos, porque notou que vinham gottejantes e por algum signal das alimarias, conhecido apenas delle, antigo lidador campestre, soube que tinham sêde e logo gritou que as abebessem.

E' de S. Miguel. Bons musculos, nobre e robusta presença de homem; moreno, olhos negros, barba curta. Trazia os braços nus, tintos de uva, as mãos roxas, vestia para o trabalho: calça folgada, camisa-grossa de riscado, mangas arregaçadas.

Sorrindo disse-nos com a voz cantada dos insulares:

— Trouxe-os Deus que ainda vieram a tempo de ver a riqueza. Olhem o que ahi vai de fructa! Olhem por ahi além! e voltando-so com altivez cobriu com um largo gesto a verdura das parras derramadas abundantemente por todo o espaço que a nossa vista alcançava. Latadas virentes e compactas subiam pelas fraldas das colinas, desciam aos valles, afundavam-se nas baixas tomando toda a terra aos laranjaes, á bananeira flacida, ao cajueiro, ao supremo, ao irreductivel, ao senhoral e nobre cafeeiro que murchava mirrado, entanguido, quasi



morto n'uma asphyxia lenta, apertado no braço forte da vide victoriosa e fecunda.

Depois de vencer na India Baccho triumphou na America, depois da derrota do sagrado lotus o desbarato do grão pingue, o excelso grão da chinconacea, que constitue, por assim dizer, elle só, toda a nossa fortuna.

Eram cêpas sòmente que os nossos olhos viam, cêpas por toda parte com as suas arrecadas de cachos brancos, roxos, negros, reluzindo, n'uma variedade de côr e de feitio capaz de transformar o santo mais austero, mais incorruptivel ás tentações funestas do peccado, mais resolutamente sobrio, mais rijo em abstinencias em borracho incorrigivel, fazendo com que trocasse os versos santos dos psalmos quando os fosse recitar na hora piedosa, -por esdruxulos pandegos de dithyrambo. A «Delaware» a Herbemon, a Clinton, a Concor, a Cuninghan, trazidas da margem do Ohio e do Mississipi, bem como as brancas de nomes femininos Lady, Martha, transparentes e delicadas e a Negra-moira, summarenta de casca luzidia e baga assucarada e a Boal que estila o finissimo Madeira.

O Pacheco, tomando no braço um cabaz de vime feito por elle mesmo, á moda da ilha, partiu á frente, caminho do vinhedo—seguiamol-o curvos, por baixo das latadas, violando os cachos com pausas cortadas por exclamações de pasmo diante de um engajo de palmo e meio carregado de uvas. Havia ancia de empanturrar o

estomago, gana de encher o bojo e fartar a gula, dahi talvez o silencio que reinou cortado apenas pelo chuchar guloso dos sedentos beiços. Por fim, o chefe do grupo, fazendeiro, antigo senhor das terras que hoje pertencem á Companhia do Alto Parahyba, que Deus guie para gaudio nosso e prosperidade da nascente industria, o Agostinho, como em familia é chamado, er-gueu-se e, n'um tom grave, como se evangelizasse, deixou cair sobre os nossos capacetes de linho com medido rythmo e compostura estes dois versos solemnes e profundos:

« Eu, por mulheres do campo  
Nem um par de solas rompo... »

Houve pasmo e receio ; felizmente um bago de uva fez encalhar o estro na garganta tinta do troveiro, e o chuchurreio voltou de novo mais feroz e mais avido.

No céu azul, finalmente tocado de espaço a espaço por um pequenino, tumido e sombrio nimbus, voavam em circulo, mirando do alto a varzea todá em sol e verdes revoadas carnivoras de urubús. Em raios perpendiculares cahia sobre a quietação da paizagem a hora meridiana abafadiça, asphyxiantes, fulva ; não longe, n'uma esplanada entre vallo e barranca, um grupo de gado—vaccas vermelhas, uma toda branca com um flanco tismado de negro e duas ovelhas barradas de andarem pelos socalos humidos, aviventavam bucolicamente a solidão translucida.

Tomava-nos uma preguiça languida, um molle quebranto de corpo e de espirito; bocejavamos fechando as palpebras, cruzando as mãos nos joelhos e havia em todos a mesma vontade de estender as pernas ao comprido sobre a relva e dormir beatamente á sombra da vinha como, depois do diluvio, nas areias enxutas, refestelou-se resupino o patriarcha aquatico — mas o Pacheco acudiu logo lembrando «o mosto» e convidou-nos a ir beber-o ao logar, no vasto salão de telha vã, com os seus.

Espanejamo-nos com espreguiçamentos longos e partimos atrás do vinhateiro, curvos sob a latada, mudos e somnolentos.

No solar da porta estacamos immobilizados em respeitosa attitude ante o quadro idyllico, de uma tão captivante humildade, de uma tão poetica expressão, quasi semelhanee ao do mysterio donde nos vem puro, atravez de seculos velhissimos, sempre meigo, sempre communicativo e doce o nascimento da suprema bemaventurança, da perenne consolação a Crença symbolizada em Jesus.

Todo o espaço amplo e profundo da sala estava occupado, de um lado, pelos canteiros onde as pipas repletas do vinho d'«outro anno» esperavam impassiveis que o tempo as purificasse—do outro lado as dornas, uma das quaes entrára a ferver, segundo nos disse o ilhéu, na manhã desse dia. Ao centro, sobre uma mesa de proporções desmedidas, às uvas accumuladas, junto da



mesa um berço tosco de pinho, embalado por uma pequenita loura acalentava o pimpolho, de mez e meio, dormindo aconchegado aos pannos, ao effluvio capitoso dos cachos, enquanto a mãe alta, morena, de olhos aveludados e humidos *escolhia*, lançando para o mesmo monte o engaço de uvas verdes e as uvas podres, jogando para uma dorna pequena as maduras sem laivo.

De vez em vez um estribilho de *berceuse*, em voz triste, para conduzir o somno do pequeno e deulhava e deulhava.

Para receber-nos ergueu-se e depondo um cacho mostrou-nos as mãos que escorriam e o seu busto forte e opulento e o fulgor dos seus olhos trouxeram-me saudades do tempo morto das baccantes assim sensualmente formosas mas impuras e tragicas, não santas como essa mãe, activa no trabalho sem prejuizo do amor cuidando a fructa sem perder de vista o pequenino filho, constituindo assim o grupo cheio de graça ineffavel, cheio de santa e incomparavel meiguice que tanto nos ferira o sentimento detendo-nos á distancia humilimos e commovidos como ficaram em Belém, longe da Trindade realizada, os pastores que entraram a visitar o estabulo.

Por fim fomos ao «mosto».

Um caneco velho de estanho, um grande caneco capaz de substituir o cantaro de Baccho—vinha cheio. Emborcava-se sem cerimonia, com os olhos em branco, a cabeça derreada, grugulejando.

A principio recuei mas, a instancias de todos fui corajosamente ao caneco e virei-o.

O Agostinho recitou, para animar a scena:

«Eu por mulheres do campo...»

Eu, que descansára o estanho para tomar folego, alcei-o á altura dos olhos e n'um saudar amigo disse:

— A todos! e emborqueei.

... O que houve depois, se tendes curiosidade de saber, ide ao campo e perguntae a quanto camponio achardes e todos á uma vos dirão sem mentira:

«Vinham de volta, a cavallo, por uma soalheira de rachar, tirando cantos. O mais moço, com um lyriõ na mão muito firme na sella, funava tranquilamente com o rosto expandido em sorriso, um outro cantava agitando em boleio as redeas da alimaria e por ultimo, fechando a comitiva (sem falar no pagem que trazia um garrafão de mosto e um gigo de uvas) o mais velho, com uma voz tonitroante dizia, do alto da cavalgadura aos valles:

«Eu por mulheres do campo  
Nem um par de solas rompo...»

Nem mais, nem menos. Está conforme ao original.

# O CAXAMBU

BIBLIOTHECA PUBLICA

do

ESTADO DO MARANHÃO

A dança, que Grant Allen include na série dos «exercícios desinteressados das funções activas», constitue, como a poesia oral, que a sciencia consolidou em cançoneiros e poemas, valioso subsidio ethnographico para o estudo comparativo das diferentes raças primitivas.

Não conheço nada mais caracteristico, nada que mais sinceramente represente as tendencias, o instincto, a alma de um povo, emfim, do que a sua dança nacional—por ella poder-se-á tirar a média da sua cultura moral e intellectual, chegando-se, de estadio em estadio, ao conhecimento dos seus primeiros ideaes, porque a dança, como a poesia, guarda profundamente o cunho indelevel, a expressão grave e fugidia do seu character inicial, da sua natureza, das influencias de meio e de acção que concorreram para a sua realização e completo desenvolvimento.

Ha dansas caracteristicas que podem ficar na histo-



ria do mundo determinando uma época de evolução, delimitando um periodo ou symbolisando um facto.

A dança cretense marca na historia da Hellade a primeira época da iniciação cultural e da luz. Junto ao primeiro altar cravam-se as estacas da primeira aldeia—o povo abandona as cavernas ao ruido dos cymbalos dos corybantes que bailam, em torno do berço de Jupiter com tal força, com impeto tamanho, que os vagidos divinos não chegam ao céu, onde o colerico Saturno encancela a mandibula famelica.

São os sacerdotes de Cybele que instituem o passo rythmico, de sorte que o bailado começa para os gregos sob sagrados auspicios e entra para o rito, onde o vão buscar mais tarde as panathenéas de Minerva e as thesmophorias de Ceres.

A Thessalia adopta-o moldando-o á feição do seu temperamento luxurioso e obsceno. Não é a graça que seduz os olhos barbaros dos montanhezes, é a ondulação viva da carne, é a palpitação dos seios tumidos, é o sensuallissimo e languido meneio dos quadris impudicos, é a capitosa transudação lasciva das bailarinas que entram para o pateo nús, cantando, os olhos semi-cerrados, um ramo de loureiro em torno da cintura, num passo lento, colhendo e atirando beijos.

Na Arcadia bucolica as dansas são idylicas e simples: uma frauta preludia entre limoeiros, vozes entoam um canto mavioso e dois casaes de pastores saem da turba

sorrindo como namorados e os passos soam de leve na relva do campo onde os rebanhos dormem.

Ao norte, para além dos montes de onde, á noite, levanta vôo a estryge precursora das erynnias, corre o paiz bronco dos cynetheos, calado e taciturno, de rochas escarpadas e lobregos desfiladeiros, onde ninguem conhece a dança—os homens vivem pelas cristas dos montes, vestidos de pelles cerdasas, com uma funda á ilharga, guardando cabras; as mulheres, de aspecto feroz, sem expressão de sexo, rolam pedras atezam arcos do alto das penhas varando aguias que voam. E' a zona selvagem, o limite inculto da Hellade.

O resto do paiz goza o pleno dia—o sol está a pino sôbre a Acropole, o Pireu regorgita e, em todos os meandros dá patria, o povo canta e dança: nos porticos dos templos á gloria dos deuses immortaes; nos campos, sob a vinha, mesmo na ágora, em volta do pulpito dos oradores.

E' o florescimento.

Por fim, quando em Salamina as triremes se empaezam desfraldando aos ventos as velas gloriosas e Athènas livre saudá delirantemente o triumpho dos seus brávos, um éphebo nú, coroadó de flores, ferindo as cordas de um heptacordio, salta á frente das phalanges cantando e dansando o «pcean» das victorias—é Sophocles, que mais tarde introduz na tragedia a emmelia, dansa serena, de movimentos commedidos.

E' o período artistico — a choreographia accentua-se e a botina cretense da comedia ensaia na scena os seus primeiros passos sob a direcção divina de Terpsychore.

Chegam, por fim, como um rapido crepusculo, a decadencia da força e do fastigio, o esmorecimento da alma popular dos gregos. A guerra annucia-se pela bocca mysteriosa de Phemé, Alexandre expira em Babilonia, e de entre montanhas, ao sol exangue do occaso; avulta a estatura varonil de um chefe chamando ás armas o povo amollentado, que se deixa estar dormindo entre a seára madura; mas Bellona, inspira o bravo, e de repente toda a Grecia, n'um ultimo alento, levanta-se dansando violentamente um passo militar.

E' a danza pyrrhica, tripudio pujante, quasi selvagem, em que os hoplitas, carregados de armas, cavam o sólo aspero dos valles ao ruido tan-tanico das hastas nos escudos, enquanto outros rugem trepados nos peltas emborcados soprando buzios toni-troantes. Não é necessario observar muito para desvendar-se o mysterio desse exercicio athletico das phalanges.

Por fim cessa de todo o rumor no sólo grego — a agora esvasia-se, os templos emmudecem, a hera trepa pelos plinthos, enrosca-se nas columnas, encobre os relevos e as legendas dos frontispicios de marmore e entre as ruinas um pastor de ovelhas, descendente das árcades passados, olha tristemente o horizonte, ignorando a historia gloriosa dessas paragens no tempo em que nelas viveu Minerva — a sabedoria e o heroismo.



Na India a dança ensaia os seus primeiros passos indecisos em torno da pedra cubica das aras, em que os nossos ancestraes aryanos fazem arder a chamma perenne dos holocaustos. Enquanto os hymnos védicos, de uma austera harmonia, sobem ao céu glorificando Surya, o resplandecente, bayaderas perpassam n'um desfilar moroso, tocando de leve o sólo com a ponta dos pés descalços, ao clangor do profundo unisono sacerdotal, como um bando voluvel de apsaras. A dança é essencial e indispensavel ao grande culto como «imagem realizada e visivel» do movimento infindavel das coisas. Volve, circula symbolisando graciosamente a duradoura, a ininterrompida marcha das espheras; ora foge n'uma fila ondulante e o choral liturgico apazigua-se como se «o passo» quizesse representar a tranquillidade das aguas lustraes do Ganges e as bailadeiras agitam os braços, d'um lado e d'outro em languidos meneios como o balanço da onça que fecunda uma e outra margem; ora vão n'um rapido tumulto—o cantico tornase profundo, rebôa como o escachoar das enchentes, por fim o extase sorprende o officiante, a sua fronte merencoria, embranquecida pelos gelos do Himalaya, curva-se, a sua pupilla estaca, cae um silencio mystico e as bayaderas, uma a uma, vão tombando no sólo n'um esvaecimento de deliquio, exaustas, tomadas de um supremo espasmo e immotas. o olhar parado, o labio entreaberto, arquejando, guardam a postura em que as deixara o extase e ficam como um bando impassivel da

figuras petrificadas sob a hypnose divina do olhar de Indra, até que despertam rumorosamente e entram a circular de novo.

A india sonhadora e ardente carecia de um symbolismo que fosse ao mesmo tempo solemne e meigo, que attenuasse a austera severidade hieratica do rito, alguma coisa terna como o feminino, aerea, vaporosa o languida como a borboleta amada dos dévas, que, sendo agradavel ao olhar perfeito da Divindade, ateasse o fogo da retina humana, para que elle não se extinguisse ao clarão magnificante do astro vivo na hora extatica do sonho mystico, quando a alma se desprendesse para ir colher no calix do grande lotus de ouro o eterno, o supremo, e immarcessivel aroma, que é a crença, que é a esperança, que é por assim dizer, o alimento da alma.

Foi a bayadera que iniciou a bacchante dyonisiaca, quando Lyeu, á frente do seu exercito capride de satyros, fez a conquista da India. Ella ainda hoje pôde ser tomada como a alegoria védica, como a expressiva imagem veterana dos primeiros sonhos humanos e das primeiras relações entre os mortaes e o Ser.

Na Scandinavia das walkyrias, quando impera no sombrio céu Odin e o Walhalla retumba com o rumor da pugna dos bravos, os soldados bailam á luz de fogos rubros, esgrimindo frameas afiadas, o ouvido attento ao primeiro silvo da atalaia que guarda o limite da patria olhando o horizonte de selvas e de penedias.

Na Gallia a religião druidica, concentrada nos bos-

ques de carvalhos onde erra Teutates, deixa ao povo apenas o direito de patria, escravizando-o n'uma ignorancia barbara, prendendo-o n'um carcere negro de inconsciencia e de terror —os romanos em Allia têm occasião de ver a dança estrupidante dos hirsutos companheiros de Brenno, quando, brandindo as espadas aos gritos asperos de herr! herr! entram pelas lagunas ao som rouco das buzinas, quasi nús, sedentos de sangue, avidos de riquezas e vão até o Capitolio massacrar os senadores veneraveis. Os hunos de Attila bailam á noite como demonios, com punhaes erguidos, brandindo fachos em torno de cadaveres.

O millenio cabalístico e temeroso destaca-se na chronologia historica pelos seus multiplos assombros. Começa a dança negra dos desfiladeiros—é Satan que preside o sabbat na figura de um bode de longos pellos, entre esqualidas bruxas e esqueletos tábidos e á luz do sol, pelas vielas das cidades tristes, bambos e espavoridos grupos de epilepticos tremulos e tiritantes dançam tropegamente a valsa macabra da choréa.

Raia, porém, como uma apothese a luminosa aurora do renascimento, abrindo novos horizontes ao mundo, rechassando os barbaros para o fundo longinquo dos seus desertos remotos, escancarando as portas dos mares, batendo as tragicas espessuras, pondo em debandada as mysteriosas nixes que a superstição creara e ensinando por fim, ao primeiro tropeiro, as estrophes do primeiro madrigal de amor.



dade é que outro não existe e melhor não fôra se existisse, porque bem difficilmente exprimiria com tanta propriedade e tão rica onomatopéa essês arrancos ferozes, essa delirante e bruta roda-viva.

Na primeira noite deste anno—tão fértil em surpresas para meus olhos—fíndáramos o jantar propiciatorio, durante o qual cada um, muito intimamente, rendeu graças á Divindade por ter transposto o limiar de uma data nova, quando ouvimos, atravez de vivas, o preludio surdo do batuque. Corremos em massa para a varanda, onde chegavam os reflexos rubros do clarão das fogueiras.

No terreiro um grande circulo de negros fervilhava, movia-se de gingas e saracoteios, que seriam requintadamente obscenos, se não fossem barbaros;—era um rebolo humano. Homens e mulheres comprimiam-se n'uma convulsão de envergamentos em torno de tangedores, dois dos quaes, escarranchados nos atabaques, batiam furiosamente, com as mãos abertas, fortes palmadas no couro teso, e um terceiro, yindico, de pé, sobraçando um tamboril, em cujo fundo corria uma fita de couro, puxando-a com desespero, tirava uivos. Este instrumento, que traz cristações nervosas, é a *cuica*, que regula em cadencia o passo dos dançadores, como o urucungo conduz a endeixa do que canta.

Logo ás primeiras pancadas um negro salta ao meio do circulo, pára, oscilla, meneia a cabeça e desfere a monodia—o côro investe desabridamente em falsote,

trôa o tan-tan frenetico. O cântor dá uma volta riscando a terra com o calcanhar, salta, cae sobre um pé, agacha-se, ajoelha-se, pula impetuosamente e parte tombando o corpo daqui, dalli, aos traços rugindo: hu! hu! hu! ao estrepito das palmas que estalam em toda a roda dos delirantes que ondulam e gúincham contando em vozeria ás estrellas do céu que os allumiam a traição dos brancos quando os tomaram á brenha e sos areas.

Por fim o dansador arquejante aos pulos, curvo, esfallado, volta e volta no circulo como uma féra na jaula; dá um grito agudo, pula diante de um companheiro e sapateia furiosamente como se lhe corresse nas veias o veneno activo da tarantula—é o que chamam tirar. Bate as palmas e mergulha na onda inquieta. O outro sae, homem ou mulher, a *cuioca* uiva, os tambores soam baixo, até que a nova cantiga irrompa. Todos ouvem calados enquanto o solo estruge, mas, ao expirar da ultima nota, eil-o de novo estrangulado e satanico o côro indomito e o rebôe formidando dos atabaques, até que o dançador exhausto estacando, tira um outro e recolhe-se.

Nada mais. E' esta a dansa da Africa, triste na sua brutalidade e na sna monotonia, selvagem e barbara como a terra da sua origem. E' a dansa que os negros trouxeram do exilio como representação saudosa da pátria longinqua—era ella que recordava ás suas almas captivas toda a vida das florestas com o rumor confuso

das arvores, o salto brusco do tigre dentre as touceiras dos cardos, o rugido do simum e as guerras canibalescas á azagaia e á frecha nos extensos areaes queimados e revolvidos.

Outra não dansavam outr'ora os africanos. Quando a saudade os amofinava e pungia aqueciam os tambores e, em torno de um fogo vivo, em pleno dezembro, para terem no desterro o clima ádusto da patria, formavam circulo e a aurora vinha sorprehendel-os, de olhos esbugalhados, bambos, dansando ainda.

Foi o sabbat da escravidão. Hoje só de longe em longe, no fundo de algum valle, ouve-se fremir o caxambú dos negros.

Tomando para denominação uma das marcas da quadrilha franceza : «Eu avant quatre!» que a prosodia negra reduziu a «Lavancati» crearam uma dança incaracteristica e confusa, que é a principal nos bailes dos libertos.

O caxambú vai a caminho do exilio.

Não ha mais cangerês, não ha mais odiosidades, a tristeza teve o seu final, era justo que tambem cessasse a dança de guerra.

Como adoptaram o nosso Deus esquecendo de todo os manitús disformes relegaram para as grotas os instrumentos d'Africa, preterindo-os pelo trombone e pela flauta, esquecendo os gritos gutturaes para dizerem com formalismo e garbo tomando delicadamente



a mão calosa da crioula:—Chens de damas, vá! como ouviam dizer nos salões, outr'ora quando iam sorrateiramente espiar a dança dos brancos.

E assim vão apagando a dolorosa tradição do exílio.

BIBLIOTHÈCA PUBLICA  
do  
ESTADO DO MARANHÃO

## HORTO SERENO

Zola, que leva até ao exagero os assomos da paixão artística, desviando-se em intermedios solemnes do intuito geral da obra para traçar painéis na tela vasta dos campos ou, com maior amplitude, na alma das suas creaturas, Zola, cuja retina esthetica dilata todos os assumptos porque os percebe atravez da lente do seu genio no que confraternisa com as almas antigas de Miguel Angelo e do Ticiano, de cuja patria afflue o sangue que lhe circula nas veias, não vacilou em compor a symphonia de abertura da sua epopéa humana com fragmentos de lapides tumbaes, com stelos de marmore denegridos pelo tempo, com troncos carcomidos de cyrestes, com ossarias tabidas, terrosas, exhumadas do fundo de tumulos velhissimos.

O cemiterio de Plassaus, Saint Mitre, abandonado ao tempo, dormindo uma longa sesta á sombra de velhas arvores, depois de abundantemente farto, fornece subsidio precioso para a composição das paginas iniciaes da *Fortune des Rougon*.

Nesse jardim feral onde cresceu a ortiga e a açucena e a hera merencorea enrosca-se nos braços piedosos dos cruzeiros, renasce o madrigal de Capuleto.

Miette e Sylvestre encontram-se entre as tumbas, enchem com o sussurro gazil de suas confidencias o silencio do ermo triste, beijam-se como duas figuras fantasticas ao palor da lua de sorte que, se alguem os visse nos braços um do outro, estreitamente apertados, julgaria assistir á expansão posthuma de um amor insaciado em vida, o idyllo meigo de duas sombras fieis junto dos jazigos, debaixo da ramagem funebre dos salgueiros.

Zola, com essas duas creaturas, enche a vastidão silenciosa, e sem que lhe repugne trazer a flux o despojo da terra, lida com elle em todo o correr das paginas como Hamlet em Elsenour, compondo ao mesmo tempo, em duo, o poema passional dos namorados e a dansa macabra do ossuario.

Quer me parecer que o sentimento lyrico, ainda em pleno vigor de seiva na alma forte do extraordinario épico, fel-o parar contemplativamente no eremiterio, para que alli nascesse, como uma eterna saudade; a primeira flor de estylo da palma victoriosa do maior e do mais fecundo mestre da pintura escripta. E teve razão escolhendo para ponto de partida da sua tribu o cemitério isolado; se o não fez com proposito philosophico, querendo demonstrar a verdade do paradoxo scientifico: a morte é o inicio da vida; fel-o ao menos para deixar



um traço de sentimentalismo ao futuro, para que mais tarde não o accussem de empedernido e aspero, a elle, que tirou de uma elegia um hymineu e fez de um sitio tristonho o ninho de amor de duas crianças.

A morte é um phenomeno da attracção resultante, conforme os theoristas, da acção de duas forças activas: a Terra, no seu egoismo avaro do Shylock, cobrando na carne todo o longo dispendio de forças gastas em composição e nutrição do ser Deus, recolhendo a essencia para purificar-a e eternisar-a no céu.

Em velha escripta, de ignorada lavra, li com desvanecimento estas palavras que ahí vão :

«O homem gravita em torno do tumulo como a ave, rendida ao magnetismo invencivel, salta piañlo triste diante da guela aberta da serpente.

«A terra deixa-o partir para a vida como o constritor enroscada no tronco rijo dilata-se, desloca os aneis elasticos e finge dar fuga á presa para attrahil-a, cansada e exhausta, encolhendo-se pouco a pouco.

«As covas escancaradas chamam-no — a queda é fatal, inevitavel. O absoluto, o ethereo, o infinito são abstracções.»

A verdade cruel, a irrefutavel verdade tenho-a eu de um coveiro, um pobre velho concentrado, á força de viver na sombra tacita de um rétiro funebre, entre casuarinas.

— As covas, disse-me um dia com a sua palavra

morosa e surda, são como as giboias, meu senhor. Dá-se-lhe um corpo, fecham logo a bocca e entram a moel-o annos, longos annos. Por fim vai a gente ao fundo e que acha? a ossada nua, a ossada, e só. A digestão está feita, quere[m] mais, dá-se-lhes mais, meu senhor, dá-se-lhes e não se fartam nunca.

Sobre a alma teve uma resposta sincera :

— Só se eram as flores que vêm acima da terra ou os lumés tremulos. Outra coisa nunca vira.

E toda a sua philosophia resume-se nesta phrase de um fatalismo inexoravel :— Vai-se indo até chegar.

Espera a morte tranquillamente como espera a luz do dia seguinte.

O cemiterio, qualquer que ella seja, monumental ou pobre, florido de rozas, com alamedas hirtas de cypresses, com salgueiros debruçados sobre cupolas de jazigos nobres, os muros cobertos de allamandas e de lyrios ou um simples pedaço de terreno á margem do caminho, santificado por um cruceiro tosco, sem lapides, raso e humilde, inteiramente tomado pelo massambará sylvestre, tem para mim o merecimento raro que costume attribuir ás tradições, porque o considero como um archivo humano.

Se nos fosse dado consultar o silencio infinito dos tumulos, trazendo a lumé os mysterios velados pela eterna sombra, os segredos calados pela discrição da morte; se os labios frios, emmudecidos para todo o sempre, recobrassem a palavra; se os olhos extinctos se reaccen-

dessem, o mundo extatico teria assombros e deslumbra-  
mentos ouvindo finaes de epithalamios doces e restos de  
delirios tragicos, endeixas de noivas feridas no momen-  
to nupcial do beijo e gritos allucinados contando crimes  
perguntas de mães saudosas, saudades meigas de filhos,  
toda a anciada paixão dá ultima agonia, tudo que os  
olhos nos derradeiros fremitos da vida tentaram tradu-  
zir, toda a longa estrophe do epilogo suave ou compas-  
siva, arrependida ou tremenda, apaixonada ou crente.  
Se rezam verdade as Escripturas, Deus no dia turvo do  
Supremo Juizo e os fortes cherubins impavidos recua-  
rão de assombro ao estridor reboante dos gritos dos con-  
demnados e a alleluia triumphal das almas preferidas.

Vassouras, como Plassans, tem o seu cemiterio an-  
tigo, tabernaculo santo onde repousam os ossos dos  
seus primeiros homens. Fica n'um alto, dominando a  
cidade, como uma necrópole serena.

A lei do «nivelamento de finalidade», tão apregoada  
pelos que respigam consolação para a miseria da vida  
recorrendo ao extremo da morte, não tem razão de ser  
por mais que nella insistam. Para desmentil-a basta  
percorrer as alamedas do ultimo caminho. De um lado  
perfilam-se os rijos marmores sumptuosos dos mauso-  
léos d'estylo, encimados por figuras heraldicas, des-  
vendando capellas subterraneas onde á noite freme a  
luz mortuaria de lampadarios de prata com anjos, de  
azas abertas, embocando tubas e os dizeres do epita-



phio perpetuando virtudes ou exaltando amores. Do outro lado o bairro anonymo raso, sem disticos, dividido em pequenas casas com um numero em um disco de ferro espetado na terra, para memoria do registro funebre e para conhecimento de quem apparece, de vez em vez, com uma mancheia de rosas para chorar quem não lhe pôde consolar o choro; por fim a estalagem dos infimos — a valla, fumeiro humano para onde vão, como entulho, todos os mortos da viela, toda a vasa dos hospitaes.

Neste pequeno cemiterio a distincção é mais sensivel. Dividiram-no ao meio—uma parte que o olhar devassa atravez do portão de ferro com femures encruzados e uma caveira symbolica, impõe-se pela severidade dos seus cyprestes folhudos; um dos quaes, diz o povo, visto de longe em noites de luar, tem a fórma fantastica de um monge negro, ajoelhado piedosamente em oração pelos mortos; a outra parte, para a qual se desce por uma escada de pedra, fica um metro abaixo do nivel da primeira—é um campo de terra viçosa, não se percebe que foi revolvida pela pá do coveiro, e ninguém a julgaria logar de enterro se não fossem algumas cruces de páo preto, abrindo os braços puidos acima dos pendões de matto exuberante. Ahi descansam promiscuamente escravos e tropeiros — gente que expirou na prisão dos troncos, homens livres mas

pobres, que cahiram fulminados em meio do caminho, longe do rancho hospitaleiro:

Para atravessar-se de um para outro lado pisa-se o cimento ennegrecido de uma sepultura pobre—é o caminho, não ha outro. E' ahi que repousa um santo—monsieur Rios. Elle assim o quiz, foi por seu pedido que o fizeram baixar entre os dois corpos do campo santo, quiz ser o limite, o elo entre a vaidade e a modestia, o passadiço da miseria.

Estar sobre aquelle tumulo é aproximar-se de Deus.

Pelo que refere a lenda foi um exemplo de virtudes esse parocho desconhecido. As opiniões que tenho ouvido sobre a sua existencia elevam-lhe tanto as qualidades moraes, julgam-no com tão affectuoso amor e com tamanha devoção, que é de presumir, caso exista a Suprema Glorificação dos Justos—que a terra deste pequeno retiro guarda a reliquia de um victorioso.

Esse padre, prestando-se na morte a ser o degrão dos vivos, impressionou-me suavemente e eis por que me abalancei a visitar o horto sereno de Vassouras—quiz ver de perto esse tumulo-relicario que abre caminho para a morada dos humildes.

Não tem legenda porque a que devia estar sobre o cimento em grandes letras de ouro está na alma do povo e no céu.

---